



A crise capitalista e a esquerda

David Harvey

A crise do capitalismo e a construção de alternativas

Michael Hardt

Crise abre espaço para a política do comum

Robert Kurz

A esquerda e a dialética sujeito-objeto do fetichismo moderno

E mais:

>> **Gianni Vattimo:**

Liberdade. Uma herança do cristianismo

Ricardo Abramovay:

A economia ecológica. Novos desafios

A crise capitalista e a esquerda



A crise internacional do capitalismo volta a ser, nesta primeira edição da revista **IHU On-Line** deste ano, o tema de capa. Se nas edições anteriores a crise foi abordada, alternadamente, retomando as inspirações de J. M. Keynes e Karl Marx, nesta buscamos compreender o diagnóstico e os prognósticos que especialistas, identificados com o amplo campo da esquerda, descrevem.

As contribuições de **David Harvey**, geógrafo marxista e autor do já “clássico” *A condição pós-moderna*, de **Robert Kurz**, **Reinaldo Gonçalves**, **Paul Singer**, **Ricardo Abramovay**, **Eric Toussaint**, **Michael Hardt**, **Mario Deaglio** e **James Petras** permitem visualizar os desafios que a crise internacional do capitalismo representa para a esquerda, hoje.

Gianni Vattimo, filósofo italiano, com viagem programada para estar conosco aqui na Unisinos no dia 15 de setembro deste ano, no **X Simpósio Internacional Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades**, analisa a questão da liberdade na sua relação com as religiões.

Publicamos também um poema inédito do carioca **Pádua Fernandes**.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana.

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | David Harvey: A crise do capitalismo e a construção de alternativas

PÁGINA 07 | Paul Singer: A crise e a esquerda. Diagnóstico e prognóstico diferentes

PÁGINA 10 | Eric Toussaint: Esquerda traiu projeto original do socialismo

PÁGINA 13 | Mario Deaglio: Está caindo o “muro de papel” da nova finança. Será o fim do capitalismo?

PÁGINA 16 | Michael Hardt: Crise abre espaço para a política do *comum*

PÁGINA 18 | Reinaldo Gonçalves: “O capitalismo é essencialmente um sistema irracional, instável e injusto”

PÁGINA 21 | Ricardo Abramovay: A economia ecológica e os desafios para os economistas de esquerda

PÁGINA 26 | Robert Kurz: A esquerda e a dialética sujeito-objeto do fetichismo moderno

PÁGINA 32 | James Petras: “A esquerda não pode ser um mero salva-vidas do capitalismo”

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 37 | Gianni Vattimo: Liberdade. Uma herança do cristianismo

» Invenção

PÁGINA 39 | Pádua Fernandes

» Destaques On-Line

PÁGINA 43 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Perfil Popular

PÁGINA 47 | Luís Carlos de Souza

» IHU Repórter

PÁGINA 49 | Ederson Luiz Locatelli



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

A crise do capitalismo e a construção de alternativas

Enquanto não surge um novo modelo político e econômico que possa gerar uma revolução, a alternativa é apostar nas teorias keynesianas, assegura David Harvey, geógrafo marxista

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO SANDER JEANNE | FOTO DIVULGAÇÃO

“O pensamento de esquerda não convergiu para algum consenso de propostas para enfrentar as dificuldades presentes, e pode levar algum tempo até que tal consenso surja”, aponta David Harvey, geógrafo marxista britânico. Para ele, a humanidade está vivenciando o “início de uma crise de legitimação”, na qual questiona “se o capitalismo é uma forma viável de satisfazer as necessidades humanas”.

“Sou a favor de se estabilizar o capitalismo através de medidas keynesianas que se transformem em possibilidades marxistas”, afirma David Harvey em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. “Sou favorável a isso porque um colapso ulterior do capitalismo sem nenhuma alternativa pronta para tomar seu lugar causará miséria e sofrimento incalculável para a massa da população, incluindo as pessoas que estão no setor informal, enquanto que a classe capitalista escapará relativamente incólume. A classe capitalista consolidará seu poder numa crise e tentará se proteger pela promoção de formas fascistas. A única maneira que consigo conceber de impedir isso é estabilizar o sistema a fim de criar uma ordem política mais forte para a construção da alternativa”.

Harvey é formado na Universidade de Cambridge, e atualmente é professor da City University of New York, onde trabalha com diversas questões ligadas à geografia urbana. Entre suas obras, citamos *A condição pós-moderna* (São Paulo: Loyola, 1992), *O novo imperialismo* (São Paulo: Loyola, 2004), *Espaços de esperança* (São Paulo: Loyola, 2005) e *A produção capitalista do Espaço* (São Paulo: Annablume, 2005). Confira a entrevista.



IHU On-Line - Quais são para o senhor, as propostas da esquerda frente à crise internacional?

David Harvey - O pensamento de esquerda não convergiu para algum consenso de propostas para enfrentar as dificuldades presentes, e pode levar algum tempo até que tal consenso surja. Estamos no início de uma crise de legitimação no mundo inteiro, em que um número cada vez maior de pessoas tem de questionar se o capitalismo é uma forma viável de satisfazer as necessidades humanas. Isto, por sua vez, levanta a questão de alternativas. Atualmente, há pessoas que procuram reformar o capitalismo de modo a obter maior igualdade e sustentabilidade ambiental *versus* aquelas que defendem um caminho mais revolucionário que procuraria derrubar diretamente o capitalismo. Entre estas últimas, há uma cisma profunda entre as pessoas que

consideram vital tomar o poder estatal e revolucioná-lo a caminho do socialismo e aquelas que procuram construir sistemas sociais e político-econômicos fora do capitalismo, do Estado capitalista e de suas instituições dominantes. O que é possível depende muito das circunstâncias políticas e econômicas. Nos Estados Unidos, sou a favor de um caminho de reformas que, gradativamente, leve o sistema na direção de soluções mais revolucionárias e não consigo ver outra forma de fazer isso exceto que as forças progressistas tomem o poder estatal e usem esse poder para dismantelar as estruturas de poder existentes.

IHU On-Line - Como a história da geografia mundial pode nos ajudar a compreender os rumos do capitalismo e a crise atual?

David Harvey - É muito importante en-

tender o desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo e que isso produz um terreno geográfico desigual de possíveis movimentos oposicionistas. Nos Estados Unidos, as condições objetivas e subjetivas para se dedicar à luta anti-capitalista são radicalmente diferentes das condições existentes na China ou no Brasil, e um movimento global rumo ao socialismo tem de reconhecer essas diferenças e trabalhar com elas para tentar alcançar seus objetivos.

IHU On-Line - Considerando as questões geográficas e a crise do capital, que economia o senhor vislumbra para o futuro? O fato de o leste asiático poder se transformar numa potência é sinal de alguma mudança estrutural na economia?

David Harvey - Já faz alguns anos que os Estados Unidos vêm perdendo sua po-

sição hegemônica dentro da economia global. Eles perderam sua dominância na manufatura nas décadas de 70 e 80, e agora estão perdendo sua dominância nas finanças, bem como sua influência política e autoridade moral (que estão sendo parcialmente recuperadas agora pela eleição de Obama). A única coisa que restou é o poder militar, e ele é limitado em terra, como vemos no Iraque e no Afeganistão.

O mundo está se tornando muito mais multipolar com a ascensão da China e do Leste da Ásia como centro importante de poder, com a formação da União Europeia. As propostas de formar um banco latino-americano sugerem que essa região também poderá se tornar um poder regional mais consolidado.

IHU On-Line - É possível resgatar o capitalismo dos capitalistas e “de sua falsária ideologia neoliberal”? Em que medida isso pode ser feito pela esquerda?

David Harvey - O neoliberalismo não acabou. Formas secretas dele ainda estão profundamente arraigadas em instituições e estruturas financeiras, e, se o neoliberalismo tem a ver com a consolidação do poder de classe, é bem possível que vejamos uma consolidação ulterior disso até chegarmos a ficar sem as legitimações ideológicas da ciência econômica do livre mercado. É a esta consolidação do poder de classe capitalista que a esquerda tem de se opor resolutamente, até nas ruas, se necessário. Esta é grande batalha que tem de ser travada por todas as facções da esquerda.

IHU On-Line - Economistas de todo o mundo recorreram às teorias de Marx e Keynes para pensar em alternativas à crise. Considerando o atual momento, a esquerda pode fazer mais do que isso, ou seja, propor novas alternativas ao invés de ficar atrelada apenas a essas teorias de salvamento da economia?

David Harvey - Esta é uma questão controvertida, de modo que vou dar minha própria opinião. Sou a favor de se estabilizar o capitalismo através de medidas keynesianas que se transformem em possibilidades marxistas. Sou favorável a isso porque um colapso ulterior do capi-

“A regra áurea neoliberal, desde a década de 70, tem sido salvar as instituições financeiras às expensas do povo, e é exatamente isto que estamos vendo agora”

talismo sem nenhuma alternativa pronta para tomar seu lugar causará miséria e sofrimento incalculável para a massa da população, incluindo as pessoas que estão no setor informal, enquanto que a classe capitalista escapará relativamente incólume. A classe capitalista consolidará seu poder numa crise e tentará se proteger pela promoção de formas fascistas. A única maneira que consigo conceber de impedir isso é estabilizar o sistema a fim de criar uma ordem política mais forte para a construção da alternativa. Mas sei que muitas pessoas discordarão de mim, e não estou totalmente certo de ter razão.

IHU On-Line - Para o senhor, a esquerda de hoje pretende desaparecer com o capitalismo ou reformulá-lo?

David Harvey - O projeto de longo prazo é criar a alternativa ao capitalismo, e o longo prazo não pode ser muito longo porque esta crise nos mostra que o capitalismo como sistema histórico mundial está próximo de seu fim e suas possibilidades estão perto de serem exauridas. Portanto, temos de passar de modo rápido, mas deliberado, pela reforma para a transformação revolucionária.

IHU On-Line - Diante da crise, muitos especialistas tratam da importância de regular o mercado. Nesse sentido, que função deve ser desempenhada pelo Estado? Que estratégia é primordial nesse momento?

David Harvey - Nossos problemas atuais não serão resolvidos pela regulamentação, absolutamente. Essa não é a

questão. O Estado tem um papel crucial a desempenhar no lançamento de um programa de estabilização para o capitalismo, mas, por definição, esse programa de estabilização tem de empoderar os trabalhadores, de modo que, quanto mais empoderados estiverem, tanto mais o Estado se tornará um instrumento em suas mãos que pode ser usado para delinear a transição para o socialismo.

IHU On-Line - O senhor concorda com as medidas adotadas pelos governos mundiais, que estão disponibilizando dinheiro para salvar instituições falidas? Por que não há uma redistribuição de recursos a favor dos setores mais necessitados da sociedade? Quais serão as consequências disso a longo prazo?

David Harvey - A regra áurea neoliberal, desde a década de 70, tem sido salvar as instituições financeiras às expensas do povo, e é exatamente isto que estamos vendo agora. É por isso que eu digo que o neoliberalismo não acabou. Essa preferência por salvar as instituições financeiras e, ao mesmo tempo, ferrar o povo continuará, a menos que haja uma oposição maciça a ela. Se isso continuar, talvez saíamos da crise atual de tal forma que muitos de nós terão perdido seu ganha-pão e seus ativos, e ainda por cima seremos lançados de novo numa crise mais profunda e mais complicada daqui a cinco anos. A frequência e a profundidade das crises financeiras aumentaram nos últimos 30 anos de dominação neoliberal, e isso não deixará de ser assim até que desmantulemos a versão neoliberal do capitalismo e, em última análise, o próprio capitalismo. Mas temos de fazer isso dando um passo de cada vez.

BAÚ DA IHU ON-LINE

>> Sobre essa temática da mídia, a IHU On-Line já produziu outras edições. O material está disponível no nosso site www.unisinos.br/ihu

* Jovens, violências e mídia: construções de significados. Edição 82, publicada em 03-11-2003;

* Ética e Mídia. Edição 109, publicada em 02-8-2004;

* Mídia e Política. Edição 202, publicada em 30-10-2006.

A crise e a esquerda. Diagnóstico e prognóstico diferentes

A esquerda está dividida quando o tema é encontrar soluções para a crise financeira internacional. Mas isso não representa falta de propostas e esvaziamento teórico, considera o economista Paul Singer

POR PATRICIA FACHIN | FOTO DIVULGAÇÃO

Há 60 anos, a esquerda diverge sobre posições políticas e econômicas. Entretanto, esse indicativo não demonstra, na opinião do economista Paul Singer, um vazio teórico por parte da esquerda. Ele divide a esquerda em duas partes. A “keynesiana”, explica, “propõe a restauração do crédito mediante a nacionalização dos bancos quebrados, além do aumento vigoroso da inversão pública e de políticas redistributivas da renda, que recuperem o mercado interno”. Por sua vez, a esquerda herdeira da ortodoxia marxista “tem como proposta lógica a revolução proletária como única saída”.

Defensor de alternativas energéticas ecologicamente corretas, Singer também aposta no crescimento econômico, e diz que não é preciso renunciar ao próprio crescimento. Este, argumenta, “pode ser proporcionado também pelo ecossocialismo, sem perda de recursos naturais irrecuperáveis”. Para ele, a construção de uma sociedade ecossocialista é possível e já está acontecendo através de uma “miríade de empreendimentos solidários, nos numerosos interstícios que o capitalismo se mostra já há muito tempo incapaz de preencher”.

Singer é graduado em Economia e Administração e doutor em Sociologia, pela Universidade de São Paulo (USP). É professor da USP desde 1984, e secretário de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego. Além disso, é autor de vários livros, entre eles *Globalização e desemprego: diagnósticos e alternativas* (São Paulo: Contexto, 1998), *O Brasil na crise: perigos e oportunidades* (São Paulo: Contexto, 1999), *Para entender o mundo financeiro* (São Paulo: Contexto, 2000) e *Economia socialista* (São Leopoldo: Perseu Abramo, 2000). Confira a entrevista que realizamos por e-mail. Confira a entrevista.



IHU On-Line - Duas ideias se tornaram unânimes: a crise será duradoura e os seus efeitos devastadores. Arrastará parte considerável do planeta para a recessão, e os indicadores sociais, particularmente do emprego, se agravarão. Por outro lado, observase dificuldades da esquerda em apresentar propostas. O senhor concorda com a análise que assistimos a certo vazio teórico das esquerdas? Quais são, para o senhor, as propostas da esquerda frente à crise?

Paul Singer - Não há unanimidade na esquerda quanto ao diagnóstico das causas da crise e por consequência tampouco quanto ao prognóstico e menos ainda no que propor para superar a crise e criar uma economia imune a crises como esta. Cumpre notar que a última vez em que a esquerda mundial pôde se unir foi no combate

prioritário ao nazifascismo na Segunda Guerra Mundial já faz mais de 60 anos. Desde então, ela sempre esteve dividida entre diversas interpretações e diferentes programas.

Hoje, uma parte da esquerda sustenta que o keynesianismo apresenta um repertório de políticas anticíclicas que se mostrou eficaz contra a recessão dos anos 1930 e continua sendo eficaz atualmente. Por isso mesmo, a maioria dos governos afetados pela crise estão desenvolvendo programas keynesianos, sem sequer se dar ao trabalho de justificar a reviravolta face às teses neoliberais, até há pouco hegemônicas. O diagnóstico da crise para esta parte da esquerda (à qual pertença) é que ela tem por causa o estouro de bolhas imobiliárias em diversos países, que provocou ampla inadimplência de credores hipotecários, arruinando os

maiores intermediários financeiros do mundo, nos Estados Unidos, na União Europeia e no Japão. A crise financeira resultante eliminou quase toda oferta de crédito à produção, ao comércio e ao consumo, provocando, assim, aguda retração da economia real. O que acarreta rápido aumento do desemprego e da pobreza nos países mais industrializados.

Outra parte da esquerda atribui a crise a uma falha sistêmica do modo de produção; a crise seria de superprodução causada pela concentração da renda resultante das políticas neoliberais. A insuficiência da demanda popular por bens e serviços de consumo levaria à queda da taxa de lucro e, consequentemente, à depressão da economia real. Portanto, a crise só poderia ser superada se houvesse redistribuição da renda, o que seria

impossível sem a abolição do capitalismo. São os que sustentam estes pontos de vista que prevêem que a crise será longa e devastadora e que só vai cessar quando houver mudanças sistêmicas anticapitalistas.

Não é verdade, portanto, que haja um vazio teórico na esquerda e nem que ela não tenha propostas. A esquerda “keynesiana” propõe a restauração do crédito mediante a nacionalização dos bancos quebrados, além do aumento vigoroso da inversão pública e de políticas redistributivas da renda, que recuperem o mercado interno. A esquerda herdeira de certa ortodoxia marxista tem como proposta lógica a revolução proletária como única saída.

IHU On-Line - O desemprego já é uma realidade na conjuntura atual. Que outras transformações prevê para esse cenário?

Paul Singer - Neste momento, a crise está se aprofundando, nos países centrais, devido à paralisação dos seus sistemas financeiros. Somente países como o Brasil, a China e outros, em que grande parte da banca é pública, têm meios de recuperar rapidamente o crédito por meio da expansão da oferta de crédito pelos bancos estatais. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, a nacionalização de bancos apenas conseguiu impedir que sofressem corridas dos clientes para sacar depósitos, mas ela está longe de suscitar uma oferta de crédito que permita a restauração do consumo, das vendas e, portanto, do nível de emprego. Tanto bancos como grandes indústrias e companhias de seguro estão revelando prejuízos bilionários, o que reduziu o valor dos seus capitais cotados em bolsa a uma fração mínima do seu nível pré-crise. O governo Obama está recapitalizando estas firmas, mas elas só sobrevivem. Quando os planos de inversão pública do presidente Obama se tornarem realidade nos EUA, o que ainda vai levar meses, é de se esperar que comece a recuperação da economia real.

Cenário brasileiro

No Brasil, a situação é diferente: as firmas não tiveram prejuízos exor-

bitantes, o crédito está sendo restaurado aos poucos pelos bancos federais e o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) está em plena execução. No futuro próximo, pode-se prever o agravamento da crise no centro desenvolvido da economia mundial, mas os países periféricos em desenvolvimento, que antes da crise estavam liderando o crescimento mundial — China, Índia, Venezuela, Argentina e outros — mostram ter condições de limitar a crise aos setores mais afetados pela queda da demanda externa e substituí-la pela expansão do mercado interno por meio de amplos programas de investimentos liderados pelo setor público.

“A última vez em que a esquerda mundial pôde se unir foi no combate prioritário ao nazifascismo na Segunda Guerra Mundial já faz mais de 60 anos. Desde então, ela sempre esteve dividida entre diversas interpretações e diferentes programas”

IHU On-Line - A crise mundial afeta também os empreendimentos da economia solidária, ou els, por funcionarem com outra lógica, são menos afetados?

Paul Singer - Os empreendimentos de economia solidária não visam lucro e não despedem trabalhadores, mesmo quando seu mercado se retrai, porque todos são co-proprietários deles. Parte dos empreendimentos de economia solidária integra redes em que eles intercambiam seus produtos e por isso são menos afetados pela queda

da demanda decorrente da crise. Mas muitos outros empreendimentos solidários dependem de setores do mercado atingidos pela crise e, portanto sofrem a retração de suas vendas. Como as demais empresas, eles necessitam de crédito para sobreviver ao período de vacas magras. Torna-se urgente que os bancos públicos ofereçam crédito abundante e a juros baixos às cooperativas de pequenos produtores e às empresas recuperadas até que o PAC, os aumentos do salário mínimo e da Bolsa Família e demais políticas redistributivas do governo de Lula consigam promover o retorno do crescimento da economia.

IHU On-Line - A crise, para além de romper com a hegemonia da financeirização do mundo, não seria também uma oportunidade para avançar em direção a uma sociedade sustentável?

Paul Singer - A redução da atividade econômica, promovida pela crise, oferece uma espécie de trégua na guerra que o capital trava contra a preservação da natureza. Pode ser uma trégua, mas jamais a paz. Como uma parte não desprezível da humanidade ainda carece de meios para satisfazer suas necessidades essenciais, um modo de produção que vise o bem-estar de todos não pode abrir mão do crescimento econômico.

É possível conciliar crescimento com sustentabilidade ambiental por meio de tributação pesada das atividades poluidoras e com a arrecadação destes impostos subsidiar atividades ecologicamente corretas que as substituam. São exemplos o desenvolvimento de usinas eólicas, coletores de energia solar e a produção de energia a partir da biomassa em lugar das usinas movidas a carvão ou a petróleo, a agricultura e o extrativismo ecológicos em lugar dos monocultivos com uso intensivo de poluidores químicos etc. O que deve culminar num consenso internacional sobre o combate do aquecimento da terra, em cada país planejado e pactuado entre sociedade e Estado, com cronogramas aprovados por tratado internacional, já inaugurado pelo Protocolo de Kyoto.

IHU On-Line - É possível propor um modo de produção e consumo calcado no bem-estar e não no crescimento econômico? Como inserir o ecossocialismo nessa proposta de mudança?

Paul Singer - Se o objetivo é proporcionar bem-estar a todos e não só a alguns, o crescimento econômico continua sendo imprescindível. É claro que esta tese é contestada pelos que apontam a considerável destruição de recursos naturais já ocorrida nos últimos dois séculos, em função do crescimento comandado pelo capitalismo em acelerada expansão no mundo. Hoje, a opinião pública já compreende que o capitalismo livre de controle pelo estado é insustentável, mas daí não segue que é preciso renunciar ao próprio crescimento. Este pode ser proporcionado também pelo ecossocialismo, sem perda de recursos naturais irrecuperáveis.

Ecossocialismo

A proposta do ecossocialismo é construir uma economia cujas empresas não visem maximizar o lucro privado, mas que tenham por meta sua própria sobrevivência e, portanto, da humanidade, num mundo em que o povo que produz e consome tenha efetivamente bem-estar, não só pela satisfação de suas necessidades materiais, mas também pelo desenvolvimento multilateral das suas potencialidades e aspirações enquanto indivíduos e coletividades. O que exige a substituição do capitalismo por uma sociedade sem classes, em que todos terão reais possibilidades de participar de todo tipo de atividades, não enquanto assalariados, mas como gestores autônomos de empreendimentos unipessoais, familiares, associativos ou comunitários, de diferentes tamanhos e diversas formas de organização, mas sempre preservando seu caráter socialista, ao não admitir qualquer distinção de poderes entre os que pensam e os que executam, entre os que mandam e os que obedecem, entre os que aportam mais recursos intelectuais ou materiais e os que aportam menos. A prova de que uma sociedade ecossocialista é possí-

vel no mundo de hoje é que ela já está sendo construída por uma miríade de empreendimentos solidários, nos numerosos interstícios que o capitalismo se mostra já há muito tempo incapaz de preencher.

IHU On-Line - Em que sentido a crise pode possibilitar um novo rumo econômico e político para o Brasil, estabelecendo assim um projeto de nação para o país? A esquerda pode, neste momento de cautela, tornar o país competitivo internacionalmente, alavancando o crescimento econômico e a soberania nacional?

Paul Singer - A crise assume tal gravidade, no plano mundial, que impede o prosseguimento das políticas neoliberais até há pouco praticadas pela maioria das nações. Em seu lugar, o Estado volta a assumir o comando da

**“O projeto político
da esquerda deveria
ser de uma democracia
capaz de se tornar
cada vez mais direta
e participativa”**

economia com a meta imediata de assegurar o pleno emprego compatível com certa estabilidade dos preços.

Além disso, a esquerda terá de escolher entre manter os intermediários (bancos, fundos, companhias de seguro etc.) em mãos privadas ou só admitir que sejam públicos ou autogeridos pelos próprios depositantes. Há boas razões para dar preferência à segunda alternativa: primeiro, os bancos públicos ou cooperativos não buscam o lucro e por isso não especulam com o dinheiro dos depositantes; segundo, por outro lado, é difícil impedir que bancos capitalistas apliquem o dinheiro dos depositantes em ativos cujo valor é diariamente determinado em leilões e por isso depende do humor dos especuladores; terceiro, bancos

capitalistas não têm interesse em em prestar pequenas quantias a pequenas e médias empresas, porque o montante de juros pagos por estas últimas não compensa o custo fixo mínimo de qualquer empréstimo, acrescido do risco de inadimplência, que é tanto maior quanto menor for o tamanho do devedor.

Por outro lado, não cumpre à esquerda tornar o país internacionalmente competitivo, mas eliminar a obrigatoriedade do livre comércio hoje vigente por força de tratados internacionais. Estes impedem aos governos nacionais de regular o comércio do seu país com os demais, o que deixa esta regulação a um punhado de transnacionais, em geral pertencentes a capitalistas dos países dominantes. A restauração do comando governamental da economia nacional seria apenas aparente se a movimentação de capitais e mercadorias sobre as fronteiras nacionais continuasse condicionada à busca privada do lucro máximo. A globalização hoje vigente, tanto das finanças quanto do comércio é uma das causas da crise e sua revogação é imprescindível para que a economia das nações atinja sustentabilidade, pleno emprego dos recursos e redução ininterrupta das desigualdades.

IHU On-Line - Qual deveria ser o projeto político da esquerda?

Paul Singer - O projeto político da esquerda deveria ser de uma democracia capaz de se tornar cada vez mais direta e participativa.

BAÚ DA IHU On-**LINE**

>> Paul Singer concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Elas estão disponíveis na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu).

Entrevistas:

* *Duas crises e o limite ecológico do mundo. Onde vamos parar?* Entrevista publicada nas *Notícias do Dia*, do site do Instituto Humanitas Unisinos — IHU, www.unisinos.br/ihu, em 16-05-2008;

* *Por um sistema financeiro social.* Artigo publicado nas *Notícias do Dia*, do site do Instituto Humanitas Unisinos — IHU, www.unisinos.br/ihu, em 10-07-2007;

* *Uma política de economia solidária.* Artigo publicado nas *Notícias do Dia*, do site do Instituto Humanitas Unisinos — IHU, www.unisinos.br/ihu, em 27-03-2007.

Esquerda traiu projeto original do socialismo

A esquerda precisa romper com a distância que há entre teoria e prática, aconselha o politólogo belga Eric Toussaint

POR PATRICIA FACHIN | FOTO DIVULGAÇÃO | TRADUÇÃO LUCIANA CAVALHEIRO

Ao avaliar a crise internacional e as propostas da esquerda frente à catástrofe que se forma no mundo contemporâneo, Eric Toussaint apresenta duas esquerdas diferentes e diz que ambas propõem rumos distintos para resolver o emaranhado que se formou nos últimos anos. A esquerda radical, explica, ainda se preocupa com o socialismo e com as questões ecológicas, fala em ecosocialismo, se manifesta através dos movimentos sociais, e luta para pôr em prática “soluções anticapitalistas, feministas e anti-racistas”. Na outra frente, está a esquerda social liberal ou social democrata, presente em governos como Barack Obama, Lula, Gordon Brown, Zapatero. Esses, afirma, além de investirem num modelo econômico neoliberal, são incapazes de perceber a amplitude da crise ecológica, “reforçam o modo de produção produtivista colocando talvez um pouquinho da cor verde sem, de forma alguma, adotar as medidas radicais que se impõem”.

A crise civilizatória por qual passa a humanidade atualmente é também, para o politólogo belga, reflexo da história da esquerda social democrata que “adaptou-se à sociedade capitalista”. Em entrevista especial concedida por telefone à **IHU On-Line**, Toussaint diz que, além de não se respeitar a “verdadeira democracia baseada na autogestão”, “a crise profunda da esquerda está ligada, de certa forma, a uma deformação das propostas dos socialistas, dos comunistas como Karl Marx e Friedrich Engels”. Ao defender o socialismo do século XXI, ele ressalta que ele não deve reproduzir o que foi colocado em prática no século XX, mas, sim, “ser uma resposta profundamente democrática e autogerenciável às experiências negativas do passado”.

Questionado sobre a possibilidade de construir uma proposta mais radical que leve ao fim do capitalismo, ele é incisivo: “Isso implica em profundas mobilizações sociais para recolocar em pauta um verdadeiro processo revolucionário como o que triunfou há 50 anos em Cuba, em 01 de janeiro de 1959”. E enfatiza: “É preciso uma nova política anticapitalista, socialista e revolucionária que deve incluir uma dimensão feminista, ecologista, internacionalista, anti-racista. É preciso que estas diferentes dimensões sejam integradas de maneira coerente no que está em jogo no socialismo do século XXI.”

Eric Toussaint é doutor em Ciências Políticas, pela Universidade de Liège, Bélgica, e pela Universidade de Paris VIII, França. É autor de *A bolsa ou a vida* (São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002). Confira a entrevista.



IHU On-Line - O senhor diz que para resolver os problemas das crises globais é necessário fazer uma ruptura radical. Isso ainda pode ser proposto pela esquerda? Como?

Eric Toussaint - Pode-se constatar, claramente, que a proposição de uma ruptura radical com a sociedade capitalista é feita por setores da esquerda, como partidos e organizações sociais. Ela partiu da esquerda radical em todo o mundo, através de partidos da esquerda revolucionária como, no Brasil, o PSOL, o PSTU. Há outros partidos com esta mesma orientação na América Latina. Na Europa, se constroem

partidos revolucionários, como na França, onde acaba de ser fundado, há um mês, o novo partido anticapitalista (NPA),¹ que tem como figura pública o funcionário dos correios Olivier Besancenot.² Temos o mesmo processo em

¹ **Novo Partido Anticapitalista (NPA)**: criado a partir de um congresso fundador com a presença de Olivier Besancenot entre 5 e 8 de fevereiro de 2009, o NPA tem como referências programáticas a ruptura com o capitalismo e a independência total em relação ao Partido Socialista francês. Conhecido como “esquerda da esquerda” francesa. Para maiores informações, consulte as **Notícias do Dia** 18-02-2009, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU (www.unisinos.br/ihu), sob o título *Nasce, na França, o Novo Partido Anticapitalista*. (Nota da IHU On-Line)

² **Oliver Besancenot**: integrante do Novo Par-

outros países, igualmente na Ásia. No que se refere aos movimentos sociais, toma-se conhecimento de suas declarações, adotadas no momento do Fórum Social Mundial em Belém, em 30 de janeiro. Constata-se também que esta declaração de movimentos sociais convida a uma ruptura total com o capitalismo e recusa a perspectiva

tido Anticapitalista (NPA), fundado em fevereiro de 2009. Nas eleições presidenciais de 2002, obteve 4,25% dos votos como candidato da Liga Comunista Revolucionária (LCR). Desde os 14 anos, é filiado a Juventude Comunista Revolucionária. Besancenot é formado em História e trabalha atualmente como carteiro, na França. (Nota da IHU On-Line)

de uma reforma do capitalismo e de uma nova regulamentação. Se lermos a declaração da Marcha Mundial das Mulheres adotada em 1º de fevereiro em Belém e a declaração final dos povos indígenas, percebemos que a mesma opção é afirmada.

Então, minha resposta é: é claro que hoje, no mundo, diferentes partidos e diferentes organizações sociais propõem uma ruptura radical com o capitalismo.

IHU On-Line - Entre os setores da esquerda, duas opções são discutidas quando trata-se de pensar em modificações. Alguns buscam a superação da fase neoliberal recuperando um desenvolvimento regulado pela ação estatal, e outros defendem uma ruptura socialista. Esses são caminhos possíveis? Não está na hora de propor algo novo?

Eric Toussaint - Sim, é claro que estes caminhos são possíveis. O primeiro esquema que você descreve é colocado em prática por organizações de esquerda que estão na situação de governo. Esta é a política, por exemplo, de Luiz Inácio Lula da Silva, no Brasil; essa é a mesma política aplicada por Cristina Kirchner,³ Bachelet⁴ etc. Na Argentina, há dois meses, o governo de Cristina Kirchner renacionalizou os fundos de pensão. Então, estas políticas de recuperação, que é a primeira observação que você apresenta em sua questão, são colocadas em prática. Mas isso não permite responder, em minha opinião, ao desafio que nos estabelece a crise global. Pode-se constatar que a aceitação política que mantém a dominação da crise capitalista sobre o conjun-

to da sociedade é a de que o Estado intervém facilmente como o Estado bombeiro para parar o incêndio provocado pela crise global do capitalismo. Então, a outra observação que propõe uma verdadeira ruptura socialista é o de um Estado de proposição. Não posso citar governos, atualmente no poder, que coloquem em prática de maneira coerente esta orientação, mesmo se alguns deles, como os de Hugo Chávez⁵ ou de Evo Morales,⁶ agem parcialmen-

“É preciso romper com a distância que há entre a teoria e a prática. É preciso voltar à teoria no que ela tinha de revolucionário e inovador. É necessário integrar às contribuições de Marx a reflexão sobre os problemas da sociedade de hoje”

te nesta direção. Seus discursos são de ruptura socialista, mas suas práticas são mais moderadas do que isso. Então, será que o esquema mais radical é possível? Certamente que ele é possível. Mas isso implica em profundas mobilizações sociais para recolocar em pauta um verdadeiro processo revolucionário como o que triunfou há 50 anos em Cuba,⁷ em 1º de janeiro

de 1959. Nesse momento, se assistiu a uma verdadeira revolução com mudanças intensas, com profundas redistribuições de riquezas, uma supressão do controle pelos capitalistas dos grandes meios de produção e uma profunda democratização também. Na sequência, Cuba, submetida ao bloco dos Estados Unidos e, igualmente, à influência da União Soviética, mudava parcialmente de direção. Mas não se pode esquecer disso. E eu acabo de indicar que isso começava por um autêntico processo revolucionário. Não vejo por que, diante desta crise capitalista global, não se poderia, novamente, conhecer, no futuro, explosões revolucionárias, como se conheceu em Cuba.

IHU On-Line - O senhor argumenta que o atual momento não trata apenas de uma crise econômica ou financeira, e diz que a questão é muito mais profunda. Em que sentido esse emaranhado global tem a ver também com a crise da esquerda? Podemos dizer que ambos aspectos estão entrelaçados?

Eric Toussaint - Sim. Há, efetivamente, uma crise da gestão social e liberal. E eu entro na gestão social liberal, na política do governo Lula, na política do governo Zapatero,⁸ na Espanha, ou de Gordon Brown,⁹ na Grã-Bretanha para dar exemplos, ao mesmo tempo, na Europa e na América do Sul. Há uma crise profunda, pois há aqueles que votaram para colocar estes governos no poder esperando outro tipo de política. É preciso lembrar, em todo o caso na eleição de Lula, que o programa com o qual ele foi eleito em 2002 anunciava uma verdadeira ruptura com as questões neoliberais. Ao invés

3 Cristina Elisabet Fernández de Kirchner (1953): política e advogada argentina. Ex-senadora pela província de Buenos Aires, Cristina é a atual presidente da Argentina. Casada com o ex-presidente Nestor Kirchner, entre 2003 e 2007 foi primeira-dama do país. (Nota da IHU On-Line)

4 Verónica Michelle Bachelet Jeria (1951): médica e política chilena. É a atual presidente da República do Chile, eleita em 2006. Desde 2008, é também presidente da União de Nações Sul-Americanas. Membro do Partido Socialista do Chile, ela ocupou o lugar de Ministra da Saúde no governo de Ricardo Lagos, entre 2000 e 2002, e, mais tarde, o cargo de Ministra da Defesa, sendo a primeira mulher a exercer este cargo na América Latina. (Nota da IHU On-Line)

5 Hugo Rafael Chávez Frias (1954): político e militar venezuelano. É o 53º e atual presidente da Venezuela. (Nota da IHU On-Line)

6 Juan Evo Morales Ayma (1959): é o atual presidente da Bolívia e líder do movimento esquerdista boliviano *cocalero*. Morales é também líder do partido Movimento para o Socialismo. (Nota da IHU On-Line)

7 **Revolução cubana:** movimento popular que consistiu na derrubada do governo de Fulgencio Batista pelo movimento de 26 de Julho e o estabelecimento de um novo governo liderado por Fidel Castro, no início de 1959, durante o período da Guerra Fria. (Nota da IHU On-Line)

8 José Luis Rodríguez Zapatero (1960): político e professor espanhol. Tornou-se o quinto presidente do governo da Espanha desde a restauração democrática em 1978. Foi secretário-geral do Partido dos Trabalhadores Socialistas espanhol (PSOE), desde 2000. Entre as medidas realizadas no seu governo, destacam-se a retirada das tropas espanholas do Iraque, a legalização do matrimônio entre homossexuais e uma nova regulamentação para os imigrantes. (Nota da IHU On-Line)

9 James Gordon Brown (1951): primeiro ministro britânico e membro do Partido Trabalhista. Assumiu o cargo em 2007, sucedendo Tony Blair. Foi Ministro das Finanças do Reino Unido desde o início do governo de Tony Blair, em 1997. (Nota da IHU On-Line)

de uma ruptura, assistiu-se a uma continuidade. Então, a crise de credibilidade da esquerda faz parte da crise global. É claro que, na memória coletiva, há também os ciclos dramáticos da experiência do socialismo real do século passado. Na memória coletiva, fica a ideia de que o socialismo é associado com uma estatização completa da economia, com a dominação de um partido único e uma ausência de verdadeira liberdade democrática. Então, há, por um lado, um balanço muito negativo da gestão social liberal, ou seja, da política social democrata, e, por outro, um balanço desastroso da gestão do cachimbo staliniana ou do socialismo burocrático que dominou a experiência do bloco soviético do século XX. Ainda não se superou esta crise de credibilidade. E é isto que está em jogo no debate do que alguns chamam de socialismo do século XXI. O socialismo do século XXI deve ser uma resposta profundamente democrática e autogerenciável às experiências negativas do passado. Então, não se trata de reproduzir o que foi colocado em prática no decorrer do século XX. Trata-se de, diante desta crise global do sistema capitalista, com aspecto de crise de civilização, responder igualmente à crise da esquerda. É preciso uma nova política anticapitalista, socialista e revolucionária, que deve incluir uma dimensão feminista, ecologista, internacionalista, anti-racista. É preciso que estas diferentes dimensões sejam integradas de maneira coerente no que está em jogo no socialismo do século XXI.

IHU On-Line - O que está acontecendo com a esquerda mundial? Por que existe uma lacuna entre a teoria e a prática do pensamento político de esquerda?

Eric Toussaint - A esquerda mundial atravessa uma crise profunda devido a sua história. A história da corrente social democrata é uma derrota profunda, pois adaptou-se à sociedade capitalista. É também a derrota da esquerda, para utilizar uma palavra conhecida, da esquerda staliniana, ou seja, a experiência que dominou as tentativas de construção do socialismo na União Soviética e na China. Esta também foi uma derrota profunda, pois não se respeitou a verda-

deira democracia baseada na autogestão, porque se quis tudo estatizar e tudo dominar a partir do Estado. Houve um profundo erro. O socialismo não é o controle de toda economia pelo Estado. E, justamente, a crise profunda tem a ver com a questão seguinte que você previu. A crise profunda da esquerda está ligada, de certa forma, a uma deformação das propostas dos socialistas, dos comunistas como Karl Marx¹⁰ e Friedrich Engels.¹¹ Karl Marx dizia que a sociedade à qual nós aspiramos, o comunismo, é a associação livre dos produtores livres. Dizia também que a emancipação dos trabalhadores será a obra dos próprios trabalhadores. Marx acrescentava que o Estado, no comunismo, terá desaparecido. E o socialismo é a transição entre o capitalismo e o comunismo. E, no socialismo, o Estado existe ainda, mas, ele existe de maneira provisória e deve visar ao seu próprio desaparecimento.

Ora, o que foi feito na experiência soviética? Ao invés de provocar o desaparecimento do Estado, a parte comunista, sob a direção de Stalin¹² re-

10 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A palestra *A Utopia de um novo paradigma para a economia* foi proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani, no último dia 23 de junho. A edição número 41 dos *Caderno IHU Ideias* tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, com artigo de autoria da mesma professora. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da *IHU On-Line*, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*. (Nota da IHU On-Line)

11 Friedrich Engels (1820-1895): filósofo alemão que, junto com Karl Marx, fundou o chamado socialismo científico ou comunismo. Ele foi co-autor de diversas obras com Marx, e entre as mais conhecidas destacam-se o *Manifesto Comunista* e *O Capital*. Grande companheiro intelectual de Karl Marx, escreveu livros de profunda análise social. (Nota da IHU On-Line)

12 Josef Stalin (1878-1953): ditador soviético, líder máximo da URSS de 1924 a 1953 e responsável pela condução de uma política nomeada como stalinismo. Chegou a estudar em um colégio religioso de Tbilisi, capital georgiana, para satisfazer os anseios de sua mãe, que queria vê-lo seminarista. Mas logo acabou enveredando pelas atividades revolucionárias contra o regime czarista. Passou anos na prisão e, quando libertado, aliou-se a Vladimir Lenin e outros camaradas, que planejavam a Revolução Russa. Stalin chegou ao posto de Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética entre 1922 e 1953 e, por consequen-

te, forçou como nunca o Estado, e proibiu aos outros toda uma série de expressões democráticas. Foi uma profunda perversão do projeto socialista que é, ao contrário, profundamente democrático. Se pegamos a experiência dos socialistas, o que eu chamo de social democracia, Lula, Daniel Ortega, da Nicarágua, Zapatero e Gordon Brown também não são a favor do desaparecimento do Estado. São a favor da manutenção do Estado capitalista com socialistas no governo. Então, eles precisam de um Estado capitalista regulamentando um pouquinho a atividade do capital. A esquerda que está no poder e que dominou no passado traiu o verdadeiro projeto libertador e emancipador do socialismo. Aí, estão, portanto, as razões profundas da crise da esquerda. Há uma esquerda radical e revolucionária que defende o projeto socialista original, que tenta, a partir de uma atividade nos movimentos sociais, fortalecer através de diferentes meios. Esta esquerda radical participa também das campanhas eleitorais. Ela tenta eleger parlamentares que conduzam uma luta anticapitalista nas instituições parlamentares, ligada à uma perspectiva de ruptura, não a uma perspectiva de adaptação ao sistema. A ideia é de favorecer uma autêntica revolução, uma transformação radical das relações de propriedade e das relações sociais na sociedade.

A íntegra da entrevista pode ser lida no sítio do IHU: www.unisinos.br/ihu.

te, a chefe de Estado da URSS durante cerca de um quarto de século. Sobre Stalin, confira, ainda, a entrevista concedida pelo historiador brasileiro Ângelo Segrillo à edição 265 da *IHU On-Line*, intitulada *Stalin e Roosevelt: uma troca de cartas reveladora*, analisando a obra *Prezado Sr. Stalin* (Rio de Janeiro: Zahar, 2008), de autoria de Susan Butler. (Nota da IHU On-Line)

LEIA MAIS...

>> Eric Toussaint já concedeu outra entrevista à *IHU On-Line*. Ela está disponível na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu.

Entrevista:

* *"Interconexão entre as crises"*. Edição número 285, intitulada *Alternativas energéticas em tempos de crise financeira e ambiental*, de 08-12-2008.

Está caindo o “muro de papel” da nova finança. Será o fim do capitalismo?

Para o economista italiano Mario Deaglio, a esquerda não encontra alternativas para a crise, pois seguiu, durante os últimos 20 anos, uma posição bastante conservadora

POR PATRICIA FACHIN | FOTO DIVULGAÇÃO | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER E MARIA CRISTINA TAGLIARI

“A esquerda teve medo de aplicar a análise marxiana — talvez modificando-a — à situação atual; demonstrou uma inferioridade tanto teórica como política com relação ao mercado, do qual aceitou a hegemonia; não soube construir quase nada com base nos valores das democracias sociais europeias dos anos 50 e 60.” A opinião é do economista italiano Mario Deaglio, professor de Economia internacional da Università di Torino, Itália. Em entrevista concedida com exclusividade, por e-mail, à **IHU On-Line**, ele avalia a postura da esquerda desde a queda da União Soviética e a considera conservadora. “As posições da esquerda são principalmente conservadoras, procura-se defender direitos e prerrogativas (as ‘conquistas’) dos trabalhadores que já têm um trabalho e são relativamente anciãos”, aponta. Para ele, nas sociedades ricas, “a esquerda deu muita importância aos problemas dos aposentados e pouquíssima aos dos jovens”.

Quase 20 anos se passaram desde a queda do Muro de Berlim e do colapso do regime socialista na União Soviética, e agora “está caindo o ‘muro de papel’”, aponta Deaglio. Esses momentos históricos “mostram a incapacidade dos modelos tradicionais frente às mudanças das tecnologias e das sociedades”, considera. Nesse emaranhado, a esquerda “se encontra hoje numa situação de desastre ideológico, amadurecido lentamente, enquanto que a direita hiperliberalista se encontra num desastre ideológico surgido improvisamente com a crise financeira”, explica.

Deaglio dedica-se a investigação científica sobre as economias ocidentais modernas e os problemas gerados pela globalização; trata especialmente de temas como a distribuição de renda, economia subterrânea e poupança. Ele trabalhou em vários jornais e revistas, incluindo *The Economist* e *Panorama*, e atualmente é economista do jornal *La Stampa*. Confira a entrevista.



IHU On-Line - Diante da crise financeira internacional, como o senhor percebe a estrutura das economias ocidentais modernas? É possível pensar em uma mudança na estrutura capitalista?

Mario Deaglio - De um ponto de vista externo, as modernas economias ricas se encontram num mundo improvisamente mudado: no período de 2000 a 2006, mais da metade da nova produção mundial (ou seja, do aumento do produto bruto) provém da Ásia sul-oriental. Nos 200 anos anteriores, provinha da área atlântica (que agora representa 27%). Não se trata de simples

mudança de localização das multinacionais ocidentais; de fato, estão surgindo novas multinacionais de países emergentes, entre os quais a China, Índia, Brasil, Rússia, que nos últimos anos realizaram aquisições relevantes de empresas europeias e americanas. Em síntese: não são mais os ricos de antes que estão no comando. Desse modo, o baricentro econômico do mundo está se deslocando.

De um ponto de vista interno, a crise financeira atingiu as economias ricas com uma intensidade e violência extraordinária. Isto colocou em discussão as funções da “nova burguesia”

que dominou a finança nos últimos 20 anos. Frequentemente, de modo relutante, os governos precisam intervir para salvar bancos, sociedades de seguros e outras empresas financeiras. Também neste caso, há um deslocamento de poder, da finança privada, e portanto do mercado para o Estado. Resta verificar se se trata de um fenômeno passageiro ou de uma transformação duradoura. No momento, considero mais provável a segunda hipótese.

IHU On-Line - Considerando os inúmeros impactos gerados pela crise

no mundo do trabalho, em especial no que diz respeito às demissões, como deve ocorrer a distribuição de renda nessas economias? A desigualdade tende a aumentar ou os países emergentes podem representar uma alternativa para a crise?

Mario Deaglio - Todos os governos dos países avançados, os quais sofrerão mais os efeitos da crise, deverão intervir, de maneira mais ou menos incisiva, para redistribuir a renda dos “novos ricos” (a “nova burguesia”) aos “novos pobres” (os jovens intelectuais com escassas possibilidades de trabalho estável). Não é certo que esta intervenção seja suficiente para resolver os problemas, e isto de fora os “pobres tradicionais”, ou seja, os operários e os empregados tradicionais, cujo lugar de trabalho está em risco. Por isso estão acumulando — e se acumularão ainda mais — tensões e ressentimentos que poderiam resultar numa oposição violenta, principalmente nas grandes cidades, no decorrer do próximo verão europeu.

Nos países emergentes, a situação é muito variável. Nações com um forte mercado interno e uma boa balança comercial podem dirigir o crescimento das exportações aos consumos (privados, mas principalmente públicos). Neste sentido, está se mobilizando o plano chinês de relançamento, e na mesma direção irão a Índia, o Brasil e talvez a Rússia e a Indonésia (cujas dimensões econômicas estão no limite daquilo que seria necessário). Para todos estes países, o crescimento deveria continuar, mesmo em ritmo reduzido, e, se a difícil política de conversão do crescimento terá sucesso, a grande crise comportará somente uma leve flexão no ritmo de aumento da produção. Os pequenos países da África sub-sahariana estão em maior desvantagem e podem encontrar-se imediatamente em condições críticas (não por acaso já tivemos motins e trocas violentas de governo).

IHU On-Line - A falência do sistema financeiro mundial está relacionado com seu comentário publicado no *La Stampa*, em 8-5-2002, de que a esquerda perdeu talvez uma parte de seu significado tradicional?

Mario Deaglio - Quando caiu a União Soviética, pensou-se que o capitalismo tivesse vencido sem reservas. Quase 20 anos depois da queda do muro de Berlim, está caindo o “muro de papel” da nova finança. Os fenômenos estão relacionados: mostram a incapacidade dos modelos tradicionais frente às mudanças das tecnologias e das sociedades. A esquerda, particularmente, encontra-se em dificuldade para analisar os novos tipos de trabalho (não

“Todos os governos dos países avançados, os quais sofrerão mais os efeitos da crise, deverão intervir, de maneira mais ou menos incisiva, para redistribuir a renda dos ‘novos ricos’ (a ‘nova burguesia’) aos ‘novos pobres’ (os jovens intelectuais com escassas possibilidades de trabalho estável)”

repetitivos, não facilmente expressos em termos de horas homem/máquina, exigem frequentemente iniciativa pessoal).

IHU On-Line - Nesta mesma publicação, o senhor diz também que as forças políticas, e a esquerda em particular, deveriam recomeçar a pensar alto, bem além de uma simples permanência (conservação) dos direitos tradicionais. Nesse sentido, que avanços e reformas teóricas e práticas deveriam surgir da esquer-

da, em especial num momento de crise como esse?

Mario Deaglio - Se eu soubesse com precisão, teria resolvido os problemas da esquerda! Nas sociedades ricas, a esquerda deu muita importância aos problemas dos aposentados e pouquíssima aos dos jovens. São necessárias revisões importantes; precisa-se considerar (não necessariamente adotar) projetos e experiências como aquelas do “salário de cidadania” a ser dado a todos, do “capital” para dar aos jovens quando completam 18 anos (um esquema parcialmente seguido na Grã Bretanha pelo governo Blair), do micro-crédito para os jovens e organizações de atividades gratuitas (muitas destas se desenvolvem na internet, e em mais “grupos de aquisição” por parte de núcleos de consumidores etc).

IHU On-Line - Para resolver os impasses da crise atual, economistas de todo o mundo recorreram às teorias de Keynes e Marx. Em que medida essas teorias podem ser úteis para esse momento? Chegou a hora de pensar em uma profunda renovação prática e teórica?

Mario Deaglio - Nem em Marx nem em Keynes encontramos uma receita pronta que nos cure da crise atual; em ambos encontramos acenos úteis. De Marx, me parece importante o conceito de “modo de produção”, do qual provém a distribuição de renda. Isto porque o “modo de produção” está mudando muito rapidamente. É necessário, então, unir ao tradicional raciocínio econômico, baseado no indivíduo, aquele marxiano, baseado na classe. De Keynes, me parece importante o conceito de despesa pública financiada em déficit, que será depois recuperado terminada a crise; e a ideia de que, com o aumento da renda e da riqueza, os consumos privados tendem a aumentar num ritmo inferior, por isso uma intervenção pública crescente surge como estruturalmente necessária.

Em resumo, me parece que Keynes possa servir para implantar políticas de curta duração para sair da crise e que seja necessário considerar, entre outras coisas, as ideias de Marx para implantar políticas de longo período.

IHU On-Line - Quais são as propostas da esquerda frente à crise? Em que sentido ela pode desempenhar um papel relevante na dialética da crise mundial?

Mario Deaglio - As posições da esquerda são principalmente conservadoras. Procura-se defender direitos e prerrogativas (as “conquistas”) dos trabalhadores que já têm um trabalho e são relativamente anciãos. O resultado é que os jovens não a seguem. Na minha opinião, deveria-se agir no sentido que indiquei nas duas respostas anteriores.

IHU On-Line - Como avalia a atuação da esquerda em escala mundial? Governos de esquerda pressupõem alternativas à crise?

Mario Deaglio - Nos países pobres, muitos dos objetivos da esquerda tradicional me parecem ainda perseguíveis (maiores liberdades, maiores direitos sindicais, uma sensível correção na distribuição de renda, uma rede de serviços públicos que compreenda assistência sanitária e instrução). Nos países avançados, deveria-se agir conforme indiquei anteriormente, na resposta à quarta pergunta.

IHU On-Line - Para o senhor, há atualmente um vazio teórico das esquerdas ou um “desencontro metodológico” na busca de bases comuns para uma teoria? Que lições a crise apresenta à esquerda?

Mario Deaglio - A esquerda teve medo de aplicar a análise marxiana — talvez modificando-a — à situação atual; demonstrou uma inferioridade tanto teórica como política com relação ao mercado, do qual aceitou a hegemonia; não soube construir quase nada com base nos valores das democracias sociais europeias dos anos 50 e 60. Por isso, se encontra hoje numa situação de desastre ideológico, amadurecido lentamente, enquanto que a direita hiperliberalista se encontra num desastre ideológico surgido improvisamente com a crise financeira.

Para ambos, do meu ponto de vista, pode valer a constatação de que há coisas boas no mercado, mas que o mercado é um remédio muito potente, com efeitos colaterais potencialmente graves. Por isso, deve ser tomado

nas doses corretas, que variam dependendo dos tempos. Os políticos tem a tarefa de estabelecer as “doses de mercado” adequadas; na atual fase histórico-econômica, estas doses devem ser reduzidas, mesmo sendo difícil saber o quanto.

IHU On-Line - Sendo a questão ecológica o grande desafio do século XXI, como o senhor vê a atuação da esquerda nesse sentido?

Mario Deaglio - A direita hiperliberalista apostou na capacidade de encontrar soluções de mercado para os problemas ecológicos (por exemplo, com o mercado das emissões poluidoras, com políticas baseadas em incentivos e impostos para incentivar, no sentido ecológico o comportamento dos indivíduos).

A esquerda deveria, ao contrário, aprofundar o tema das políticas públicas, com intervenções diretas, de tipo construtivo, relacionadas ao ambiente, principalmente para problemas como o desmatamento tropical, a escassez de água, a redução dos recursos dos oceanos, começando pela pesca.

Um bom resultado deveria conter um “mix” entre as duas colocações, mas a segunda é extremamente carente. Tem muito trabalho a ser feito também com relação ao impacto da produção no ambiente; muitas previsões feitas 20 ou 30 anos atrás não se realizaram (a essas alturas Veneza e as Maldivas deveriam estar embaixo d’água). Os climatologistas frequentemente ignoram conceitos econômicos fundamentais que os induzem a superestimar o emprego futuro de recursos.

IHU On-Line - As análises propostas por Negri e Hardt em relação ao mundo do trabalho, são pertinentes nesse momento de crise global? Como o senhor percebe os conceitos de Império e Multidão nesse sentido?

Mario Deaglio - O trabalho de Negri e Hardt constitui-se — no meu conhecimento — na única resposta articulada da esquerda aos problemas da globalização de mercado. O fato que tenha tido pouco impacto, constitui uma confirmação da fraqueza ideológica da esquerda.

Também Negri e Hardt, porém, pa-

recem não ter dado a devida importância à mudança que está ocorrendo no próprio conceito de trabalho, e consequentemente de “mundo de trabalho”. Num planeta onde 70% da produção é do setor de serviços, ou seja, produtos invisíveis, não armazenáveis, que frequentemente não exigem mais a concentração física dos trabalhadores, os quais podem ser encontrados em qualquer parte do mundo, instantaneamente através da internet, me parece que também esta análise seja suficiente.

Mais pertinente é a sua análise do Império,¹ ou seja, da economia e da política global centrada num só país dominante (os Estados Unidos). Ao meu ver, o Império perdeu muitas das suas prerrogativas com esta crise — que poderia ser uma crise final —, seria necessário alcançar soluções que repitam, em escala mundial, aquelas alcançadas na Europa com o Congresso de Viena² após a queda de Napoleão³ (porém, sem o seu conteúdo político conservador): um equilíbrio de potências, um conjunto de regras comportamentais frequentemente não escritas, uma harmonia mundial. Percebo que são indicações vagas, mas quando se começa a construir alguma coisa absolutamente nova, tudo tende a ser vago.

1 *Império* (5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003): obra escrita pelo intelectual italiano de esquerda, Antonio Negri, em parceria com seu ex-aluno Michael Hardt, que conferiu-lhe notoriedade nos primeiros anos do século XXI. É conhecida como um manifesto anti-globalização, cuja sequência é dada pelo livro *Multidão*. *Império* foi o primeiro livro apresentado no evento Abrindo o Livro, promovido pelo IHU, em abril de 2003. (Nota da IHU On-Line)

2 Congresso de Viena: conferência entre embaixadores das grandes potências europeias que teve lugar na capital austríaca, entre 1º de outubro de 1814 e 9 de junho de 1815, cuja intenção era a de redesenhar o mapa político do continente europeu após a derrota da França napoleônica na primavera anterior, iniciar a recolonização (como visto na Revolução Liberal do Porto, no caso do Brasil), restaurar os respectivos tronos às famílias reais derrotadas pelas tropas de Napoleão Bonaparte (como a restauração dos Bourbon) e firmar uma aliança entre os signatários. (Nota da IHU On-Line)

3 Napoleão Bonaparte (1769-1821): dirigente da França a partir de 1799 e Imperador de 18 de maio de 1804 a 6 de abril de 1814, posição que voltou a ocupar rapidamente de 20 de março a 22 de junho de 1815. (Nota da IHU On-Line)

Crise abre espaço para a política do comum

Diante da crise internacional, Michael Hardt, filósofo estadunidense, propõe o desenvolvimento da política do comum

POR PATRICIA FACHIN | FOTO DIVULGAÇÃO | TRADUÇÃO ANA PAULA PENKALA E SANDER JEANNE

Entre as críticas feitas pela esquerda ao neoliberalismo, destaca-se a necessidade de regular o mercado através do controle estatal da economia baseada principalmente nas propostas do economista John Maynard Keynes. Atrelada a esse pensamento que emergiu para mitigar os efeitos adversos dos ciclos econômicos, “isso é tudo o que grande parte da esquerda é capaz de propor”, nesse momento em que o mundo revive o colapso econômico dos anos 30, aponta Michael Hardt.

Em entrevista concedida com exclusividade à IHU On-Line, por e-mail, ele diz que concorda com medidas de regulação e controle estatal, necessários para amenizar e proteger a sociedade dos “desastres e perigos que as políticas neoliberais produziram”. Entretanto, Hardt vai além e enfatiza a necessidade de pensar em um novo modelo político. “Em uma visão mais ampla, penso que o comum ficou fora dessa equação”, lamenta. E dispara: “Muito frequentemente, hoje vemos o mundo e nossas vidas como divididos entre o público e o privado, como se essas fossem as únicas alternativas”. Recordando os ensinamentos de um dos intelectuais mais solicitados no século XXI, Hardt completa: “Marx disse: ‘A propriedade privada nos tornou estúpidos’ — e, neste caso, nos tornou cegos ao comum”.

Para o pesquisador, a crise simboliza o fim do neoliberalismo, que ainda vai perdurar por pouco tempo, mas isso não representa o fim do capitalismo. “Estamos em um período de interregno no qual a ideologia e a estratégia do capitalismo acabaram e uma nova ainda não começou”, conclui.

Teórico literário e filósofo político, Hardt leciona na Duke University, na Carolina do Norte. Parceiro intelectual de Antonio Negri, escreveu com o autor italiano as obras *Império* (Rio de Janeiro: Record, 2001) e *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro: Record, 2005). No ano passado, Hardt lançou em parceria com Gregory Conti e Christian Marazzi, a obra *Capital and language* (MIT Press, 2008). Com Christian Marazzi confira a entrevista “Política do comum: uma fonte direta de valor econômico”, publicada em 23-03-2009 nas **Notícias do Dia** do sítio do Instituto Humanitas Unisinos — IHU (www.unisinos.br/ihu). Confira a entrevista.



IHU On-Line - Qual é a resposta da esquerda diante desse cenário de catástrofe econômica, social e ecológica?

Michael Hardt - As respostas mais visíveis da esquerda para a crise financeira e econômica se focam na mudança de mercados livres pela regulação estatal e de propriedade privada para propriedade pública.

Tem se tornado uma hipótese dominante a de que corporações capitalistas e mercados requeiram um nível muito mais alto de regulação e controle estatal do que estiveram sujeitos nos últimos trinta anos.

Na verdade, é interessante o quão rápido a visão dominante mudou, espe-

cialmente na mídia. A ideologia do neoliberalismo e suas estratégias econômicas de privatização foram difundidas extraordinariamente. Nos Estados Unidos, qualquer um que criticou o neoliberalismo e alertou sobre seus perigos foi ridicularizado ou ignorado pelos meios de comunicação. Até mesmo governos de esquerda pelo mundo foram forçados, em muitos casos, a adotar estratégias neoliberais. Nos últimos seis meses, houve uma extraordinariamente rápida mudança profunda, tanto que a *Newsweek* pode proclamar em sua capa: “Somos socialistas agora”.

IHU On-Line - Isso representa o fim do capitalismo e do neoliberalismo?

Como a teoria do império contribui para pensar esse cenário?

Michael Hardt - Não, não é o fim do capitalismo, mas eu diria que sim, o neoliberalismo está morto. Estamos em um período de interregno no qual a ideologia e a estratégia do capitalismo acabaram e uma nova ainda não começou. Dizer que o neoliberalismo está morto não quer dizer que não possa ainda ter poderosos e horríveis efeitos. Por exemplo, nos Estados Unidos, dar dinheiro do governo para salvar os bancos (e talvez as corporações de automóveis) é outra forma de transferir dinheiro público para mãos privadas, o que é típico do neoliberalismo. As estratégias neoliberais sempre funcio-

naram melhor em tempos de crise e desastre, como diz Naomi Klein.¹

Mas o neoliberalismo está morto no sentido de que não tem futuro. Vai perambular por alguns poucos anos mais, talvez trazendo destruição, mas o neoliberalismo é agora um zumbi. É ainda uma reação instintiva de vários em posições de poder que ainda não têm nenhuma outra ideia.

Parece-me que, por trás da maior parte das críticas da esquerda ao neoliberalismo nos últimos anos, está a hipótese do keynesianismo ou alguma outra forma de controle e regulação estatal da economia. Agora, quando o neoliberalismo é tão repentinamente desacreditado, isso é tudo o que grande parte da esquerda é capaz de propor: em vez de mercados livres, controle estatal; em vez de fazer tudo propriedade privada, fazê-lo propriedade pública.

IHU On-Line - Que parâmetros deveriam compor as ações de uma nova esquerda?

Michael Hardt - Nas decisões governamentais imediatas no que concerne à crise, certamente concordo que um aumento de regulação e controle estatais são necessários como proteção contra todos os desastres e perigos que as políticas neoliberais produziram. Mas, em uma visão mais ampla, penso que o *comum* ficou fora dessa equação. Muito frequentemente, hoje vemos o mundo e nossas vidas como divididos entre o público e o privado, como se essas fossem as únicas alternativas. Marx disse: “A propriedade privada nos tornou estúpidos” — e, neste caso, nos tornou cegos ao *comum*.

IHU On-Line - Em que consiste a política do comum?

Michael Hardt - O *comum* deve ser compreendido em dois registros diferentes. O *comum* é a Terra e tudo o que pertence a ela — terra, água, ar, florestas e assim por diante. Por outro lado, o *comum* é o resultado do

¹ Naomi Klein (1970): jornalista, escritora e ativista canadense. De suas obras traduzidas para o português, destacamos *Sem Logo* (Rio de Janeiro: Record, 2002) e *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008). (Nota da IHU On-Line)

“Não é o fim do capitalismo, mas eu diria que sim, o neoliberalismo está morto”

trabalho humano que dividimos, como ideias, imagens, conhecimento, linguagens, códigos e afetos. Parte do desafio apresentado pelo conceito de *comum* é relacionar esses dois domínios comuns. Se deve chamar o primeiro de *comum* natural e o segundo de *comum* artificial, mas a divisão entre o natural e o artificial rapidamente se desfaz. Um fator importante que une esses dois domínios é que devemos dividir o *comum* com livre acesso a ele para que sobreviva e seja produtivo. Os dois domínios são muito diferentes, principalmente pelo fato de que o comum “natural” é limitado, enquanto que o comum “artificial” é reprodutível. Eu sou fascinado pelo modo como estes dois “comuns” se relacionam e como podemos criar uma política os entenda juntos.

IHU On-Line - Como a produção artificial do comum se relaciona com o capitalismo cognitivo?

Michael Hardt - Um número de economistas usa o termo “capitalismo cognitivo” para indicar as formas com que a produção do *comum* está se tornando cada vez mais central na economia capitalista. Toni Negri² e eu também usamos os termos “produção imaterial” e “produção biopolítica” para nos referirmos a diferentes aspectos desse

² Antonio Negri (1933): filósofo político e moral italiano. Durante a adolescência foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica, como Umberto Eco e outros intelectuais italianos. Em 2000 publica o livro-manifesto *Império* (5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003), com Michael Hardt. Atualmente ele vive entre Paris e Veneza, escreve para revistas e jornais do mundo inteiro e publicou *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro: Record, 2005), também com Michael Hardt. Sobre essa obra, publicamos um artigo de Marco Bascetta na 125ª edição da IHU On-Line, de 29-11-2004. O livro é uma espécie de continuidade da obra anterior da dupla, *Império*. Ele foi apresentado na primeira edição do evento *Abrindo o Livro*, promovido pelo IHU, em abril de 2003. (Nota da IHU On-Line)

fenômeno. Uma razão para eu não usar o termo “capitalismo cognitivo” é que me parece que ele super-enfatiza os aspectos mental e intelectual dessas formas de produção e subenfatiza seus aspectos corporal e afetivo. Prefiro focar no trabalho afetivo, por exemplo, que é tão importante em ocupações de trabalhadores da saúde, educadores, prestadores de serviços e outros. De qualquer forma, todas essas diferentes concepções estão tentando dominar aspectos das formas recém dominantes de produção do *comum*.

IHU On-Line - Como a política do comum pode contribuir para resolver os problemas sociais e econômicos da sociedade?

Michael Hardt - Devemos manter em mente que as políticas do neoliberalismo visam privatizar não apenas os bens comuns, mas também o *comum*. Indústrias extrativistas (como a do petróleo) foram centrais nas políticas neoliberais e todos os elementos naturais como a água, foram alvo da privatização. O *comum* “artificial” também foi objeto de várias formas legais de privatização, como patentes e direitos autorais [copyrights]. A assim chamada biopirataria é um bom exemplo disso, na medida em que envolve corporações capitalistas fazendo propriedade privada através de patentes de conhecimentos indígenas e recursos partilhados, como o conhecimento das propriedades medicinais de uma planta.

Incidentalmente, não penso que “pirataria” seja um nome preciso para esta prática neoliberal, porque piratas roubam propriedade privada. Aqui, em vez disso, corporações estão assaltando o *comum* e o transformando-o em propriedade privada.

Um ponto central aqui é que o *comum* é destruído ou se torna menos produtivo quando é feito privado (e também, eu acrescentaria, quando é feito público, ou seja, objeto de gerenciamento estatal). Trabalhadores da internet e todos os tipos de produtores de conhecimento já notaram faz tempo o quanto o livre acesso à informação e conhecimento são necessários para a futura produção de conhecimento. Em comunidades científicas, por exemplo, cientistas precisam ter acesso em comum aos resultados de

trabalhos anteriores e a todo o arquivo de conhecimento para que possam produzir novos conhecimentos, o que deve ser feito comum para outros cientistas. Quando o conhecimento é privatizado, pelo contrário, a futura produção de conhecimento é dificultada. Essa lógica funciona para uma ampla variedade de atividades que produzem o *comum*. Quando as linguagens se tornam privadas elas não podem mais comunicar; quando códigos são privados se tornam menos produtivos; quando afetos são privados eles param de criar relações sociais.

Uma vez que a produção do *comum* se torna mais central na economia capitalista, uma contradição nas relações capitalistas fica cada vez mais grave. Por outro lado, o capital deve expropriar valor desses tipos de produção do *comum* como propriedade privada. Por outro lado, toda vez que o *comum* é feito privado se torna menos produtivo.

IHU On-Line - Ainda a partir da crise financeira, como podemos pensar em novas dimensões no mundo trabalho e na instituição do comum?

Michael Hardt - Essa é uma das lições que Toni Negri e eu buscamos em nosso novo livro, *Commonwealth* [Comunidade].³ O título, infelizmente, não tem boa tradução para o português. Penso que o termo em inglês deva ser usado (ou um título diferente deva ser criado). Em inglês, de qualquer forma, intentamos duas coisas com o título. Primeiro, é uma referência às nossas riquezas comuns, tanto o mundo material que devemos aprender a compartilhar [em comum] (caso contrário continuaremos a destruí-lo) quanto o mundo imaterial das ideias, conhecimentos, e afetos que devem permanecer comuns e abertos ao acesso para que sejam produtivos. Segundo, *commonwealth* em inglês significa uma forma de governo, institucional. Então nosso objetivo nesse livro é articular uma alternativa às formas republicanas baseadas em propriedade privada ou àquelas baseadas em propriedade pública. Isso seria um autogoverno autônomo e aberto do *comum*.

3 Comunidade, no termo original, é usado como em "Comunidade das Nações". O título em inglês também faz uso da palavra "comum" (common), que é o conceito com que trabalha o autor. (Nota da Tradutora)

“O capitalismo é essencialmente um sistema irracional, instável e injusto”

Na perspectiva do economista Reinaldo Gonçalves, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o capitalismo sobreviverá ainda mais injusto, irracional, instável e mais regulado. Nessa batalha, a esquerda continuará lutando por liberdade, dignidade e felicidade, assegura

POR PATRICIA FACHIN | FOTO DIVULGAÇÃO

Na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, o economista aponta o “salvacionismo apresentado pela fórmula ‘keynesianismo + regulacionismo’” como superado e insuficiente para acalmar os ânimos do mercado e reestruturar a economia. Na ótica da esquerda, alerta, “a saída está na ‘purificação’ do grande capital com recursos públicos financiados pela taxação dos ganhos do capital financeiro nos últimos anos, bem como a redistribuição de riquezas e na apropriação dos meios de produção estratégicos pelo Estado”. A alternativa, dispara, é “a reestruturação do aparelho produtivo e a reconfiguração do poder econômico a favor da classe trabalhadora”. Nessa busca pela “purificação”, Gonçalves lembra que “recursos públicos não podem ser usados para salvar o grande capital sem condicionalidades que favoreçam o trabalhador”.

Ao comentar a possibilidade de investir novamente em políticas nacionalistas, ideia defendida por alguns intelectuais da esquerda, ele é enfático: “O nacionalismo é espaço preferencial dos quinta-colunas, porque o nacionalismo é o biombo para a proteção do grande capital e a maior exploração do trabalhador”. Nesse momento de turbulência e instabilidade internacional, nasce uma “excelente oportunidade para punir o capital”, ressalta.

Reinaldo Gonçalves é economista, formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Obteve o título de mestre em Economia, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ), e de doutor em Letters And Social Sciences, pela University of Reading, na Inglaterra. Professor da UFRJ, também é co-autor de *A economia política do governo Lula* (Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2007).

IHU On-Line - O que o senhor entende por esquerda, atualmente? Como ela deveria se posicionar diante dessa turbulência e em especial do que o senhor chama de “fracasso civilizatório”?

Reinaldo Gonçalves - Ser de esquerda é reconhecer que o capitalismo

é um sistema irracional que inibe a capacidade do ser humano dar sentido à vida, ou seja, viver com dignidade, felicidade e liberdade. Ser de esquerda é o combate permanente por um projeto de orientação socialista. É ignorância imaginar que ser de esquerda se restringe a defender



bandeiras como progresso econômico, reforma social, democracia e interesses nacionais. Partes do centro e da direita também defendem estas bandeiras, de uma forma ou de outra. É má-fé imaginar que a distinção entre esquerda e direita se restringe ao ideário econômico via a armadilha binária “estado versus mercado”. Defender um Estado que é capturado por grupos dirigentes corruptos não é ser de esquerda. Ser de esquerda implica compromisso com distribuição de riqueza (maior igualdade possível na distribuição de riqueza, renda e conhecimento), controle social do estado (combater a apropriação do estado por grupos dirigentes e grupos econômicos) e uso social do excedente econômico (planejamento e propriedade pública dos principais meios de produção).

IHU On-Line - Qual é a relação que podemos estabelecer entre esquerda e partidos políticos? Ainda há no Brasil algum partido que possa ser caracterizado como de esquerda?

Reinaldo Gonçalves - É má-fé e ignorância a declaração da direção nacional do PT eleita em 2005 de que “tem plena consciência do que está em jogo, tanto para o Brasil quanto para a América Latina: não permitiremos o retorno, ao governo federal, de partidos comprometidos com o ideário neoliberal, com os interesses do capital financeiro e dos Estados Unidos. Por isto mesmo, o Partido dos Trabalhadores envidará todos os seus esforços para que a esquerda saia vitoriosa nas eleições de 2006”. Vejam a contradição: o governo Lula – apoiado pelo PT – implementa um modelo liberal periférico (ou seja, um neoliberalismo de terceira categoria), transformando o Brasil em verdadeiro paraíso fiscal e é visto por Washington como parceiro bem comportado (por exemplo, na OMC, na América do Sul e no Haiti). Temos aqui mais um exemplo do processo de “africanização” do Brasil. O Brasil tem se mostrado como um fracasso civilizatório nas últimas décadas: desestabilização macroeconômica, vulnerabilidade externa, esgarçamento do tecido social, degradação política e deterioração institucional. Esta visão da direção nacional do PT a respeito

da distinção entre esquerda e direita expressa, além de oportunismo, a degradação das instituições políticas no Brasil. O fracasso civilizatório não se expressa unicamente na degradação do Executivo, Legislativo e Judiciário, mas também na deterioração das organizações da sociedade civil. Portanto, é evidente que o PT não é um partido de esquerda. Ele se transformou no instrumento de poder de grupos de dirigentes com ânsia de poder para alavancar glória, riqueza, poder e, em alguns casos, luxúria. O PT se transformou num “partideco”. Qual é a diferença entre o PT e o PMDB? Nenhuma, exceto quanto aos “beneficiários principais”, ou seja, aqueles que usam o partido para fins privados.

“A crise é uma excelente oportunidade para punir o grande capital e implementar o maior controle dos meios de produção estratégicos pelo Estado, visto que os preços dos ativos estão menores”

IHU On-Line - Que outras forças de esquerda ganham destaque na conjuntura atual?

Reinaldo Gonçalves - Naturalmente, o PSOL se destaca como partido de esquerda. Por outro lado, o PCdoB tornou-se um capataz do governo Lula e está em processo avançado de apodrecimento tendo em visto o seu processo de procura de cargos. O Partido Socialista parece que desapareceu, enquanto o PDT também foi cooptado pelo governo Lula. As organizações da sociedade civil se enfraqueceram sobremaneira durante o governo Lula. Vejam o lamentável caso da CUT, que

se tornou um instrumento do governo para controlar a classe trabalhadora. A Força Sindical nunca valeu grande coisa e continua na mesma. Boa parte das ONGs foram cooptadas via projetos do governo federal, inclusive, com recursos do Banco Mundial. Viraram empresas de consultoria. O MST, por seu turno, foi fragilizado com as políticas assistencialistas do governo Lula: o Bolsa-família foi uma das armas de maior impacto em termos do processo de destruição do MST. Por estas e outras razões é que afirmamos que a herança de Lula será ainda mais trágica do que a de Fernando Henrique. Vejam o meu livro *A economia política do Governo Lula* (co-autoria com Luiz Filgueiras).

IHU On-Line - Uma esquerda renovada deveria investir mais no nacionalismo e percebê-lo como alternativa nesse momento? De que maneira isso pode ser feito?

Reinaldo Gonçalves - O nacionalismo pode ser uma armadilha visto que é bandeira tanto da esquerda quanto da direita. Diria mesmo que a direita tem maior propensão ao nacionalismo. Desconfio dos intelectuais e formadores de opinião nacionalistas que são “queridinhos” da direita e da esquerda. Geralmente, o nacionalismo escamoteia o verdadeiro problema, que é o conflito de classes e grupos de interesses dentro de cada país. O maior perigo – que desvia o foco do combate – é o nacionalismo com alguma dose de defesa do Estado e da distribuição de renda. Invariavelmente, esta posição negligencia a concentração de riqueza e poder, bem como o controle do Estado-nacional pelos setores dominantes e por grupos dirigentes incompetentes e corruptos. Setores e grupos estes que, também invariavelmente, são internacionalizados. Intelectuais frequentemente se escondem por trás do nacionalismo por conservadorismo, venalidade, covardia ou incompetência. Veja, por exemplo, o que tem acontecido durante o governo Lula. Houve uma avalanche de nova geração de analistas de política externa concentrados na crítica ao governo Bush. Estas “novas autoridades” se eximiram de criticar a política externa de Lula, marcada por muita alegoria e pouco enredo. E, o que é pior, ficaram silenciosos (coniventes e cúmpli-

ces) com políticas e estratégias que aumentaram a vulnerabilidade externa da economia brasileira, inclusive, nas esferas produtiva (maior desnacionalização) e financeira (desregulamentação e liberalização). Naturalmente, muitos deles fora presenteados com consultorias generosas do governo federal. Se Dante tivesse escrito a *Divina Comédia* cinco, seis séculos depois, teria criado um círculo especial no Inferno para os nacionalistas da proto-esquerda e da direita. No campo da esquerda, o nacionalismo é o espaço preferencial dos quinta-colunas porque o nacionalismo é o biombo para a proteção do grande capital e a maior exploração do trabalhador. Todo o cuidado é pouco com o discurso nacionalista — devemos desconfiar sempre. Com frequência ele pode ser altamente negativo para a classe trabalhadora. Entretanto, não devemos desprezar o nacionalismo de centro ou de direita vista que há momentos em que ele pode ser útil. A pergunta é sempre a mesma: a que interesses atende determinado discurso?

IHU On-Line - Qual seria a alternativa, então?

Reinaldo Gonçalves - Não há dúvida que as diretrizes estratégicas são a redução da vulnerabilidade externa estrutural do país e a criação de espaços para implementação de políticas econômicas consistentes com o crescimento econômico, a redistribuição de riqueza e mudança na estrutura de poder econômico. A reconfiguração do poder econômico é condição necessária. Os setores dominantes (agronegócio e bancos) operam no sentido de aumentar a vulnerabilidade externa e a fragilidade sistêmica do país. Para ser mais objetivo, a exportação de commodities não é o futuro e, sim, o passado do Brasil. Esta atividade tem sido estimulada pelo governo Lula, que também estimula a exportação de capitais pelas empresas brasileiras. Isto tudo enfraquece o país. Naturalmente, cabe a reversão da liberalização e da desregulamentação financeira, principalmente, via controle de capitais externos. O fato concreto é que o governo Lula implementa um modelo liberal periférico de terceira categoria. Este modelo (e este governo) têm que ser combatidos.

IHU On-Line - Quais são as propostas da esquerda frente à crise financeira internacional?

Reinaldo Gonçalves - A estratégia por trás de medidas específicas é, naturalmente, enfraquecer o grande capital e fortalecer o trabalhador. Recursos públicos não podem ser usados para salvar o grande capital (por exemplo, a compra de ações do Banco Votorantim pelo Banco do Brasil) sem condicionalidades que favoreçam o trabalhador. Redes de proteção social devem ser implementadas. A crise é uma excelente oportunidade para punir o grande capital e implementar o maior controle dos meios de produção estratégicos pelo Estado, visto que os preços dos ativos estão menores.

IHU On-Line - O senhor demonstra pessimismo ao avaliar as estratégias do Brasil diante da crise financeira internacional. Na sua opinião, a esquerda tem condições de se utilizar desse

“A crise atual, apesar de suas especificidades e gravidade, não nos ensina nada do que já não sabíamos há muito tempo”

momento e pensar um novo modelo político, econômico e ambiental para o Brasil?

Reinaldo Gonçalves - Sem dúvida alguma. O “rei fica nu” na crise, visto que é cada vez mais evidente que o governo Lula se posiciona a favor dos setores dominantes (agronegócio, empreiteiras e bancos) e dos grupos mais retrógrados da sociedade brasileira. Isto permite uma visão mais clara da real situação política, econômica e social do país. E, em particular, fica evidente a mediocridade do governo Lula.

IHU On-Line - Como avalia a atuação das diferentes esquerdas na América

Latina ao que se refere à crise financeira internacional? Os projetos de cada país têm determinado as consequências perante a crise?

Reinaldo Gonçalves - As esquerdas somente têm maior influência em três países: Bolívia, Venezuela e Equador. Nestes países, há um esforço coerente no sentido de se reduzir a vulnerabilidade externa, aumentar a autonomia de políticas domésticas e estabelecer as bases de projetos de orientação socialista. No restante, há muita alegoria e pouco enredo, ou então pura mistificação, pois o que se procura atender prioritariamente são os interesses dos setores dominantes e dos grupos dirigentes.

IHU On-Line - O que a turbulência financeira ensina sobre a condução da economia e o capitalismo?

Reinaldo Gonçalves - A crise atual, apesar de suas especificidades e gravidade, não nos ensina nada do que já não sabíamos há muito tempo. O capitalismo é essencialmente um sistema irracional, instável e injusto. O protocolo de contenção de crises já é conhecido no âmbito da Ciência Econômica há muito tempo. Há 200 anos de teoria e experiência. A questão central é identificar e escolher ganhadores e perdedores.

IHU On-Line - Muitos economistas dizem que, embora as ideias de Keynes e Marx sejam úteis para compreender esse momento, elas não são suficientes para acabar com a instabilidade econômica. Que outras alternativas a esquerda pode oferecer nesse sentido?

Reinaldo Gonçalves - Definitivamente o *salvacionismo* representado pela fórmula “keynesianismo + regulacionismo”, que enfatiza a expansão dos gastos públicos, não resolve o problema ainda que ajude a suavizar o impacto do crise. A saída schumpeteriana (*progresso técnico* que trás novos bens, serviços e maior produtividade) precisa da coordenação e do planejamento inexistentes no capitalismo. A saída dos gastos bélicos (*guerra*) só se aplica a poucos países. A *internacionalização da produção* (exportação de bens e serviços) não funciona no contexto de crise global. Na ótica da

esquerda, a saída está na “purificação” do grande capital com recursos públicos financiados pela taxaço dos ganhos do capital financeiro nos últimos anos, bem como na *redistribuição da riqueza* (via reforma tributária) e na apropriação dos meios de produção estratégicos pelo Estado. Ou seja, a saída não é o salvacionismo com a socialização dos prejuízos, mas, sim, a reestruturação do aparelho produtivo e a reconfiguração do poder econômico a favor da classe trabalhadora.

IHU On-Line - Vivemos um momento de superação do capitalismo? O capitalismo sobreviverá ao século XXI?

Reinaldo Gonçalves - No horizonte previsível, o capitalismo sobreviverá. A médio prazo, teremos um capitalismo injusto, irracional e instável e, provavelmente, mais regulado. A longo prazo, a disputa terá, de um lado, as forças de direita defendendo mais desregulamentação e liberalização e, do outro lado, as forças de esquerda defendendo projetos de orientação socialista. O centro continuará como aliado natural da direita, exceto nos momentos de crise aguda. A luta é dura e permanente. Não precisamos de virtudes teologais (fé, esperança e caridade) para derrotar o capitalismo. Precisamos, sim, das virtudes cardinais (força, justiça, prudência e temperança) e da crença no mecanismo desafio-resposta: quanto maior o desafio, maior é a luta por um futuro marcado por liberdade, dignidade e felicidade. E a única boa notícia é que não morreremos de tédio!

LEIA MAIS

>> Reinaldo Gonçalves já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. O material está disponível na página eletrônica do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Entrevistas:

* “*Capitalismo de compadres*”. MP 443 e o *balcão de negócios*. Publicada em 30-10-2008;

* *Fracasso para o governo, vitória para o povo brasileiro*. Publicada em 02-08-2008;

* *O combate à desregulamentação financeira americana. Ainda há tempo?* Edição número 253, de 07-04-2008, intitulada *União homossexuais. A luta pela cidadania civil e religiosa*.

A economia ecológica e os desafios para os economistas de esquerda

Integrar de maneira organicamente articulada sociedade e natureza numa mesma estrutura analítica é o que faz a atual economia ecológica e isso é ignorado pela maioria dos economistas de esquerda, diz Ricardo Abramovay

POR PATRICIA FACHIN | FOTO DIVULGAÇÃO

Para o economista Ricardo Abramovay, mais do que discutir quais são as propostas da direita ou esquerda, a crise trouxe a “necessidade de repensar a relação entre sociedade e natureza”. Segundo o pesquisador, a relação entre economia, sociedade e natureza “se faz de maneira evolutiva, colocando desafios inéditos e imprevisíveis que vão muito além da ideia de que o controle social e planejamento dos grandes meios de produção e troca resume o que de mais importante existe num projeto emancipador”.



Dedicado ao estudos dos biocombustíveis, da sustentabilidade socioambiental e dos mecanismos de incentivo subjacente às políticas públicas de combate a pobreza, Abramovay defende a integração articulada entre sociedade e natureza numa mesma estrutura analítica. Para ele, muitos economistas de esquerda desconsideram esse fato e ignoram o debate ambiental, preocupados apenas com a ideia “de que é necessário intervir para garantir o crescimento e a melhor distribuição de renda”.

Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, o professor de economia da Universidade de São Paulo (USP), argumenta que o desafio hoje “está na construção de um conjunto de propostas capazes de fazer da valorização e do uso sustentável da biodiversidade a base para um novo modo de produzir e distribuir riqueza”. Para ter um alcance expressivo, “isso tem que ser feito no quadro do fortalecimento da democracia, da valorização das instituições republicanas e não como manifestação especial de certas culturas nacionais e de certas etnias”, considera.

Ricardo Abramovay é mestre em Ciências Políticas, pela Universidade de São Paulo (USP), doutor em Ciências Econômicas, pela Universidade de Campinas (Unicamp), e possui ainda cinco pós-doutorados, entre eles citamos o curso concluído na École des Hautes Études em Sciences Sociales. Coordenador do Núcleo de economia socioambiental (NESSA), ele faz parte do Programa de pesquisa Dinâmicas Territoriais Rurais do Centro Latino-americano para el Desarrollo Rural (RIMISP), do Chile e do International Development Research Center (IDRC), do Canadá. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é sua proposta para transformar as bases materiais e energéticas em que se exprime, como o senhor diz, o extraordinário aumento de renda do mundo contemporâneo?

Ricardo Abramovay - O sistema capitalista contemporâneo tem extraordinária capacidade de reduzir a pobreza absoluta. Em 1970, a fome atingia nada menos que 37% da população mundial. A cifra atual de 850 milhões de famintos (evidentemente inaceitável sob qualquer aspecto) corresponde a menos de 15% dos habitantes do Planeta. Nos últimos dez anos, a proporção dos que vivem com menos de US\$ 1.000,00 por ano (calculado em paridade de poder de compra), ou seja, US\$ 2,75 por dia, caiu de 30% para 17% da população mundial, segundo relatório da Goldman Sachs,¹ publicado há alguns meses. No Brasil, já se tornou um lugar comum a constatação de que um número próximo a 20 milhões de pessoas mudou para cima o andar que ocupam na pirâmide social, nos últimos cinco anos. Mesmo com a crise atual, estas tendências não serão revertidas. É o que explica, em grande parte, a pressão para que as metas relativas ao aquecimento global, por exemplo, não se restrinjam aos países historicamente responsáveis pelas atuais mudanças climáticas, mas sejam assumidas também pelos mais prósperos entre os países em desenvolvimento.

Pés de barro

Esta prosperidade tem pés de barro em dois sentidos. Em primeiro lugar, mesmo que em países como o Brasil a diminuição da pobreza seja acompanhada por certa redução da desigualdade, este não parece ser o caso de outros países em desenvolvimento (China e Índia, por exemplo), o que amplia de maneira assustadora as tensões sociais. Além disso, é impossível simplesmente promover a extensão para toda a humanidade daquilo que se consome hoje. Em 2000, se estimava que em 2007 ha-

¹ Goldman Sachs: é um dos maiores bancos de investimento do mundo. fundado em 1869, por Marcus Goldman, a companhia está sediada atualmente em Nova York e mantém escritórios nos principais centros financeiros através do mundo. (Nota da IHU On-Line)

“O mercado não é a ficção científica exposta nos manuais de economia. Mercados são estruturas sociais e, portanto, funcionam com base em pressões sociais”

veria 600 milhões de carros e, em 2030, nada menos que 1,2 bilhão de automóveis, no mundo. Ora, em 2006 já havia 956 milhões e a estimativa atual é de dois bilhões para 2030!

Existem, então, dois elementos que começam a ficar claros, a partir destas informações. Eles não constituem proposta de alguém, mas, antes, um movimento amplo, difuso, descentralizado. O primeiro refere-se à pressão social cada vez maior em direção à mudança na matriz energética que caracteriza as sociedades contemporâneas. O segundo vai mais longe: trata-se dos próprios padrões de consumo que marcam o mundo atual. Inúmeros documentos internacionais e relatórios nacionais constataam que o padrão de consumo das sociedades contemporâneas é insustentável. Mas é preciso reconhecer que ninguém sabe exatamente como se alteram os padrões de consumo de uma sociedade, sobretudo quando as aspirações de consumo, decorrentes da pobreza secular, são tão grandes.

IHU On-Line - Quais são as propostas da esquerda frente à crise internacional?

Ricardo Abramovay - Em primeiro lugar, seria necessário saber precisamente de quem se está falando quando se pronuncia a palavra esquerda. Para muitos, a posição de esquerda consiste basicamente em defender a ideia de que são necessárias medidas heterodoxas e maior intervenção do Estado para garantir a volta ao crescimento econômico.

No entanto, são cada vez mais expressivas, internacionalmente, as vozes que não vinculam a crise atual apenas à desregulamentação. Estas vozes procuram estabelecer algum tipo de vínculo entre os eventos recentes e o nível de consumo totalmente insustentável do mundo contemporâneo. Insistem, por exemplo, no fato de que, a partir de certo nível de abundância material, vai-se reduzindo a capacidade de o crescimento econômico propiciar bem-estar. O grande sociólogo britânico, Anthony Giddens,² acaba de publicar um livro enfatizando esta crescente dissociação entre o aumento da riqueza e a real satisfação das necessidades humanas. É uma retomada do pensamento do próprio Marx a este respeito: é estranha ao pensamento de Marx a ideia de que numa sociedade capaz de controlar racionalmente o uso de seus recursos produtivos, o crescimento econômico seja o objetivo central. Ao contrário, a superação do capitalismo, para ele, era uma forma de ultrapassar o predomínio da própria racionalidade econômica, de submeter a produção material às necessidades sociais e não o contrário, como ocorre no capitalismo. Mais importante do que saber se são ou não “de esquerda”, o que chama a atenção é a convergência em torno da necessidade de se repensar a relação entre sociedade e natureza contida numa imensa quantidade de trabalhos recentes, de autores vinculados a correntes intelectuais muito variadas. Cito apenas três exemplos, além de Giddens: Thomas Homer-Dixon³

² Anthony Giddens: sociólogo inglês, foi diretor da London School of Economics and Political Science (LSE). É autor de 34 obras, publicadas em 29 línguas, e de inúmeros artigos. Em 1985, foi co-fundador da Academic Publishing House Polity Press. É também conhecido como o mentor da ideia da Terceira Via. Entre suas obras publicadas em português citamos *As consequências da modernidade* (Oeiras: Celta, 1992), *Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber* (Lisboa: Editorial Presença, 1994), *Transformações da intimidade — Sexualidade, amor, e erotismo nas sociedades modernas* (Oeiras: Celta Editora, 1996). Em março de 2009, lançou *The politics of climate change* (A política de mudança climática, Polity Press, 256 págs.). (Nota da IHU On-Line)

³ Thomas Homer-Dixon: cientista político canadense, ocupa a cátedra do Centre for International Governance Innovation Chair of Global Systems no Balsillie School of International Affairs em Waterloo, Ontário. É professor no Centre for Environment and Business Da Faculty of Environment, na Universidade de Waterloo. Entre outros, é autor de *The upsi-*

(*The upside of down*), Jonathon Porritt⁴ (*Capitalism as if the world matters*) e o recém-lançado livro de Thomas Friedman⁵ (*Hot, flat and crowded*), entre tantos autores capazes de fazer propostas cuja execução revolucionaria as bases materiais da sociedade contemporânea e cuja classificação no tabuleiro político como de esquerda ou direita soa completamente artificial.

IHU On-Line - Como a esquerda tem lidado com a questão energética e econômica? Para o senhor, a esquerda ainda não percebeu a relação existente entre essas duas questões?

Ricardo Abramovay - Gostaria de me opor a duas ideias muito frequentes, com relação ao que se chama de esquerda. A primeira é que não há diferença entre esquerda e direita. Claro que há. A crença de que a alocação dos recursos sociais será tanto melhor quanto menor a intervenção consciente e voluntária em sua organização é típica do pensamento de direita. E a ideia de que a inteligência humana é capaz de responder de maneira criativa, imprimindo sentido ao que fazem os homens na sua vida material é um dos mais importantes traços humanistas que marcam a formação do pensamento de Marx desde seus célebres *Manuscritos* de 1844. Não há dúvida de que Marx exerceu fortíssima influência sobre alguns dos pensadores contemporâneos mais inovadores, como Amartya Sen,⁶ John Kenneth Galbraith⁷ ou sobre

a crítica de André Gorz⁸ ao produtivismo que marca as sociedades de hoje.

A segunda ideia à qual gostaria de me opor, então, é a de que a questão ambiental e energética é estranha ao horizonte de Marx. Por um lado, é verdade que, em sua obra principal, o limite do capital é o próprio capital e nunca a natureza. É verdade também que matéria e energia só entram no estudo que faz Marx do capitalismo à medida que se convertem em valores. No entanto, Marx reconhece que o trabalho não é a única fonte da riqueza e, mais que isso, ele mostra que a produção pela produção, ou seja, o aumento da riqueza como meta independente da real satisfação das necessidades humanas, só pode ocorrer num sistema em que os indivíduos estão cada vez mais alienados, distantes do que fazem e do que produzem. De certa maneira (num horizonte resignado e não crítico como o de Marx) Max Weber⁹ também insiste neste mesmo ponto em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Mas foi Georgescu-Roegen¹⁰

de consumo. (Nota da IHU On-Line)

8 André Gorz: filósofo austríaco radicado na França desde 1948. Escreveu 16 livros, dos quais vários traduzidos para o português, entre eles *Adeus ao proletariado* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982), *Metamorfoses do trabalho. Crítica da razão econômica* (São Paulo: Annablume, 2003) e *Misérias do presente, riqueza do possível* (São Paulo: Annablume, 2004). A IHU On-Line realizou entrevista com Gorz, publicada parcialmente na 129ª edição da revista IHU On-Line, de 02-01-2005, e na íntegra no número 31 dos *Cadernos IHU Ideias*, com o título *A crise e o êxodo da sociedade salarial*. Sobre André Gorz, também pode ser lido o texto *Pelo êxodo da sociedade salarial. A evolução do conceito de trabalho em André Gorz*, de André Langer, pesquisador do Cepat. O texto está publicado nos *Cadernos IHU* nº 5, de 2004. (Nota da IHU On-Line)

9 Maximilian Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A edição brasileira mais recente foi publicada em 2004, pela Companhia das Letras, Rio de Janeiro. Com o título *Max Weber: a ética protestante e o "espírito" do capitalismo. Cem anos depois*, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em Formação* nº 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

10 Nicholas Georgescu-Roegen (1906-1994): matemático e economista romeno. Seus trabalhos resultaram no conceito de decrescimento

e seu discípulo Herman Daly¹¹ que mostraram que o principal limite da ciência econômica está no fato de ela só poder lidar com matéria e energia sob a forma de preços daquilo que se vende e se compra. A mais importante renovação das ciências sociais contemporâneas está no esforço de integrar de maneira organicamente articulada sociedade e natureza numa mesma estrutura analítica: é o que faz a atual economia ecológica e é o que muitos economistas de esquerda, voltados apenas à ideia de que é necessário intervir para garantir o crescimento e a melhor distribuição de renda, solenemente ignoram.

IHU On-Line - Alguns especialistas dividem a esquerda em duas: a que está no poder, representada pelos governos, e a que acredita no ecosocialismo, representada na grande maioria pelos movimentos sociais. Como essa esquerda que se preocupa com o debate ecológico pode se utilizar dessa bandeira e chegar ao poder, projetando assim um novo modelo de governo? O senhor vislumbra avanços nesse sentido?

Ricardo Abramovay - Talvez a divisão real não seja entre estar no poder e estar junto aos movimentos sociais. Carlos Minc¹² não abandonou sua postura "ecolibertária" ao assumir o Ministério do Meio Ambiente. O avanço da democracia contemporânea vem permitindo a expressão inédita de movimentos sociais no poder de vários países. A trajetória de Barak Obama,¹³ neste sen-

economico, e é conhecido também por ser o fundador da economia ecológica. Graduado em Estatística, pela Universidade de Paris, exerceu importantes cargos públicos em seu país. Terminou seus estudos de economia em 1946, quando emigrou para os EUA. Sua obra principal é *The entropy law and the economic process*, publicada em 1971. (Nota da IHU On-Line)

11 Herman Daly: economista e professor estadunidense. Leciona na Escola de Política Pública de College Park, nos Estados Unidos. Foi economista chefe do departamento ambiental do Banco Mundial, onde auxiliou no desenvolvimento de princípios políticos básicos relacionados ao desenvolvimento sustentável. (Nota da IHU On-Line)

12 Carlos Minc Baumfeld (1951): político e geógrafo brasileiro. Atualmente, é ministro do Meio Ambiente do governo Lula. (Nota da IHU On-Line)

13 Barack Hussein Obama II (1961): advogado e político estadunidense. É o quadragésimo quarto presidente dos Estados Unidos, desde 21 de janeiro de 2009. (Nota da IHU On-Line)

de of down: catastrophe, creativity, and the renewal of civilization (Toronto: Knopf, 2006). (Nota da IHU On-Line)

4 Espie Jonathon Porritt (1950): ambientalista inglês e escritor. (Nota da IHU On-Line)

5 Thomas Friedman (1953): jornalista norte-americano, atualmente é editorialista do jornal *The New York Times*. Friedman já ganhou o prêmio Pulitzer em três ocasiões 1983, 1988, 2002. (Nota da IHU On-Line)

6 Amartya Sen (1933): economista, recebeu o prêmio Nobel em Ciências Econômicas em 1998, pelas suas contribuições para a teoria da decisão social. Ele já lecionou na Delhi School of Economics, London School of Economics, Oxford e Harvard. Reitor de Cambridge, é também um dos fundadores do Instituto Mundial de Pesquisa em Economia e Desenvolvimento, da ONU. Entre suas obras, citamos *On economic inequality, Poverty and famines* e *On ethics and economics*. (Nota da IHU On-Line)

7 John Kenneth Galbraith (1908): economista norte-americano. Em seus livros *A sociedade da opulência* (1958), *O novo estado industrial* (1967) e *A ciência econômica e o interesse geral* (1974), faz um requisitório contra a socie-

tido, é notável: ele foi um militante ligado a alguns dos mais importantes movimentos sociais norte-americanos. Evo Morales¹⁴ e Rafael Correa¹⁵ também exprimem importantes movimentos sociais, da mesma forma que Lula. As novas constituições da Bolívia e do Equador incorporam demandas fundamentais destes movimentos.

Exercício do poder

Há, entretanto, dois problemas cuja solução ainda não está clara, neste sentido. O primeiro é que, com frequência impressionante, o caráter universal, generoso, emancipador de muitas aspirações dos movimentos sociais convertem-se em modalidades mesquinhas, corporativistas e anti-democráticas de satisfação de necessidades de certos grupos. O recente atentado a direitos de opinião no Equador (denunciado por destacados membros da esquerda daquele país) e a extrapolação dos direitos indígenas em expressões contrárias aos brancos na Bolívia são, neste sentido, muito preocupantes. São situações em que a organização republicana e a própria democracia, longe de se afirmarem como direitos universais, passam a ser vistas, de forma inquietante, como expressões da chamada cultura dominante que seria afastada pelo poder e pela cultura supostamente populares. Permita-me citar trecho de um importante livro recente de Alain Touraine,¹⁶ *Um novo paradigma – Para compreender o mundo de hoje*: “Não é raro que os movimentos sociais se degradem até se transformarem naquilo que é o contrário deles mesmos: afirmação comunitária, rejeição do estrangeiro

ou do diferente, violências contra as minorias ou contra o que é chamado de heresia ou cisma. Isso se produz quando a ação coletiva se define pelo ser ou pelo ter que ela defende, e não por sua referência a um valor universal. Para que este referência se forme, a condição primeira é que o ator ou o combatente reconheça em um outro esta ascensão em direção ao universal que ele sente em si mesmo. Quando o movimento de liberação nacional torna-se nacionalismo, quando a luta de classe se reduz a um corporativismo,

**“Se colocar fim ao
capitalismo é
expropriar as grandes
empresas e substituir o
mercado pelo
planejamento central,
então eu gostaria de
saber quais são hoje
as forças políticas que
expõem com clareza
este projeto para a
sociedade”**

quando o feminismo se limita à supressão das desigualdades entre homens e mulheres, eles deixam de ser movimentos sociais e cedem à obsessão da identidade”.

O segundo problema com o recente avanço dos movimentos sociais em várias partes do mundo está na debilidade e na inconsistência do próprio projeto em torno do qual se organiza o exercício do poder. Na raiz deste projeto, encontra-se a ilusão de que crescimento econômico e políticas massivas de transferência de renda são as chaves para enfrentar os problemas

do mundo contemporâneo. Nosso maior desafio está na construção de um conjunto de propostas capazes de fazer da valorização e do uso sustentável da biodiversidade a base para um novo modo de produzir e distribuir riqueza. E isso precisa ser feito no quadro do fortalecimento da democracia, da valorização das instituições republicanas e não como manifestação especial de certas culturas nacionais e de certas etnias.

Estes dois problemas estão elaborados de maneira precária pelos movimentos sociais, estejam eles ou não no exercício do poder.

IHU On-Line - O que falta para a esquerda avançar no âmbito econômico, ecológico e social? É possível, nesse momento de crise, pensar num novo projeto de esquerda, revolucionário? Chegou a hora de pensar em uma profunda renovação prática e teórica?

Ricardo Abramovay - Sem dúvida: esta renovação está em curso, o que não significa que ela será necessariamente vitoriosa. A expressão “novo projeto de esquerda, revolucionário”, a meu ver, é contraproducente e estimula justamente o que os movimentos sociais têm de pior: a ideia de que eles precisam caracterizar-se pela permanente e radical diferenciação com relação a forças que não fazem parte de seu universo imediato. O resultado disso são os tão frequentes discursos em que assentados, quilombolas, ribeirinhos, povos da floresta, agricultores familiares vão unir-se para promover mudanças radicais. Que estes sejam atores decisivos, não há dúvida; no entanto, um projeto de mudança na maneira de organizar a relação entre natureza e sociedade passa por transformações decisivas na organização empresarial. E, como bem mostra o trabalho de André Gorz, não é mais possível imaginar que estas transformações decorrerão da expropriação das empresas pelo poder popular e do planejamento central. Um dos mais importantes desafios para um projeto de mudança social hoje está na maneira de compreender e de intervir no próprio mercado. O mercado não é a ficção científica exposta nos manuais de economia. Mercados

14 Juan Evo Morales Ayma (1959): atual presidente da Bolívia. Eleito nas eleições presidenciais de dezembro de 2005, obteve 53,74% dos votos. Pela primeira vez na Bolívia, um indígena sobre ao poder mediante voto popular. (Nota da IHU On-Line)

15 Rafale Vicente Correa Delgado (1963): economista, político e atual presidente do Equador. (Nota da IHU On-Line)

16 Alain Touraine: sociólogo francês, conhecido por ter sido o pai da expressão “sociedade pós-industrial”. Ele já concedeu algumas entrevistas à IHU On-Line. Elas estão disponíveis na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu). De suas obras, citamos *Um novo paradigma – Para compreender o mundo de hoje* (Porto Alegre: Vozes, 2006). (Nota da IHU On-Line)

são estruturas sociais e, portanto, funcionam com base em pressões sociais. Um dos maiores desafios às forças populares (que muitos movimentos sociais já compreenderam e do qual tiram consequências interestantíssimas) consiste em participar ativamente deste processo de reorganização empresarial e não apenas em concentrar suas demandas sobre o poder público. Nosso desafio não está apenas em circunscrever, delimitar e impedir a extrapolação do mercado em direção a domínios da vida social que não devem ficar sob seu domínio. Está também, e de forma cada vez mais decisiva, em que os movimentos sociais sejam protagonistas da maneira como os próprios mercados se estruturam.

IHU On-Line - Gorz foi um dos primeiros a profetizar a crise do emprego e chamar a atenção para a importante distinção entre trabalho e emprego. O senhor avalia que a crise é uma oportunidade para fortalecer as propostas de Gorz na perspectiva de valorização do trabalho?

Ricardo Abramovay - Certamente. Os programas brasileiros de transferência de renda têm um papel muito positivo nesta direção. Há forte indício de que uma de suas principais consequências está na eliminação de atividades que só existiam por se apoiarem em formas aviltantes de utilização e remuneração do trabalho. Hoje, no Nordeste do Brasil, as pessoas não são mais obrigadas a trabalhar por um prato de comida e isso é muito positivo. As transferências públicas de renda são modalidades embrionárias do que Gorz, de forma pioneira, e depois Rifkin¹⁷ e Van Parijs¹⁸ irão chamar de renda de

cidadania. O desafio é fazer com que estas transferências permitam fortalecer as sociedades locais, as formas de interação social que não se apóiam estritamente no trabalho assalariado e no mercado. Mas também as transferências de renda podem e devem dar lugar à formação de mercados dinâmicos ligados à vida social local. Há um fenômeno novo e muito importante aí que é a junção entre o fato de as pessoas viverem (de maneira saudável) cada vez mais e trabalharem durante um período cada vez menor de suas vidas. Quando se aposentam, muitos não querem permanecer ali onde estiveram durante sua vida ativa e decidem voltar a suas regiões de origem ou ir para áreas sem os problemas das concentrações metropolitanas. Parte da migração de retorno em direção ao Nordeste brasileiro dos anos 90 e 2000 tem aí sua raiz. Estas pessoas com renda estão na origem de um dinamismo econômico cuja marca não é a competitividade globalizada e a oferta de bens industriais altamente sofisticados e sim a satisfação de necessidades locais, ligadas potencialmente à valorização da cultura, da biodiversidade, à restauração, aos esportes de aventura, ao turismo, à produção agropecuária de qualidade, à assistência aos idosos: são atividades econômicas mercantis, não globalizadas e cujo exercício só pode ser feito num ambiente marcado pela valorização do que a sociedade tem de melhor: seus atributos naturais, a qualificação profissional de seus habitantes e a construção de relações sociais de proximidade que se distingam do que ocorre nas grandes metrópoles.

IHU On-Line - Alguns dizem que esse é o momento propício para por fim ao capitalismo. Outros defendem a sua reformulação. Para o senhor, qual é a saída adequada?

Ricardo Abramovay - Se colocar fim

renda mínima. Ele estudou na Universidade de Saint Louis, em Bruxelas, e nas universidades de Louvain, Oxford, Bielefeld e Califórnia. Leciona na Faculdade de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais da Universidade Católica da Louvain, onde dirige a Cátedra Hoover desde a sua criação, em 1991. É também professor visitante da Universidade de Harvard desde 2004. (Nota da IHU On-Line)

ao capitalismo é expropriar as grandes empresas e substituir o mercado pelo planejamento central, então eu gostaria de saber quais são hoje as forças políticas que expõem com clareza este projeto para a sociedade. E se não é disso que se trata, então estamos mais próximos do que você chamou de “reformulação”. Mesmo que se conte com um segmento crescente de empresas cujo controle é exercido diretamente pelos trabalhadores em regime de autogestão, o fato de o mercado operar como mecanismo de alocação dos recursos sociais e de que a sobrevivência das empresas depende de sua eficiência em mercados competitivos, faz com que a organização empresarial tenha caráter capitalista. Mas é fundamental que esta constatação não dê lugar à posição conformista segundo a qual o mercado é uma caixa preta, opaca, invisível e inacessível à pressão social. Ao contrário, a maneira como as empresas e o mercado se organizam depende, antes de tudo, daquilo que, com relação a eles, fazem as forças organizadas da sociedade. Neste sentido, a reformulação não é uma tarefa menor à qual temos que nos conformar diante da impossibilidade de por fim ao capitalismo. A relação entre economia, sociedade e natureza se faz de maneira evolutiva, colocando desafios inéditos e imprevisíveis que vão muito além da ideia de que o controle social e planejado dos grandes meios de produção e troca resume o que de mais importante existe num projeto emancipador. Isso dificulta, mas torna certamente muito interessantes os desafios políticos e civilizatórios que temos pela frente.

LEIA MAIS...

>> Ricardo Abramovay concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Ela está disponível na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu).

* *Economia e a relação com nossa intimidade*. Entrevista publicada nas *Notícias do Dia*, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU (www.unisinos.br/ihu), em 20-03-2007

17 Jeremy Rifkin: autor das obras *O fim dos empregos* (São Paulo: Makron Books, 2004), desde 1994, Rifkin tem atuado como membro do Wharton Scholl's Executive Education Program, onde ministra sobre as novas tendências na ciência e na tecnologia e de suas influências na economia e na sociedade. Presidente da Fondation on economic trends, em Washington, ele é crítico feroz da energia nuclear e de organismos geneticamente modificados. Também é autor do livro *A economia do hidrogênio* (São Paulo: Makron Books, 2003) e *A era do acesso* (São Paulo: Makron Books, 2005). (Nota da IHU On-Line)

18 Philippe Van Parijs (1951): filósofo e economista político belga, conhecido como proponente e principal defensor do conceito de

A esquerda e a dialética sujeito-objeto do fetichismo moderno

Enquanto não conseguir questionar os fundamentos do sistema, a esquerda seguirá desorientada, e, se aproveitar o “bonde da administração estatista da crise” para propor suas reformas sociais, descarrilará com ele, provoca Robert Kurz

POR PATRICIA FACHIN E MÁRCIA JUNGES | FOTO DIVULGAÇÃO | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER E WALTER SCHLUPP

Robert Kurz não faz concessões ao aproximar o pensamento pós-moderno com a ideologia neoliberal. Agora, diz ele, “a esquerda pós-moderna se depara com os destroços das suas ilusões e é confrontada com a dura realidade de uma crise monumental, a qual desde o começo ela não quis admitir e para a qual ela, por isso, não está preparada”. Incapaz de captar a “dialética sujeito-objeto do fetichismo moderno”, a esquerda caiu num “objetivismo tosco ou num subjetivismo igualmente tosco”. As ideias foram desenvolvidas na entrevista concedida por Kurz, por e-mail, à **IHU On-Line**.

O rótulo de ‘pós-modernidade’ era fajuto, argumenta, “e, no caso de Negri, desembocou no conceito totalmente vazio de ‘multidão’, que significa tudo e nada. O esvaziamento do sujeito tem seu correlato numa virtualização das lutas sociais, que em grande parte somente ainda têm caráter simbólico, sendo cada vez menos capazes de intervenção real”. Dessa forma, continua Kurz, “a esperança pelo ‘renascimento da política’ é a maior de todas as bolhas. Os danos provocados pela limitação política dos prejuízos serão inclusive maiores que a crise atual. O Estado somente ainda consegue regulamentar a morte definitiva do seu capitalismo. Neste aspecto, a esquerda também está desorientada enquanto não conseguir questionar os próprios fundamentos do sistema”. Se a esquerda quiser aproveitar “o bonde da administração estatista da crise” para iniciar suas reformas sociais ela “acabará descarrilhando junto com ele”, vaticina. “Ela bem que merece esse destino”.

Robert Kurz estudou Filosofia, História e Pedagogia. É cofundador e redator da revista teórica *EXIT! – Kritik und Krise der Warengesellschaft* (*EXIT! – Crítica e Crise da Sociedade da Mercadoria*). A área dos seus trabalhos abrange a teoria da crise e da modernização, a análise crítica do sistema mundial capitalista, a crítica ao Iluminismo e a relação entre cultura e economia. Publica regularmente ensaios em jornais e revistas na Alemanha, Áustria, Suíça e Brasil. Entre seus livros publicados em português, citamos *O colapso da modernização* (São Paulo: Paz e Terra, 1991), *O retorno de Potemkin* (São Paulo: Paz e Terra, 1994) e *Os últimos combates* (Petrópolis: Vozes, 1998). Confira a entrevista.



IHU On-Line - As atuais crises financeira e ecológica estão relacionadas com o “colapso da modernização”?

Robert Kurz - O termo colapso é um chavão provocativo, geralmente usado em sentido pejorativo, no intuito de desqualificar como “apocalípticos”, que não devem ser levados a sério, os representantes de uma teoria radical da crise. Não só as elites capitalistas, mas também os representantes da esquerda preferem acreditar que o capitalismo pode renovar-se eternamente. É claro que um sistema social global não desmorona de uma hora para outra como um indivíduo infartado. Mas a era do capitalismo passou. Afinal de

contas, a modernização não foi outra coisa senão a implementação e o desenvolvimento desse sistema, não vindo ao caso se os mecanismos eram do capitalismo privado ou do capitalismo estatal.

Apesar de todas as diferenças exteriores, o fundamento comum consiste na “valorização do valor”, isto é, na transformação de “trabalho abstrato” em “valor agregado”. Entretanto, esta não é uma finalidade subjetiva, mas um fim em si mesmo que acabou ficando independente. Tanto os capitalistas quanto os assalariados, assim como os agentes estatais, não passam de funcionários desse fim em si mesmo que

se soltou e está incontrolável, o qual Marx chamou de “sujeito automático”. No caso, a concorrência universal força a uma dinâmica cega do desenvolvimento da capacidade produtiva, a qual constantemente gera novas condições de valorização para finalmente encontrar uma barreira histórica absoluta.

A barreira econômica interior consiste no fato de o desenvolvimento da força produtiva levar a um ponto em que o “trabalho abstrato” enquanto “substância” do “valor agregado” é tão reduzido, mediante racionalização do processo produtivo, que fica impossível aumentar o valor real [*reale Verwertung*]. Essa “dessubstancializa-

ção do capital” ou “desvalorização do valor” significa que os produtos em si deixaram de ser mercadoria, podendo ser representados em forma monetária como forma genérica de valor, limitando-se a ser meros bens de consumo. A finalidade da produção capitalista, porém, não é a fabricação de bens de consumo para satisfazer necessidades, e sim o fim em si próprio que é a valorização. Por isso, segundo critérios capitalistas, ao se alcançar a barreira econômica interna é preciso fechar a produção e, portanto, o processo vital da sociedade, mesmo que todos os meios estejam disponíveis.

Capitalismo virtual

Em termos reais, essa situação já havia surgido em meados dos anos 80, com a terceira revolução industrial. O capitalismo prolongou sua vida em forma “virtualizada”, por um lado, mediante endividamento historicamente sem precedentes (antecipação de valor agregado futuro, que na realidade jamais poderá ser resgatado); por outro lado, pelo inchaço, igualmente nunca visto, das assim chamadas bolhas financeiras (ações e imóveis). Esse pseudoacúmulo de capital monetário “desprovido de substância” foi usado para alimentar também a produção real de mercadorias. Resultou daí uma conjuntura deficitária global com fluxos de exportação de mão única principalmente para os Estados Unidos. As zonas de processamento de exportação da China e da Índia, porém, não representam uma expansão real do “trabalho abstrato”, porque seu ponto de partida não foi poder de compra real, e sim o capital monetário “desprovido de substância” representado no endividamento e nas bolhas financeiras. Por mais de duas décadas se nutriu a ilusão de que o “crescimento tocado exclusivamente pelas finanças” seria viável. De forma alguma, o fim dessa ilusão consiste exclusivamente numa crise financeira. A decantada “economia real”, na verdade, há muito que já não é mais real, e sim foi alimentada artificialmente com bolhas financeiras “desprovidas de substância”. Agora o capitalismo é reduzido a seus reais fundamentos de valorização. A conse-

quência é uma nova crise da economia mundial, sem que se vislumbrem novos potenciais reais de valorização.

Ao mesmo tempo, o capitalismo esbarra em sua limitação externa natural. Na mesma medida em que ficou supérfluo o “trabalho abstrato” enquanto transformação de energia humana em “valor agregado”, acelerou-se a expansão da aplicação tecnológica das energias fósseis (petróleo, gás). A dinâmica cega do desenvolvimento da capacidade produtiva não controlada socialmente levou, por um lado, ao previsível esgotamento dos recursos de energia fóssil e, por outro, à destruição do clima global e do meio ambiente natural, em grau igualmente previsível.

**“No que tange à
esquerda
pós-moderna, pode-se
falar de vexame na
medida em que
descartou, em sua
maior parte, a crítica
da economia política”**

A barreira natural exterior e a barreira econômica interior apresentam horizonte temporal diverso. Ao passo que o final da real “valorização do valor” já se encontra no passado e a economia capitalista atravessa sua crise histórica agora, no espaço de poucos anos (grosso modo ao longo da próxima década), a barreira natural absoluta ainda se encontra no futuro (num período de no máximo duas a três décadas). A crise econômica e o concomitante fechamento de capacidades de produção refreiam o esgotamento dos recursos energéticos — às custas da crescente miséria social global na forma capitalista. Simultaneamente, porém, os processos de destruição das bases naturais e do clima apresentam tamanho avanço, que não chegam a ser detidos pela crise econômica, sen-

do que a barreira natural exterior será atingida apesar de tudo.

Destruição capitalista da natureza

O fim da modernização significa, portanto, que, além de ter que superar a forma capitalista da reprodução, durante muito tempo uma sociedade mundial pós-capitalista terá que sofrer e lidar com as consequências da destruição capitalista da natureza. Para a análise e crítica teórica da crise, é importante enxergar a interconexão interna das duas barreiras históricas do capitalismo. Existe, porém, o perigo de jogar um contra o outro esses dois aspectos da crise histórica; isto vale para ambos os lados: para as elites capitalistas bem como para os representantes de um “reducionismo ecológico”, que somente admitem a barreira natural exterior. A gestão capitalista da crise e o reducionismo ecológico poderiam entrar em aliança perversa, que redundaria em negar a barreira econômica e, em nome da crise ecológica, pregar às massas depauperadas e miseráveis uma ideologia da “renúncia social”. Contra isso, é preciso sustentar que a crise, a crítica e a superação da estrutura capitalista têm prioridade, porque a destruição da natureza é consequência, e não causa da barreira interior desse sistema.

IHU On-Line - Por que o senhor diz que o vexame da crise é também o vexame da esquerda pós-moderna?

Robert Kurz - A crise não é nenhum vexame, mas um processo objetivo, resultante da dinâmica cega da concorrência e do desenvolvimento descontrolado da capacidade de produção. No que tange à esquerda pós-moderna, pode-se falar de vexame na medida em que descartou, em sua maior parte, a crítica da economia política. O “economismo” dos tradicionais marxistas de partido só foi criticado para eliminar de vez a objetividade negativa das categorias capitalistas de “trabalho abstrato” e “valorização do valor”. A dinâmica de crise inerente ao capitalismo passou totalmente despercebida, tendo sido traduzida para “possibilidades ilimitadas”. Tal como as elites neoliberais, a esquerda pós-

moderna acreditava no “crescimento tocado a finanças” e se transformou na expressão ideológica do capital fictício. O virtualismo econômico foi complementado pelo virtualismo tecnológico da internet. O *Second Life*¹ do espaço virtual sofreu a mutação de tornar-se a forma de vida “propriamente dita”, o suposto “trabalho imaterial” de Antonio Negri, acabou sendo a continuação da ontologia capitalista do trabalho.

O real problema de substância do “trabalho abstrato” foi negado; um “antissubstancialismo” ideológico (ou “antiessencialismo”) a contrastar com Marx denunciou esse problema de substância como mera metafísica de um pensamento ultrapassado, em vez de nele reconhecer uma “metafísica real” do capitalismo, a qual não deixa de ser bastante material. Concomitantemente, ocorreu uma orientação pela esfera da circulação. A ilusão financeira capitalista de que atos de compra e venda também poderiam gerar crescimento, como a real produção de mercadorias, também constituiu a premissa implícita do pensamento pós-moderno. O endividado sujeito de mercado e consumo aparecia como portador da reprodução e de uma possível emancipação, sendo que nem mais se podia dizer em que esta consistiria.

O falso virtualismo econômico e tecnológico teve seu correlato filosófico numa epistemologia que não mais queria criticar e superar a fetichista “aparência real” da relação de capital, mas seduzia para a crença de a pessoa poder “realizar-se a si própria” nessas condições. Seguindo as ilusões virtualistas, a “gaiola de ferro” (Max Weber) do sistema produtor de mercadorias foi redefinida como “ambivalência” e “contingência” abertas para tudo e a qualquer hora. A verdade, mesmo a verdade negativa da crítica, não teria mais base objetiva nas condições reinantes, mas podia ser “produzida” e “negociada”. Para a esquerda pós-moderna, a natureza negativa do capital se dissolvia numa indefinível “pluralidade” [*“Vielfalt”*, “diversidade”]

de”] de fenômenos, a qual se apresentaria como desconexa “pluralidade” de movimentos sociais, sem focalizar o âmago concreto do capital.

Pensamento pós-moderno e neoliberalismo

Em termos sociais, a esquerda pós-moderna foi um *trendsetter*² da individualização e flexibilização capitalista. O flexi-indivíduo abstrato não foi reconhecido como forma do sujeito burguês em crise, mas recebeu o nimbo de antecipação da individualidade

“A crise existencial da esquerda de hoje consiste justamente no fato de ela não ter conseguido transformar o marxismo e reformular a crítica da economia política dentro dos padrões do século XXI”

liberta já no seio do capitalismo. Em vez de aparecer como forma última de existência do mercado totalitário e como ameaçadora “guerra de todos contra todos” na concorrência universal da crise, a individualização aparecia como forma atomizada da “autor-realização”, e o “ser humano flexível” (Richard Sennet)³ se apresentava não como objeto indefeso ao sabor das

2 *Trendsetter*: do inglês, uma pessoa que, entre poucas, passa a utilizar algum tipo de moda ou tecnologia. (Nota da IHU On-Line)

3 Richard Sennet: sociólogo americano, autor de, entre outros, *O declínio do homem público: As tiranias da intimidade* (São Paulo: Companhia das Letras, 1989), *A corrosão do caráter* (5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001) e *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental* (3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003). Sua obra mais recente é *L'Uomo artigiano* (O homem artesão), ainda sem tradução para o português. (Nota da IHU On-Line)

imposições capitalistas, mas como seu próprio “soberano”, que poderia conquistar novos espaços e transformar a si próprio no que quisesse. A proximidade do pensamento pós-moderno para com a ideologia neoliberal sempre foi inquestionável, apesar dos contrastes exteriores. Agora a esquerda pós-moderna se depara com os destros das suas ilusões e é confrontada com a dura realidade de uma crise monumental, a qual desde o começo ela não quis admitir e para a qual ela, por isso, não está preparada.

IHU On-Line - A esquerda de hoje vive uma crise existencialista? Antes de sugerir alternativas para as crises atuais, a esquerda mundial teria de resolver seus próprios impasses? Para o senhor, há atualmente um vazio teórico das esquerdas ou um “desencontro metodológico” na busca de bases comuns para uma teoria?

Robert Kurz - A crise existencial da esquerda de hoje consiste justamente no fato de ela não ter conseguido transformar o marxismo e reformular a crítica da economia política dentro dos padrões do século XXI. Pois naturalmente não existe volta para os paradigmas de uma época passada. O rótulo de “pós-modernidade” era fajuto, porque a real transformação social do capitalismo não inaugurou novos espaços sociais, mas justamente marcou a transição para sua ruína histórica. Nem o fim do antigo movimento operário nem o naufrágio do “socialismo real” foram digeridos criticamente. A transição pós-moderna não superou o marxismo tradicional, apenas lhe deu continuidade numa forma esvaziada. Enquanto desaparecia totalmente de vista o objetivo socialista e se dissolvia aquela falsa “pluralidade” de aspirações meramente particulares, o paradigma da “classe operária” se transformou numa insustentável multidão de sujeitos sociais postigos; no caso de Negri, desembocou no conceito totalmente vazio de “*multidão*”, que significa tudo e nada. O esvaziamento do sujeito tem seu correlato numa virtualização das lutas sociais, que em grande parte somente ainda têm caráter simbólico, sendo cada vez

1 Sobre o tema, confira a revista especial produzida pela IHU On-Line número 226, intitulada *Second Life: uma fábrica de sonhos e desejos*, publicada em 02-07-2007. (Nota da IHU On-Line)

menos capazes de intervenção real.

Caracterizar essa situação com “impasses” da esquerda é um eufemismo. A esquerda antiga tanto quanto a pós-moderna acabaram. Não existe mais sujeito ontológico do “trabalho”, porque o “trabalho” acabou revelando ser substância histórica do capital e ficou obsoleto. Com isto, também o paradoxal conceito marxista de “sujeito objetivo” em si, que somente precisaria chegar “a si”, está liquidado em termos históricos e não pode ser continuado em sucedâneos. Neste aspecto, o “vazio teórico” da esquerda é idêntico com o “desencontro metodológico”. A esquerda nunca conseguiu captar a dialética sujeito-objeto do fetichismo moderno. A consequência foi cair num objetivismo tosco ou num subjetivismo igualmente tosco. A oscilação entre esses dois pólos do fetichismo perfaz boa parte das discussões de esquerda que não conseguiram deixar para trás essa polaridade.

Sujeitos paradoxais

Para um novo movimento social emancipatório, o que importa não é mais despertar pelo beijo um “sujeito objetivo”, mas fazer uma crítica da forma sujeito, sem salvaguarda ontológica, e interpretá-la como forma de existência capitalista. A forma “sujeito” sempre só pode ser um agente do “sujeito automático” da valorização do capital e não pode ser confundida com a vontade para a ação emancipatória, a qual precisa constituir-se a si própria e não pode ter fundamento ontológico. Isto é algo difícil de ser pensado, porque justamente a esquerda pós-moderna desistiu da crítica do sujeito (o Foucault⁴ tardio voltou a

4 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos, *História da loucura*, *O nascimento da clínica*, *As palavras e as coisas* e *A arqueologia do saber*, seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e punir* e *A história da sexualidade*. Fou-

cault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004 e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para *download* na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em formação*. (Nota da IHU On-Line)

cault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004 e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para *download* na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em formação*. (Nota da IHU On-Line)

“A crítica dessas formas sociais e a crítica da relação capitalista dos gêneros condicionam-se mutuamente e precisam ser pensadas em conjunto”

quanto a “classe operária”. O postulado de uma “formação de sujeito” feminina, por isso, leva ao mesmo beco sem saída. Também o feminismo foi vitimado pela transição pós-moderna e dissolveu a forma de existência feminina “divergente” [“*abgespalten*”] no capitalismo numa “diversidade” de aspirações emancipatórias particulares que não tangem o problema central. Também aí seria importante mediar a crítica do patriarcado moderno

cault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em duas edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004 e edição 203, de 06-11-2006, ambas disponíveis para *download* na página do IHU. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em formação*. (Nota da IHU On-Line)

com a crítica da economia política, e não tratá-la como questão “derivada” [“*abgeleitet*”], secundária. No caso, é fundamental a noção de que as categorias aparentemente neutras do capital e a respectiva forma “sujeito” em si já são “masculinas”, e que a “razão” capitalista é androcêntrica na origem. A dissolução da família tradicional e dos respectivos papéis de gênero nada altera no caso, porque o caráter androcêntrico do capitalismo continua de outra forma. A crítica dessas formas sociais e a crítica da relação capitalista dos gêneros condicionam-se mutuamente e precisam ser pensadas em conjunto.

A crítica do “sujeito objetivo” do “trabalho” e da existência feminina “divergente” não é jogo de palavras, mas tem consequências práticas enormes para a superação do capitalismo. Acontece que desse modo também ficou liquidada a noção do marxismo antigo de emancipação social e de socialismo “dentro” das categorias capitalistas que somente teriam que ser reguladas e moderadas de outra forma. No limite histórico do capitalismo, levanta-se o desafio da “crítica categorial” da conexão entre “trabalho abstrato”, forma de mercadoria e “valorização do valor”, bem como da relação entre os sexos neste contexto. Isto também é difícil de ser pensado, porque essas condições existenciais estão interiorizadas, tendo sido inclusive firmadas ainda mais pelo pensamento pós-moderno. Somente a formulação de novo objetivo socialista sobre a base de uma “crítica categorial” pode levar ao desenvolvimento de exigências de transição imanentes que também sejam adequadas no processo da crise histórica, assim obtendo real poder de se impor. Sem o foco unificador sobre o âmago do capitalismo, movimentos sociais permanecem indefesos e particularizados. É de se temer, entretanto, que a esquerda, pega de surpresa pela crise, acabe confiando em concepções demasiado tacanhas de suposta “salvação”, assim apenas ratificando sua impotência histórica.

IHU On-Line - Em que sentido a conjuntura atual tem contribuído para

que a política se torne um modelo em extinção? Podemos dizer que a economia “colonizou” a política? Está se repensando a política a partir do que está acontecendo atualmente?

Robert Kurz - A política centrada no Estado como instância sintetizadora do capitalismo está saindo de linha não por ter sido colonizada pela economia, mas por ter fracassado, há muito, em função de suas próprias premissas. O problema não tem a ver apenas com a condição exterior da globalização do capital, a qual rompeu os espaços de economia nacional. A força reguladora do Estado se extingue principalmente pelo fato de substancialmente nada mais haver para ser regulado. A valorização capitalista nas formas de “trabalho abstrato” de dinheiro sempre já tem constituído a premissa do Estado, a qual ele não consegue contornar. Quando o capital se desvaloriza pelo seu próprio desenvolvimento de capacidade produtiva, o Estado somente consegue reagir a isso mediante inflacionária emissão de dinheiro pelo seu banco central. Isto não supera a falta de substância do capital virtualizado, mas a exacerba como desvalorização do veículo-fim-em-si-mesmo chamado dinheiro. Ocorre que a competência do banco central é puramente formal; sua geração de dinheiro somente pode dar expressão à produção substancial de valor agregado mediante “trabalho abstrato”, mas não consegue substituí-la.

Os limites do crédito estatal já haviam sido alcançados no final dos anos 1970. Naquela época, a expansão do crédito estatal, desprovida de substância, foi punida por surtos inflacionários. A ilusão do neoliberalismo consistiu no fato de atribuir a inflação exclusivamente à atividade do Estado. A desregulamentação neoliberal somente transferiu o problema do crédito estatal para os mercados financeiros. Embora a punição da inflação ficasse protelada por causa do caráter transnacional da economia de bolhas financeiras, o potencial inflacionário começou a manifestar-se na conjuntura deficitária global até 2008. Esse processo, num primeiro momento, foi interrompido porque desde então o capital virtual e com ele a conjuntura mundial estão dando seu último suspiro. Mas se agora o Estado é novamente

invocado como “última instância” e *deus ex machina*, seus pacotes conjunturais e de salvação novamente terão que provocar a desvalorização do próprio dinheiro; só que isso acontecerá numa fase de desenvolvimento mais elevada e em proporção muito maior que trinta anos atrás.

Renascimento da política

Neste cenário, a esperança pelo “renascimento da política” é a maior de todas as bolhas. Os danos provocados pela limitação política dos prejuízos serão inclusive maiores que a crise atual. O Estado somente ainda consegue regulamentar a morte definitiva do seu capitalismo. Neste aspecto, a esquerda também está desorientada enquanto não conseguir questionar os próprios fundamentos do sistema.

**“Uma globalização
meramente virtual não
é sustentável, caso não
esteja ligada à
reprodução material
transnacional mais
além do capitalismo”**

Na mesma medida em que a suposta “autonomia” dos movimentos sociais particulares e simbólicos vira fumaça pela barreira interior da valorização, é de se temer que a esquerda sofra uma regressão para o seu tradicional estatismo, porque nada mais lhe ocorre. Já agora a maior parte daquilo que pretende ser crítica social de esquerda praticamente não passa de um pouquinho de nostalgia keynesiana. Se é que a esquerda espera lançar suas “reformas sociais” aproveitando o bonde da administração estatista da crise, ela acabará descarrilhando junto com ele e, uma vez passado seu carnaval no virtualismo, ela se tornará um *trendsetter* da política inflacionária. Ela bem que merece esse destino.

IHU On-Line - Que outras forças de esquerda podem surgir nesse momento?

Robert Kurz - Se fracassar a esquerda global presa nas categorias capitalistas, a gente naturalmente ficará se perguntando onde é que há outras forças de emancipação social. Com certeza haverá rebeliões e conflitos sociais quando as pessoas ficarem privadas de suas condições básicas de vida, por mais precárias que sejam. Essas erupções também podem tomar o rumo da direita, manifestando-se como sexismo, racismo, antissemitismo e nacionalismo, embora isso não tenha a menor chance de superação reacionária da crise. Também ocorrem levantes sociais espontâneos que se entendem vagamente como esquerdistas, como se pode observar na Grécia faz alguns meses. Esses vândalos juvenis a reagir visceralmente contra a opressão das necessidades vitais já estão sendo mitificados por alguns esquerdistas, que os usam contra a necessária transformação teórica.

Mas o culto da espontaneidade sempre passou vexame. As revoltas espontâneas da juventude, por mais organizadas que sejam, darão em nada, se não puderem adquirir uma noção crítica da situação em termos condizentes com a época. Por isso não existe alternativa, senão desenvolver nova meta socialista por meio de uma crítica categorial que não pode ficar vinculada ao “falso caráter imediato” da práxis espontânea. É preciso aguentar essa tensão para que a emergente resistência social não morra sufocada em seu próprio palavreado a campear “filosofia de vida”.

IHU On-Line - O senhor diz que a sociedade mundial precisa se libertar do jogo do economismo real e organizar seus recursos de uma nova forma, além do Estado e do mercado. Nesse sentido, como a esquerda pode desenvolver um trabalho revolucionário e mudar a atual conjuntura? Quais seriam, neste caso, as propostas da esquerda diante da crise financeira internacional?

Robert Kurz - É preciso salientar que é justamente a sociedade que precisa ser libertada globalmente do economismo

real do capital. É verdade que uma nova forma de reprodução somente pode ter êxito mais além do mercado e do Estado. Nos últimos anos, essa fórmula foi cada vez mais usada no sentido de ser apenas uma economia alternativa cooperativista, por assim dizer “ao lado” da síntese social pelo capital, e a qual de alguma maneira haveria de se ampliar aos poucos. Isto apenas dá continuidade ao particularismo “colorido” pós-moderno. Entretanto, a formação negativa de sociedade [*negative Vergesellschaftung*] do capitalismo somente pode ser superada por inteiro, ou não será superada. A economia alternativa cooperativista já tem um longo histórico e sempre fracassou, da última vez nos anos 1980.

Esta crise de proporções históricas não melhora as condições para semelhantes ideias, muito pelo contrário. Isto porque uma reprodução “alternativa” restrita a um espaço pequeno não só está vinculada a imposições sociais inconfessadas, mas também fica na dependência das funções de mercado e Estado, uma vez que por conta própria só consegue satisfazer poucas necessidades vitais. E a reprodução real dos indivíduos fica inserida num encadeamento que Marx, sob condições capitalistas, chamou de “trabalho social total”. Essa estrutura somente pode ser transformada por inteiro; não se pode começar com batatas ou *software* e achar que se criou um “modelo” em escala reduzida, que só precisaria ser aplicado à sociedade como um todo. O “platonismo de modelo” é produto da teoria econômica burguesa, não da crítica radical.

Quando, em plena crise, por falta de “financiabilidade”, se desligam água e luz, quando entram em colapso a assistência médica e a distribuição capitalista de gêneros alimentícios, então o que está em pauta não é o gradativo “entrar em rede” de comunas que pretendem reformar a vida, ou a “formação de rede” de permuta virtual, e sim a transformação do modo capitalista de “formação de rede” de toda a sociedade. Para tanto, é necessária a resistência organizada de toda a sociedade contra a administração da crise que estipula metas próprias em nível de síntese social.

Economia solidária como placebo

Daí só desviam a atenção os placebos particularistas tipo “economia solidária”, que geralmente consistem numa mixórdia de economia de subsistência, “reformas monetárias” ilusórias e abstrata ideologia comunitária. Querem fazer da urucubaca uma bênção. É muito coerente que essas propostas também fiquem namorando com “soluções para a crise financeira” e se aliem à nostalgia keynesiana. Não existe mais solução para a crise financeira; deve-se atacar o próprio critério de “financiabilidade”, se é que se

**““Não existe mais
solução para a crise
financeira; deve-se
atacar o próprio
critério de
‘financiabilidade’,
se é que se pretenda
levar a sério um novo
modo de reprodução
que vá além do
mercado e do Estado”**

pretenda levar a sério um novo modo de reprodução que vá além do mercado e do Estado.

IHU On-Line - Considerando que estamos na era da informação e vivendo a crise do capital, que novos rumos vão compor o mundo do trabalho no que se refere à relação capital/trabalho? Considerando a inserção de novas tecnologias na sociedade atual, mas também as atuais crises, é possível pensar em desglobalização na era da informatização? Podemos pensar assim em uma nova economia mundial?

Robert Kurz - A informática enquanto

base da terceira revolução industrial justamente gerou o desenvolvimento da capacidade produtiva que necessariamente tinha que levar à barreira interior do capitalismo. Sob condições capitalistas, trata-se de pura “tecnologia da crise”, que só mais além da valorização poderia desenvolver potenciais positivos. A ilusão pós-moderna e do capitalismo financeiro consistia em que a informática implicaria novas formas do “trabalho imaterial”, numa assim chamada sociedade da informação, bem como novas relações entre capital e trabalho, com maior “autodeterminação” dos trabalhadores. Na verdade, a “era da informação” já no passado levou ao desemprego em massa, ao subemprego e à precarização das relações de trabalho. Já a suposta autodeterminação levou a uma compulsiva “autorresponsabilização” dos indivíduos pelo processo de valorização. Antonio Negri pretendia estilizar essa evolução negativa como opção para uma “autovalorização autônoma” (*autovalorizzazione*). Esta acabou virando um chavão para a administração repressiva do trabalho, a qual a transformou na proposta de definir os indivíduos como “autoempresários da sua força de trabalho” e como “gestores do seu próprio capital humano”, a fim de deixá-los totalmente à mercê das condições do capitalismo em crise. A nova crise exacerbaria dramaticamente essas tendências e desmentiria de uma vez por todas as tentativas de tentar enxergar na forma capitalista da sociedade da informação uma “ambivalência” com potencial emancipatório. A metafísica pós-moderna da ambivalência está esgotada.

A globalização não pode ser reduzida à tecnologia da informação. Sob condições capitalistas ela somente poderia ser uma globalização do capital, sob cujo mando também se encontra a informação. É de se esperar que, com a política inflacionária do Estado, o processamento da crise leve a uma “desglobalização” na medida em que se ensaie a retirada para o egoísmo protecionista das economias nacionais, que somente ainda são formais; tudo isso acompanhado de ideologias neonacionalistas. Só que isto não pode superar a crise, apenas a agrava. Também é de se perguntar se a internet é sustentável — não por causa de um possível colapso tecnológico (embora

também aí haja indícios de esgotamento da capacidade) —, mas porque ela depende de uma formidável infraestrutura, cuja “financiabilidade” está tão em dúvida quanto todo o resto. Uma globalização meramente virtual não é sustentável, caso não esteja ligada à reprodução material transnacional mais além do capitalismo. As maritacas da blogosfera e os bitolados freaks da internet ainda podem levar um baita susto.

IHU On-Line - Como se pode falar em ética nos moldes atuais da sociedade capitalista?

Robert Kurz - Em todas as formações fetichistas históricas, ética não passou de uma tentativa de conviver socialmente com as condições de reprodução dadas, pressupostas às cegas, sem superá-las. Mesmo a ética burguesa moderna pretende resolver contradições e crises sem tocar nas causas constitutivas. Nela, o lugar da crítica radical deve ser assumido por um cânon de normas de conduta moral para os indivíduos, para que dentro das formas existentes a pessoa possa ficar *nice* para as outras. O que pode falhar não é o sistema, mas apenas a moral dos indivíduos. A crise atual, aliás, também tem sido atribuída aos déficits éticos dos banqueiros e executivos. Não é por acaso que o “pacote de resgate” de maior volume está na ética, que, para variar, está em alta. Infelizmente esse pacote está totalmente oco. O “sujeito automático” não está acessível para quaisquer imperativos éticos; ética, portanto, é mais ou menos a última coisa com que a teoria crítica deveria ocupar-se.

LEIA MAIS...

>> Robert Kurz já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Elas estão disponíveis na nossa página eletrônica www.unisinos.br/ihu.

Entrevistas:

* “O vexame da economia da bolha financeira é também o vexame da esquerda pós-moderna”. Edição número 278, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, de 21-10-2008;

* “A globalização deve se adaptar às necessidades das pessoas, e não o contrário”. Revista IHU On-Line nº 98, de 26-04-2004, intitulada *A crise da sociedade do trabalho. Estamos saindo do capitalismo industrial?*;

* “Novas relações sociais não podem ser criadas por novas tecnologias”. Revista IHU On-Line nº 161, de 24-10-2005, intitulada *As obras coletivas e seus impactos no mundo do trabalho*.

“A esquerda não pode ser um mero salva-vidas do capitalismo”

Para o sociólogo estadunidense James Petras, a crise internacional irá proporcionar um crescimento vasto do papel do Estado, e culminar em muitas estatizações

POR MÁRCIA JUNGES E PATRÍCIA FACHIN | FOTO DIVULGAÇÃO | TRADUÇÃO SANDER JEANNE E WALTER SCHLUPP

Mudanças de posicionamento são cruciais nesse momento, mas como propor algo diferente se a maioria das organizações de esquerda se tornaram sócias do capitalismo? E quando, ao mesmo tempo, movimentos sociais não apresentam o caráter revolucionário de décadas passadas? Ao se questionar sobre esses dilemas, o sociólogo estadunidense James Petras afirma que estamos diante de um grande paradoxo. Em conversa telefônica com a IHU On-Line, ele diz que “aprofunda-se o questionamento dos fracassos do capitalismo e dos destruidores do meio ambiente, ao mesmo tempo em que não há o surgimento de uma esquerda alternativa claramente articulada”.



Ao comentar a relutância da esquerda frente aos problemas ambientais do Planeta, Petras é incisivo e diz que a falta de integração da esquerda não se dá apenas com a questão ambiental. E exemplifica: “Não existe um movimento político para os colonos sem-terra, nem existe um movimento para os desempregados e para o número crescente de trabalhadores depauperados”. Para ele, essas questões representam “um fracasso em conseguir livrar-se das parcerias entre capital e trabalho, vinculações entre cientistas e seminários”. A esquerda precisa adotar uma posição estratégica, aconselha. “Ela não deveria encarar-se a si própria como mero salva-vidas do capitalismo, onde o governo não é apenas um parceiro de empresas capitalistas falidas, numa espécie de keynesianismo bastardo.” Precisamos, continua, “pensar sobre a reorganização da indústria com base justamente nas forças produtivas, que são trabalhadoras, engenheiros, cientistas, que projetam produtos para consumo doméstico e, caso necessário, para comércio regional, se é que isto é possível”.

Relembrando as teorias de Marx e Keynes, ele propõe uma nova discussão. O debate hoje não é mais sobre o Estado e o mercado, assegura, “mas sobre o papel que o Estado deveria desempenhar ao substituir ou restaurar o mercado, contra aqueles que encaram o Estado como um instrumento para o poder social dos trabalhadores e para reorganizar a economia”. E dispara: “Penso que voltamos à seguinte posição: não é uma questão de intervenção do Estado em si, mas de intervenção do Estado em favor de qual projeto econômico?”.

James Petras é professor de Sociologia na Universidade Binghamton, em Nova York. cursou o doutorado na Universidade da Califórnia, em Berkeley. É autor de mais de 62 livros, entre os quais citamos *Globalização: O imperialismo do século XXI* (2001) e *Multinacionais Trial* (2006). Atualmente, escreve uma coluna semanal do jornal mexicano, *La Jornada*. A íntegra da entrevista com James Petras pode ser conferida no sítio do Instituto Humanitas Unisinos — IHU (www.unisinos.br/ihu), nas **Notícias do Dia** de 29-03-2009.

IHU On-Line - Considerando a crise financeira internacional, como o senhor encara as ações dos diferentes grupos de esquerda na América Latina? Quais são as perspectivas da América Latina em vista dessa crise?

James Petras - Claramente, o tremendo declínio no mercado de exportações afetará a América Latina, mas não como um todo. As limitações de créditos, financiamentos e a descapitalização das subsidiárias no continente trarão efeitos. Mas é necessário considerar que a recessão mundial, que está virando depressão, irá gerar impactos diferentes nos países latino-americanos. É importante observar as condições institucionais, econômicas e as lideranças políticas dos países, para notar como a crise irá afetar cada um deles. Obviamente, países menos diversificados, dependentes da exportação, sofrerão mais que países com mercado doméstico profundo, com economia diversificada e reservas acumuladas. Ao menos na primeira fase da crise, os países com grandes reservas podem começar com seus pacotes de estímulo, como está acontecendo no Brasil, Argentina e Chile. Porém, essas são vantagens passageiras, ou seja, medidas que podem desacelerar o início da crise econômica, mas que não mudam os aspectos fundamentais. Por aspectos fundamentais, entendo o fato de que o sistema de produção no Brasil, particularmente de automóveis, além dos bens primários e setor de transportes, será profundamente afetado.

A crise do acúmulo

Uma coisa que deveríamos saber é que, como as matrizes nos países de origem estão em profunda crise, começaram a descapitalizar as suas subsidiárias nos outros países. A GM é um exemplo disso. A GM, a Ford, principalmente a Chrysler, estão indo à falência. Elas não têm capacidade para superar suas perdas de 100 bilhões de dólares. Estão buscando mais ajuda do governo, e já receberam 14 bilhões. O colapso dessas multinacionais levantou a questão, em muitos países, se as economias nacionais e os governos es-

tão dispostos a comprar essas fábricas e transformá-las em algum tipo de unidades de produção autônomas, ou se experimentarão os efeitos posteriores do colapso da indústria americana de transportes. A economia americana desencadeou esta crise financeira, mas a crise mundial é uma crise de acúmulo excessivo de lucros mediante a exploração excessiva, das finanças, do crédito etc. Isto teve efeitos tremendos sobre o setor financeiro, na busca de lucros para manter as taxas originais do processo de acumulação. A crise financeira estourou primeiro nos EUA porque o colapso financeiro da América Latina, antes disso, tinha imposto certos controles sobre o sistema financeiro, o que limitou sua capacidade de se ligar aos ativos tóxicos, subprime, hipotecas e outros meios especulativos. Mesmo assim, na medida em que a crise se desloca das finanças para a produção e para o comércio, é inevitável a futura contração das economias na América Latina, mais tarde que nos EUA. Mas, em última análise, a depressão começará no final de 2009, senão antes, de forma igualmente profunda.

IHU On-Line - A esquerda também está passando por uma crise? E, no seu entender, qual seria a razão para essa falta de direção ou mudança na esquerda mundial?

James Petras - Temos um fenômeno que emergiu na América Latina no início desta década: movimentos de massa que iniciaram nos anos 90 e culminaram em numerosas insurreições e derrotas dos neoliberais, desacreditando o neoliberalismo diante de movimentos de massa, seja na forma de insurreições como na Argentina, Bolívia, Equador, seja na forma de derrotas eleitorais, ou como na Venezuela, que, além de eleitoral, também foi contragolpe. Mas o resultado final não foi uma transformação básica, porque esses movimentos foram incapazes de criar suas próprias alternativas.

Então, o que emerge é um híbrido, que adotou algumas características de massa dos movimentos sociais radicais, mas que se adaptou às estruturas econômicas existentes, inclusive provocando tremendo crescimento e

ênfase sobre o crescimento do setor primário. Tivemos enormes investimentos em produtos agrominerais na Argentina, Brasil, Uruguai, Bolívia. Todos esses assim chamados governos de centro-esquerda tocaram esses *booms* de commodities, sem mudar a renda, mudar a propriedade, ou dinamizar as economias internas. Essencialmente, tomaram uma parte da riqueza acrescentada e criaram programas contra a pobreza, programas de compensação. Mas as estruturas básicas do passado não mudaram. Lula, em particular, tornou-se um dos maiores defensores do livre comércio na América do Norte, inclusive criticando Bush por não ser tão aberto, abrindo os mercados com comércio totalmente livre. Percebo que esses assim chamados governos de centro-esquerda agora estão enfrentando as consequências, na medida em que ganharam terreno com os *booms* de commodities e com o crescimento irrestrito do capitalismo. Agora, o outro lado da medalha é que eles irão sentir o impacto em cheio do declínio dos mercados mundiais e dos preços, bem como do comércio; não demonstraram quaisquer inovações estruturais.

IHU On-Line - Quais são as propostas da esquerda em vista deste cenário de catástrofe econômica, social e ecológica? Quais parâmetros deveriam orientar as ações de uma nova esquerda?

James Petras - Uma das propostas é frear o desemprego. A esquerda não pode permitir que empresa alguma demita trabalhadores, transforme programas de estímulo de gastos de renda em investimentos sociais de grande porte, grandes investimentos produtivos, grandes projetos de emprego, grandes obras públicas pagando salários ao nível de sindicalizados. A meu ver, a finalidade principal não é colocar recursos nas mãos de capitalistas na esperança de que eles vão investir o dinheiro e gerar empregos. É o inverso: colocar dinheiro na renda e no emprego dos trabalhadores, independentemente dos fracassos do capitalismo. Devemos concentrar os programas no sentido de que governo

seja proprietário, em grande escala e a longo prazo, do sistema produtivo e financeiro. Eles fracassaram, destruindo a produção e as finanças. Não podemos sustentar perdedores, fracassos. Precisamos começar da frente. Não podemos construir em cima de sistemas quebrados. A noção de botar um remendo aqui, estimular ali, está errada. Os trabalhadores não podem permitir desemprego maciço que irá derrubar os salários ainda mais, e levar à concentração de algumas poucas empresas que conseguem resistir à tempestade.

Esquerda brasileira

Temos um lugar para grandes gastos do governo, mas não subsidiando as perdas do capitalismo; trata-se de levantar o padrão de vida e a demanda dentro do país. Num lugar como o Brasil, isto significa investimentos em grande escala no desenvolvimento da agricultura familiar no interior, para criar demanda doméstica por suprimentos. Significa, ao mesmo tempo, assumir as indústrias falidas no setor industrial e não simplesmente proporcionar-lhes bilhões de dólares de subsídios e subsidiar empréstimos. O governo declara que a finalidade é criar empregos e abrir o crédito; isto canaliza para empresas que não irão investir, se não enxergarem um mercado, porque a demanda está baixa. Para gerar demanda, é preciso focalizar a renda diretamente nas mãos dos consumidores. Se você quiser gerar produção, você não irá subsidiar empresas capitalistas improdutivas e inviáveis.

Esta é uma posição estratégica que a esquerda necessita adotar. Ela não deveria encarar-se a si própria como mero salva-vidas do capitalismo, onde o governo não é apenas um parceiro de empresas capitalistas falidas, numa espécie de keynesianismo bastardo. O que precisamos fazer agora é pensar sobre a reorganização da indústria com base justamente nas forças produtivas, que são trabalhadores, engenheiros, cientistas, que projetam produtos para consumo doméstico e, caso necessário, para comércio regional, se

é que isto é possível.

IHU On-Line - Que mudança o senhor visualiza no capitalismo?

James Petras - O que está acontecendo são gigantescos gastos do governo para dívidas, os quais vão ser sustentados mediante aumento de impostos e cortes de programas sociais nos orçamentos para subsidiar a recuperação capitalista. Vejo um enorme retrocesso nas receitas e nos gastos do governo, ou, colocando em outros termos, entre os ganhos corporativos e os salários corporativos. Veremos imenso crescimento do abismo à medida que

“Vejo um enorme retrocesso nas receitas e nos gastos do governo, ou, colocando em outros termos, entre os ganhos corporativos e os salários corporativos. Veremos imenso crescimento do abismo à medida que avança a crise”

avança a crise. Não tenho absolutamente dúvida alguma em relação ao fato de que um governo que assume dívidas enormes, nas quais o pagamento dos juros soma um quinto ou um sexto do orçamento federal, não terá espaço algum para encarar despesas sociais, para aumentar ou mesmo manter programas sociais. Penso que a recuperação capitalista significa que os trabalhadores pagam pelo prejuízo, a não ser que você tenha um governo diferente, com compromissos sociais diferentes e compromissos de classe

diferentes, que procure financiar a recuperação dos padrões de vida dos trabalhadores, que garanta o emprego dos trabalhadores e que intervenha nas fábricas que vão contra essa política — intervir no sentido de assumir, assumir o gerenciamento, a direção, o investimento e a política salarial. Não há dúvida alguma de que irão falar sobre “sacrifício igual” dos capitalistas e dos trabalhadores. Mas os capitalistas irão continuar donos das fábricas, sem quaisquer perdas, e os trabalhadores perderão seu salário. Então, qual é o sacrifício igual, quando um mantém os instrumentos básicos de produção e distribuição, e o outro sofre as consequências de redução de salário e dos benefícios sociais?

IHU On-Line - Em que sentido as transformações com a crise financeira, econômica e ecológica implicam inovação política?

James Petras - Existe uma tremenda lacuna nessas questões. Existem dois fatores que precisamos reconhecer: as condições objetivas para mudança estão em seu momento mais favorável. Ou seja, nunca antes na história tanta gente reconheceu a questão do aquecimento global, da mudança climática. De modo semelhante ocorre o mesmo com o capitalismo: nunca antes vimos um colapso tão profundo dos sistemas financeiro e produtivo ao mesmo tempo no palco mundial, indo da Rússia à Patagônia, da Patagônia ao declínio do comércio na Ásia, ao desmoronamento das principais indústrias nos EUA. Falando objetivamente, o questionamento em relação ao capitalismo e ao meio ambiente está mais forte do que nunca. Os capitalistas nunca estiveram tão na defensiva e os defensores da poluição e do aquecimento global nunca estiveram tão fracos. Mesmo assim, não estamos enxergando mudança alguma, porque objetivamente também estamos num dos pontos mais fracos: os social-democratas se tornaram sócios do capitalismo na Europa; nos EUA, não há movimento algum, pois o movimento contra a guerra virtualmente desapareceu, assim como os movimentos pelos direitos civis e dos imigrantes desapareceram. Também não existe sindicato organizado

nem partido algum que represente alternativas valiosas. Na Europa, talvez na França e na Itália ainda existam movimentos de sindicatos, mas eles não estão numa posição de exercer poder governamental. Há protestos maciços por toda a China, os quais podem se aprofundar. Por sua vez, na América Latina, há um histórico de lutas, um reavivamento em potencial, mas a Central Única dos Trabalhadores (CUT) é muito restringida e os outros sindicatos têm sido muito submissos, em vários casos incorporados no sistema, ao menos no regime de Lula. Com exceção da Venezuela e em grau mais reduzido Equador e Bolívia, não há sequer governos nacionalistas; só há nacionalismo setorial na Bolívia e no Equador, onde muitas multinacionais ainda ocupam posições estratégicas. Assim sendo, afirmo que, na América Latina, não estamos na mesma posição que ocupávamos no final dos anos 90, com os movimentos sociais em ascensão e governos neoliberais em declínio. Não vejo a centro-esquerda virando para a esquerda. Também não percebo a direita desaparecer. Ela, na verdade, está retornando na Argentina, e na Bolívia estão fazendo esforço para influenciar um terço do país.

Um grande paradoxo

Digamos o seguinte: temos um grande paradoxo — aprofunda-se o questionamento dos fracassos do capitalismo e dos destruidores do meio ambiente, ao mesmo tempo em que não há o surgimento de uma esquerda alternativa claramente articulada. Isto pode mudar. Não se pode especificar o ponto em que algo novo poderia aparecer, algum movimento social revitalizado e dinâmico: quando o desemprego for de 15% no Brasil, ou 18% ou 20% na Argentina, ou quando a pobreza aumentar ainda mais no México. Não estou excluindo isto, nem sou um pessimista estratégico, mas tento ser realista a este respeito: temos essa realidade dupla de grandes oportunidades e grandes fraquezas subjetivas.

IHU On-Line - Alguns críticos dizem que a esquerda está ultrapassada,

superada, porque não percebeu a importância de construir um novo modelo energético e ecológico. O que o senhor pensa sobre essa crítica?

James Petras - Talvez a esquerda esteja desconectada de um movimento bem amadurecido. Mas essa falta de integração acontece também com outros segmentos da sociedade. Por exemplo, não existe um movimento político para os colonos sem terra, nem um movimento para os desempregados e para o número crescente de trabalhadores depauperados. Portanto, não se trata exclusivamente de

“Temos um grande paradoxo — aprofunda-se o questionamento dos fracassos do capitalismo e dos destruidores do meio ambiente, ao mesmo tempo em que não há o surgimento de uma esquerda alternativa claramente articulada”

não se conseguir construir algum modelo em torno da questão energética. Trata-se do fracasso em conseguir livrar-se das parcerias entre capital e trabalho, vinculações entre cientistas e seminários — cientistas e teóricos do clima vão para fóruns sociais no Pará, aplaudem-se mutuamente, vão para casa e celebram o fato de que ganharam a atenção das pessoas. É uma falta de coerência total: nenhuma dessas conferências ecológicas resultou em alguma coalizão ao redor

das questões econômicas, ecológicas e afins. Percebo que o grande fracasso está com os movimentos ecológicos. Na Alemanha, eles se tornaram anexos dos partidos mais importantes. Na França, deixaram de fazer conexões com os principais movimentos de greve, e na Itália eles têm sido uma força muito limitada e marginal, com exceção de ocasionais demonstrações. Nos Estados Unidos, há 110 grupos ecológicos diferentes, cada qual tentando pressionar o governo existente, em vez de montar uma força política independente; consideram-se mais como lobbies a fazer pressões, e grupos locais com identidades muito específicas: centrados em árvores, em energia, vento etc. Alguns começam como movimento social e depois acabam como capitalistas de risco.

IHU On-Line - O pensamento marxista ainda é pertinente na América Latina?

James Petras - Esta pergunta foi respondida pelos próprios capitalistas. Vemos, na imprensa, que o interesse pelo marxismo levou a compras maciças dos livros de Karl Marx. Os jornais financeiros de maior circulação estão usando a mesma linguagem, falando de “colapso do capitalismo”, “fracassos do capitalismo”, da incapacidade operacional do sistema financeiro, em outras palavras: mesmo as publicações financeiras hoje reconhecem seu diagnóstico fracassado, seus erros de receita até agora, de modo que abriram espaço para um debate. O debate hoje não é mais sobre o Estado e o mercado, mas sobre o papel que o Estado deveria desempenhar ao substituir ou restaurar o mercado, contra aqueles que encaram o Estado como um instrumento para o poder social dos trabalhadores e para reorganizar a economia. Acredito que o liberalismo está morto. Todo escritor capitalista afirma isso. Agora a questão é: quais são as alternativas para o liberalismo? E aqui dois teóricos de projeção estão em confronto, Keynes e Marx. Voltamos à seguinte posição: não é uma questão de intervenção do Estado em si, mas de intervenção do Estado em favor de qual projeto econômico?



IHU

ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Teologia Pública

“O valor da pessoa humana é a liberdade”

Gianni Vattimo fala sobre a necessidade da religião para uma sociedade laica e liberal

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN | FOTO DIVULGAÇÃO | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line, o renomado filósofo italiano Gianni Vattimo afirma que “sociedade liberal e sociedade laica são resultados de uma pertença religiosa da qual nos libertamos aos poucos, conservando, no entanto, muitos traços dela, que constituem seu sustento”. Ao defender a importância da liberdade e de sua relação com a Igreja, ele declara que “o cristianismo nos deixa como herança precisamente o liberalismo e a laicidade; trair estes valores, como frequentemente fazem as igrejas, significa trair a própria religiosidade”. E completa: “Eu sinto como dever cristão ajudar a Igreja a se libertar destes resíduos de poder temporal e a se tornar uma verdadeira defensora da liberdade”.

Estudioso do pensamento de Nietzsche, Heidegger e Gadamer, Vattimo é conhecido como o mentor do “pensamento fraco”. De sua produção intelectual, destacamos, *Credere di credere* (Milano: Garzanti, 1996), *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna* (São Paulo: Martins Fontes, 1996) e *Depois da cristandade. Por um cristianismo não religioso* (São Paulo: Record, 2004).

Gianni Vattimo estará na Unisinos no próximo dia 15 de setembro, quando irá ministrar a conferência “A narrativa de Deus na sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades”, durante o Simpósio Internacional Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades, promovido pelo IHU.



IHU On-Line - O senhor defende um espírito religioso na história e argumenta que sem isto não existe uma verdadeira república. Por que e em que sentido a religião se torna importante para garantir a existência de uma sociedade laica e liberal?

Gianni Vattimo - Convenço-me sempre mais de que, no espírito religioso, há um componente de “nostalgia”, como quando se festeja o Natal, recordando a nossa infância, as orações aprendidas da voz da mãe. A religiosidade é sempre, em certo sentido, uma “origem”, um passado que nos marca, como um patrimônio do qual vivemos, consumindo-o, transformando-o, secularizando-o. Este passado serve para construir uma sociedade liberal? Direi que sim. Como escreve Nietzsche: “ainda é preciso ter sido religioso...”; sociedade liberal e sociedade laica são resultados de uma pertença religiosa da qual nos liberta-

mos aos poucos, conservando, no entanto, muitos traços dela, que constituem seu sustento. É preciso ter uma religião ou uma família para trair, para poder ser verdadeiramente livre. É como se cada um de nós devesse, para tornar-se liberal, retrair em si a história da secularização: ontogênese que repete a filogênese, ou como a *Fenomenologia do espírito*, de Hegel...

IHU On-Line - Quanto ao espírito religioso, quais são os ensinamentos que ele oferece à sociedade ocidental? Como pode contribuir para uma ética na política?

Gianni Vattimo - Não creio que se possa falar do espírito religioso em abstrato. Só posso falar dele em referência à minha — nossa — herança religiosa: cristianismo, judaísmo etc. É verdade que, na religiosidade, como a aprendemos do Cristianismo, há aquilo que Schleierma-

cher¹ chamava de “o puro sentimento da dependência” — sou criatura, provenho de, não me criei por mim... Será este um traço universal da religião? Não estou seguro de que posso afirmar isso. Por exemplo, o sentido do sagrado, como o descreve Rudolf Otto² (*numinosum, fascinans, tremendum*), já me parece um tanto diferente. Se eu penso no cristianismo e em suas origens judaicas, direi que o que a nossa religião tem a ensinar

¹ Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834): foi um teólogo, filósofo e pedagogo alemão. Foi co-responsável pela aparição da teologia liberal, negando a historicidade dos milagres e a autoridade literal das Escrituras. (Nota da IHU On-Line)

² Rudolf Otto (1869-1937): foi um eminente teólogo protestante alemão e erudito em religiões comparadas. Autor de *The Idea of the Holy*, publicado pela primeira vez em 1917 como *Das Heilige* (considerado um dos mais importantes tratados teológicos em língua alemã do século XX), e criador do termo *numinous*, o qual exprime um importante conceito religioso e filosófico da atualidade. (Nota da IHU On-Line)

à política é o espírito de caridade, ou também o que Schopenhauer³ chamava de altruísmo, a vitória sobre a vontade de sobrevivência a todo custo etc.

IHU On-Line - Sobre questões polêmicas como a pena de morte, o aborto e a eutanásia, por exemplo, Estado, Igreja e diversas religiões entram em conflito devido a ideologias opostas. Neste sentido, como deve prosseguir a relação entre Estado, Igreja e religiões? Como garantir a liberdade em momentos de conflito?

Gianni Vattimo - Precisamente, o liberalismo que herdamos da secularização cristã oferece uma guia neste caso: o valor da pessoa humana (também os cabelos de vossa cabeça estão contados, diz Jesus...) é a liberdade. Não há "verdade" objetiva ou valor supremo que esteja acima disto (Que dará o homem em troca da alma – ou seja, de sua liberdade?). O Estado deve funcionar segundo leis que tenham o consenso exclusivamente em sua base – e, naturalmente, isto é sempre um efeito a ser ainda aperfeiçoado, pois todos nascemos numa ordem social já dada que, no entanto, devemos ter o direito e os modos de modificar, reconstruir, por em discussão. Uma Igreja é a comunidade dos crentes que se reúnem para rezar e exercitar de todas as formas o amor de Deus e do próximo. Como cidadãos, agirão na política segundo aquilo em que creem. Mas, pelo mesmo respeito à liberdade que devem ter aprendido de seu patrimônio cristão, eles respeitarão esta liberdade de todos. O cristianismo nos deixa como herança precisamente o liberalismo e a laicidade; trair estes valores, como frequentemente fazem as igrejas, significa trair a própria religiosidade.

IHU On-Line - O que deveria fazer parte da relação entre Estado e Igreja? Como estas instituições podem

3 Arthur Schopenhauer (1788-1860): foi um filósofo alemão do século XIX da corrente irracionalista. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1851) seja o mais conhecido. Schopenhauer foi o filósofo que introduziu o Budismo e o pensamento indiano na metafísica alemã. Ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o Budismo como uma confirmação dessa visão. Schopenhauer também combateu fortemente a filosofia hegeliana e influenciou fortemente o pensamento de Friedrich Nietzsche. (Nota da IHU On-Line)

ajudar no sentido de construir uma sociedade mais solidária e ética?

Gianni Vattimo - Estado e Igreja não são duas essências estáticas, são instituições históricas que mudam e se transformam. Hoje, em geral, no mundo cristão-ocidental, a relação tende a se configurar frequentemente como um conflito: a Igreja (falo também e, sobretudo, da italiana) exercitou na história da Europa e do Ocidente um poder também temporal que tinha suas razões (a queda do Império romano, a necessidade de certa autoridade estável), as quais hoje são obstáculos à liberdade. Eu sinto como dever cristão ajudar a Igreja a se libertar destes resíduos de poder temporal e a se tornar uma verdadeira defensora da liberdade.

IHU On-Line - Por que, a seu ver, independente de religiões ou crenças, a humanidade carece de ações de caridade?

Gianni Vattimo - Entrará aí o "pecado original"? Eu tendo a identificar o mal com o domínio, a vontade de opressão, o instinto da posse, que parecem depender da vontade de conservar-se e intensificar a própria vida. A idéia de que haja uma vida além da morte, ou, de certo modo, um sentido da história que não se identifica com a minha existência individual no mundo, deve funcionar como um limite à violência. A humanidade, como a conhecemos, é assim, não sei se dependeria do pecado de Adão (mas, também este, de onde vinha?). O que posso fazer é procurar limitar, em mim e no mundo, a violência que se exerce por toda parte.

IHU On-Line - Se cada ser humano tem uma percepção pessoal sua sobre vida, morte, moral, costumes, que leis devem reger este Estado laico? Na prática, é possível separar domínio público e domínio privado? Como garantir a dignidade humana de escolha?

Gianni Vattimo - Também aqui não creio que haja soluções universais. Há jogos de forças históricas, que deveriam se voltar para o respeito da liberdade de escolha de cada um, a fim de que esta não lese a igual liberdade de todos. Liberalismo, mais uma vez, com a consciência de que não existe jamais, estatisticamente, uma ordem da liberdade, pois ela é sempre de novo conquistada.

A existência, como ensinava Heidegger, é sempre projeto, jamais conservação de uma ordem ideal.

IHU On-Line - Também se muitos percebem o secularismo (ou a secularidade) como uma oportunidade a fim de que a religião volte a viver no coração dos homens, e não como um trabalho anti-religioso, como o senhor percebe o diálogo entre os cristãos e esta pluralidade de religiões?

Gianni Vattimo - Creio que o encontro com outras religiões, como com outras visões filosóficas do mundo ou outras morais, me constrinja utilmente a tomar consciência da finitude de minha colocação histórica. Posso ser sinceramente crente e sinceramente relativista? Creio que sim, e até creio dever sê-lo. Estou sempre disponível a ser desmentido. Naturalmente, para resistir nesta condição, devo ser aquilo que Nietzsche chamava de "um super-homem", mas Jesus o chamaria somente de um homem caritativo, que mantém a porta de sua casa aberta a todos.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a posição de Bento XVI em relação ao diálogo inter-religioso, quando ele diz que o diálogo inter-religioso é impossível, a menos que o crente ponha a sua fé entre parênteses?

Gianni Vattimo - Certamente Bento XVI não quer que o cristão seja um super-homem no sentido em que eu disse. Nisto, parece-me que ele se engane gravemente; sua pregação da caridade é de toda vazia, se não hipócrita.

BAÚ DA IHU ON-LINE

>> Gianni Vattimo já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira o material na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu).

* *"O cristianismo é a religião do pós-moderno"*. Revista IHU On-Line número 88, de 15-12-2003;

* *"Deus é projeto, e nós o encontramos quando temos a força para projetar..."*. Revista IHU On-Line número 128ª edição, de 20-12-2004;

* *"O pós-moderno é uma reivindicação de multiplicidade de visão de mundo"*. Revista IHU On-Line número 161, de 24-10-2005;

* *"O nazismo e o 'erro' filosófico de Heidegger"*. Revista IHU On-Line número 187, de 03-07-2006;

* *Richard Rorty e seu legado filosófico*. Revista IHU On-Line número 225, de 25-06-2007;

* *Afirmar o princípio da solidariedade, a ética do futuro*. Revista IHU On-Line número 240, de 22-10-2007.

Invenção

Editoria de Poesia

Pádua Fernandes

POR ANDRÉ DICK

O poeta e ensaísta Pádua Fernandes nasceu no Rio de Janeiro, em 1971. O primeiro livro que publicou, *O palco e o mundo* (Lisboa: & etc/Edições Culturais do Subterrâneo, 2002), desenvolve, em suas entrelinhas, um pensamento antropofágico. O segundo, *Cinco lugares da fúria* (São Paulo: Hedra, 2008), tem um tom maior de contestação social. Torna-se imprescindível, a partir disso, destacar a dedicatória de seu livro de estreia, em que o autor ignora a ‘escola poética’ Desvairismo, criada por Mário de Andrade em seu “Prefácio interessantíssimo” de *Pauliceia desvairada*, e se diz a favor do inconformismo, com letra minúscula. Movimento semelhante se dá em relação à uma possível tradição na qual o livro se insere. Pádua Fernandes utiliza um hibridismo entre prosa e poesia que se insere na uma linhagem de autores que tentaram, pelo menos de forma mais visível, esse caminho. Para não falarmos nos conhecidos clássicos (franceses, sobretudo, a exemplo de Rimbaud, Mallarmé e Baudelaire), só aqui no Brasil teríamos, nesse campo, os exemplos de Oswald, Guimarães, Haroldo de Campos, Leminski e de Hil-da Hilst, destacando-se *Fluxo-floema*. *O palco e o mundo* possui um ritmo controlado, mas, ao mesmo tempo, foge ao convencional. Seu trabalho possui um “domínio de pensamento sobre as palavras”, característica que Octavio Paz, em *O arco e a lira*, vislumbra na prosa. Em seu segundo livro, Pádua procura um diálogo mais forte com o universo contemporâneo, com todos os seus problemas, mas sem

esquecer de um discurso enviesado.

A ligação da literatura com outras artes (a pintura, a música e a dança, principalmente) extraliterárias está presente sobretudo em *O mundo e o palco*. Não há, por meio disso, o sentido de procurar a mera representação ingênua da realidade, mas sim a desorganização (para reconstruir) do retrato que a vida real nos dá, por meio de fragmentos, sensações, sentimentos dúbios, desintegradores da linguagem — o que se marca presença também em *Cinco lugares da fúria*. Como Pádua escreve, “arte não é uma imitação da natureza, mas uma natureza ela mesma”, daí uma explicação de o palco vir antes do mundo na ordem do título. Trata-se de um movimento pensado sem excessos de linguagem, o que poderia acontecer, ainda mais que o livro adota um “exercício de liberdade de pensamento” (sem querer, consequentemente, dominar o acaso), como observa o poeta português Alberto Pimenta no prefácio.

O livro da modernidade

A figura do pintor é corrente em *O palco e o mundo*, pois ele, mais do que os personagens que encenam o texto que é escrito, para ser lido ou silenciado, por Fernandes, representa uma determinada solidão diante da cena. Ou, sob outro ângulo, de passagem a ser ainda realizada e (lembre-se a calcografia), construída em forma de *Livre* aleatório. Este, claro, contém uma presença de Mallarmé, como no poema dedicado a Waltercio Caldas, um dos mais criativos

de *O palco e o mundo*: “um livro com todas as páginas iguais / não: um livro com todas as páginas iguais, porém apagadas / isto é: um livro com todas as páginas iguais, todas apagadas, mas em diferentes graus de esvaecimento”, cuja negatividade é representativa da consciência moderna, caracteriza-se também pelo distanciamento espacial entre os versos, pela busca aleatória de uma página diferente num livro com páginas iguais, num confronto entre esquecimento e lembrança. Deste, resta “uma só” e enriquece ainda mais a chamada literatura, cuja configuração não pode ser reduzida à tese de um professor caracterizando o palco em que é encenada, acabando por não se prender apenas à palavra escrita. O poeta, em busca de uma dicção que possa ressaltar suas ideias, parece saber que o “grau da página” não seria bem o “grau zero da escritura”, de Roland Barthes, se assemelharia mais quanto à decomposição da origem textual. Esta sempre seria feita de resíduos, com a consciência de seu desaparecimento, do desgaste destrutivo da linguagem moderna, em que o livro busca se sintetizar por meio de uma única página. Recordando talvez Borges da premissa sugerida pelo *Livro de areia*, já em outro poema, há uma perda da referida totalidade do enunciador, desse “grau da página”, quando Pádua, através de “palavras impossíveis”, distribui alguns versos como grãos, entre a fala (o “dizer”) e o silêncio (“não se diz”), querendo o leitor que pode dar sentido à obra. No poema inédito que enviou à IHU On-Line, Pádua procura analogias sociais com o animal do título.

A vaca

I

Nos olhos da vaca,
o céu vermelho.

A vaca está morta.
Os chifres não.

O céu vermelho.
A vaca poderia lambê-lo,
sorver todo o sangue
e salvar o céu.

Mas a vaca está morta.

Seria uma solução,
não houvera chifres.

II

O vermelho pinga
dos olhos da vaca
e abre um rio
que afoga as ruas.

Cinzas eram os prédios,
calçadas e becos,
mas não depois
da morte da vaca.

A vaca era uma vaca,
ameaçava a sociedade.

Prédios e esquinas
erguem-se contra o rio.

Alguém ergueu o punhal
quando a vaca foi assassinada?
Ou a morte foi mera
consequência da arquitetura?

III

Jujubas são feitas da vaca.
Crianças comem-nas.

A vaca
replicava as proteínas,
girava as hélices duplas,
retorcia o nada.

As crianças giram,
retorcem-se, replicam
os antropófagos
lambuzando-se
do nada.

Você é o que come,
dizem os vegetarianos.

IV

No campo o cadáver improdutivo da vaca.

Retalhá-lo, para que os vermes beijem o sol?
Queimá-lo, para que as cinzas esterilizem o território?
Abrir-lhe buracos para penetrar na podridão imensa,
nela fundar colônias, devastar florestas
chegar ao útero
e descobrir que estava grávida do labirinto?

Saíram de dentro da vaca.
Olharam os campos. Nenhum espaço
que já não fosse o labirinto.

V

O jogador enrola-se na bandeira do país,
deita na grama
e promete faminto a vitória.

O jogador empanturra-se de grama
verde como a bandeira de seu país
e descobre que a vitória é uma vaca.

Ele muge. Assim
declama corretamente
os dizeres da bandeira do país

enquanto abre as pernas
para os dez touros;
lambe a vitória nos vinte chifres.

VI

Réquiem para a vaca.
Quem o cantaria?
Mozart mugia mal.
Lacrymosa

Repousai em paz
com o sêmen dos necrófilos,
com a pá dos profanadores.
Quid sum miser

Réquiem para a vaca.
Ninguém o cantaria.
Verdi não ruminava,
não sabia imitar as mandíbulas da terra
que recebe os corpos amorosa.
Kyrie eleison

Repousai ainda em paz;
o ventre visitado pelos necrófilos
será aberto pela pá dos profanadores.
Nascemos todos de vós.
Rex tremendae

A ira de deus.
Mas no túmulo da vaca
é dele o corpo que apodrece.
Libera me

VII

Morta,
a vaca está de volta.
Procura vítimas.

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 23-03-2009 a 28-03-2009.

Política do comum: uma fonte direta de valor econômico
Entrevista com Christian Marazzi

Confira nas Notícias do dia 23-03-2009

Defensor da política do comum, Christian Marazzi diz que é necessário repensar a política global. Nesse sentido, aponta, é essencial desenvolver formas políticas de organizações das comunidades biopolíticas.

San Romero da América, mártir!

Entrevista com Diego Irazaval

Confira nas Notícias do dia 24-03-2009

Há 29 anos o Arcebispo de El Salvador, Oscar Romero, era assinado em razão da sua luta pelos direitos do povo salvadorenho. Nesta entrevista, Diego Irazaval relembra sua trajetória e sua mensagem para o povo latino-americano.

Raposa Serra do Sol. Uma vitória dos povos indígenas

Entrevista com Saulo Feitosa

Confira nas Notícias do dia 25-03-2009

“Raposa Serra do Sol significa a consolidação dos direitos originais dos povos indígenas sobre as terras que ocupam. Eles têm, depois de 34 anos, o coroamento de uma longa

luta”, avaliou o vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário – CIMI.

Quando a crise representa um avanço

Entrevista com Paulo Brack

Confira nas Notícias do dia 26-03-2009

“As regras ambientais e trabalhistas estavam ruindo pelo processo do chamado Estado Mínimo criado pelo capitalismo moderno” e, por isso, podemos considerar que a crise financeira é, de certa forma, um avanço”, afirmou o biólogo gaúcho.

“É essencial mudar”

Entrevista com Philip Fearnside

Confira nas Notícias do dia 27-03-2009

Para o pesquisador, o grande problema do Plano Decenal de Energia é que ele não discute qual a finalidade de toda essa energia gerada a partir das previsões do projeto.

Pesquisas com células-tronco: da autonomia científica às questões éticas

Entrevista com Hugh Lacey

Confira nas Notícias do dia 28-03-2009

“Os cientistas, afinal de contas, não têm competência especial em questões éticas”, afirmou o filósofo da ciência, Hugh Lacey, em entrevista sobre o desenvolvimento das pesquisas com células-tronco.

Leia as
Notícias do Dia em
www.unisinos.br/ihu



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Fé, arte e cultura na Páscoa IHU 2009

POR MÁRCIA JUNGES E MOISÉS SBARDELOTTO

Filmes, banners, audição e debates sobre peças musicais, palestras, seminários e minicursos com especialistas renomados, além de momentos celebrativos e retiro espiritual, compõem a programação artístico-cultural da Páscoa promovida pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Celebrando a data mais importante da fé cristã, o evento discute, também, o significado da figura de Jesus Cristo e os seus impactos na cultura contemporânea. Dessa forma, o IHU busca dialogar com as grandes tradições religiosas da humanidade, servir a fé e promover a justiça.

Está ocorrendo uma exposição de banners que apresentam, em formato impresso, a relação entre as religiões do mundo e a ética mundial. Já traduzidos em diversos idiomas, os banners foram expostos em muitas partes do mundo, como na ONU, em Nova York, e agora desembarcam na Unisinos, entre os dias 16 de março e 16 de abril.

Cinema e literatura são outros atrativos da programação de Páscoa do IHU. A Unisinos exhibe, em diferentes dias, filmes clássicos que retratam a Paixão de Cristo. Assim, foi possível conferir *A paixão da Pathé*, de Ferdinand Zecca, rodado em 1902, e *A paixão de Cristo*, de Mel Gibson, de 2004, que será exibida em 7 de abril. A presença de Jesus no cinema, suas representações, a estética e a narrativa envolvidas também foram tema de palestras, nos dias 18 e 19 de março, com o Prof. Dr. Luiz Antônio Vadico, da Universidade Anhembi Morumbi, de São Paulo, e membro

da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine). E, no dia 26 de março, as narrativas de Deus na literatura latino-americana estiveram em debate na Unisinos, com a presença do Prof. Dr. Paulo Soethe, doutor pela Universidade de Tübingen, na Alemanha, atual professor da Universidade Federal do Paraná e membro do Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil.

Já o Prof. Dr. Evaristo Eduardo de Miranda, mestre e doutor em ecologia pela Universidade de



Montpellier, na França, e chefe geral da Embrapa, fará palestras no dia 31 de março sobre a sacralidade e a importância da água e do fogo na natureza e na vida espiritual. Profundo conhecedor da teologia espiritual, agente da Pastoral da Esperança e autor de vários livros sobre espiritualidade, Miranda é assessor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

A música clássica serve como ponto de aproximação entre o público e os mistérios da Paixão de Cristo. Por meio de audição comentada e meditação

pascal, a Profa. Dra. Yara Caznok, musicista e professora do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp), explora a cantata “Ich hatte viel Bekümmernis”, de Johann Sebastian Bach, e “Missa Solemnis em Ré maior”, de Ludwig van Beethoven, para aprofundar, por meio delas, o sentido da morte e da ressurreição de Jesus Cristo. Os encontros acontecem em 2 e 3 de abril.

Para os interessados em liturgia, o IHU promove dois minicursos especiais com a Prof.^a Dr.^a lone Buyst, professora do Centro Universitário Assunção, de São Paulo. A partir dos símbolos da água e da luz, lone, que também é membro do conselho de redação da Revista de Liturgia e uma das criadoras do Laboratório Litúrgico, irá abordar a vivência litúrgica da vigília pascal. Os encontros, que têm vagas limitadas, ocorrem nos dias 1º e 2 de abril.

No dia 6 de abril, o Prof. Dr. Pe. Leomar Antônio Brustolin, pároco

da Catedral de Caxias do Sul e coordenador do PPG em Teologia da PUCRS, com doutorado em teologia pela Pontificia Università San Tommaso, na Itália, irá abordar o tema “A paixão de Cristo hoje”. Um retiro espiritual, nos dias 25 e 26 de abril, para universitários, encerra a programação.

Todas essas atividades tem o apoio do CNPq e do Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil.

Confira mais detalhes e a programação completa em www.unisinos.br/ihu.

Perfil Popular

Luís Carlos de Souza

POR BRUNA QUADROS E GRAZIELA WOLFART | FOTO BRUNA QUADROS

Aos 37 anos de idade, Luís Carlos de Souza carrega o dom da poesia. Ele trabalha no departamento de limpeza da Dalkia, empresa que presta serviços à Unisinos. Para Luís, trabalhar na universidade é a realização de um sonho. Um sonho que lhe dá tanta satisfação quanto o ofício da escrita, ao qual ele vem se dedicando há algum tempo. Quando esteve na redação da IHU On-Line para falar sobre suas experiências e sua visão de mundo, Luís Carlos mostrou como sua vida se constrói com a alegria em família, o apoio dos amigos e o prazer em fazer o que se gosta.



Há 37 anos, nascia na Vila Esperança, em São Leopoldo o jovem Luís Carlos de Souza, filho mais novo entre os seis que seu Francisco e dona Geni tiveram. De lá, a família se mudou para perto da estação de trem da cidade, onde vive até hoje. Luís Carlos lembra que a vida não era fácil, era tudo precário, pois só o pai trabalhava. Seu Francisco ajudava a fazer montarias para cavalo e a mãe, Geni, era dona de casa.

Como era o filho mais moço, Luís se lembra de quase sempre ter que brincar sozinho. “Até na escola a professora estranhava que eu estava sempre sozinho, mas já era costume.” O que ele mais gostava era de jogar futebol. “Eu me dava bem com os meus irmãos e eles às vezes até pagavam o pato das artes que eu fazia, por eu ser o mais novo. Eu nunca levava a pior, tudo sozinha para os mais velhos”, lembra, rindo.

Ao recordar os momentos da infân-

cia, Luís afirma que o pai lhe ensinou a ser sempre honesto. Ele dizia “se vocês estão errados, baixem a cabeça e escutem. Mas, se vocês estiverem com a razão, ninguém pode tirar ela de vocês. Podem discutir com qualquer um, porque ninguém é melhor do que ninguém”. E isso ficou para a vida toda.

Estudos e emprego

Até os 11 anos de idade, Luís havia concluído a quinta série do antigo primeiro grau. Depois parou e só voltou a estudar com 30 anos, à noite, terminando o Ensino Fundamental. “Eu sabia que precisar estudar por causa do trabalho. Chegava em qualquer lugar para pedir emprego e exigiam o primeiro grau. Eu tinha a profissão que eles pediam, mas não tinha o estudo”, explica. Ele confessa que pretende continuar a estudar, quem sabe até fazer o curso de Letras.

Luís Carlos começou a trabalhar com 14 anos, em Novo Hamburgo, em uma fábrica de calçados, para ajudar no orçamento em casa. Trabalhou também em uma empresa na Avenida São Borja, em São Leopoldo, que fechou. E faz quase três anos que está na Unisinos, trabalhando na Dalkia. “Trabalho na limpeza do câmpus, varro, limpo as salas de aula, lavo os toldos que têm que lavar, trabalhando sempre em equipe. Eu adoro trabalhar aqui. Me sinto bem, era um sonho que eu tinha de trabalhar aqui dentro”.

Poesia e inspiração

Já faz algum tempo que, nas horas vagas, Luís Carlos também é poeta. Ele conta que começou a escrever “de brincadeira”. “Fazia bilhetinhos para minha esposa, deixava na geladeira.” Aos poucos, ele foi pegando gosto e hoje escrever já se tornou um hábito.

“Se estou em casa, pego papel e caneta. Olho um filme, uma novela e até as conversas das pessoas servem de inspiração. Se gosto de uma frase eu já encaixo, faço um texto. Virou mania para mim.” Seus escritos são publicados no *Jornal do DCE* da Unisinos. “Me sinto realizado escrevendo, eu gosto mesmo”, descreve. Quando seus textos são publicados ele sente como se tivesse ganhado um prêmio, “uma medalha na olimpíada”. E confessa que, se pudesse, gostaria de viver disso.

Seu autor de preferência é Mario Quintana, “não só pelo que ele escreveu, mas pela pessoa que ele foi. Meu amigo, o professor Pedro Osório, me deu um livro dele de presente. Pela TV, eu achava ele super simpático, com uma visão de futuro incrível. E isso me inspira”, explica.

Família

Luís Carlos é casado há 15 anos com a Rose e eles têm um filho de 10, o Leonardo. “Fiz tudo normal, direitinho. Não foi aquela coisa de ter que casar porque engravidou a guria.” O filho veio depois de cinco anos de casados. “Não foi um descuido, foi planejado”. Luís considera uma grande responsabilidade ser pai. E garante ser um pai participativo. “Procuro sempre ajudar meu filho nos estudos, incentivá-lo no que ele gosta de fazer. O que eu aprendi do meu pai eu procuro passar para ele. No meu tempo era tudo na rigidez. Hoje já não é tanto, procuro ensinar sem usar a violência, só conversando.” A família é o centro da vida do poeta. “Sem eles não teria sentido tocar em frente. Eu não me vejo separado ou sem filhos, me vejo como estou agora. Peguei o rumo certo.”

O dia mais feliz da sua vida foi quando nasceu o filho Leonardo. O bebê ficou 11 dias na UTI, porque nasceu prematuro. “Mesmo assim, apesar da preocupação, foi uma grande alegria.” E o momento que Luís lembra com mais tristeza foi a perda de um irmão, “que saiu de casa para jogar bola e voltou dentro de um caixão. Morreu envolvido em uma briga”.

Fé e espiritualidade

Luís é evangélico, mas diz que não é “praticante” há algum tempo. Ele define sua fé da seguinte maneira: “eu acredito em duas coisas só — Deus e o diabo. O resto eu não acredito. Esse negócio de botar cartas, búzios, isso não faz minha cabeça, não acredito. Também não acho que a pessoa morre e volta. Não. A pessoa morreu, morreu, não vai voltar pra fazer nada, nem pra te pedir, nem pra te assustar. Cada um tem seu tempo no mundo”.

Política no Brasil

Na opinião de Luís, a política brasileira atualmente está melhor, “porque an-

tes estava horrível”. E ele explica: “antigamente o povo, os pobres, eram muito pouco ajudados. O governo só ajudava as pessoas de posse e eles mesmos, que só queriam enriquecer. Agora tem esses programas que antes não tinha. Muitos falam do Lula, mas para mim está ótimo, ele está ajudando muita gente. Não estou dizendo que é perfeito, mas é que tem muita coisa para se fazer. Nos outros governos só se conquistavam as coisas no grito, na revolução, tinha que fazer passeata, greve. Agora não precisa mais disso”.

Gentilmente em sua visita à nossa revista, Luís Carlos de Souza nos cedeu um poema de sua autoria, que publicamos a seguir.

Palavras somente palavras e nada mais

Estou esperando a minha chance surgir
Andando na corda bamba cuidando pra não cair
Tentando descobrir por onde devo ir
Saboreando os momentos tentando evoluir
Sabendo como chegar tendo medo de sentir
Quem sabe eu possa conquistar o meu espaço
Seguir sempre em frente sem voltar atrás
Talvez esteja com muita vontade e pouca emoção
Dividido entre o desejo e a razão
Um menino esperto cheio de idéias geniais
Um simples humano em meio aos demais
Querendo simplificar as palavras e as questões
Sendo sempre exato mantendo as ambições
Com o mundo por espelho e a vida por caminho
Carente sem amor totalmente sem carinho
Sendo aquele pássaro solitário na imensidão
Querendo ficar para sempre na palma da tua mão
Olhando no profundo de teus olhos no oculto do teu ser
Lutando contra o tempo sem vontade de viver
Estando sempre presente em cada amanhecer
Sorrindo para o acaso chorando sem entender
Matando um grande sonho para um novo Fazer.

IHU Repórter

Ederson Luiz Locatelli

POR MÁRCIA JUNGES | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Jesuíta, filósofo, professor, estudante no mestrado de Educação da Unisinos, responsável pela Interface da Unisinos Virtual com a Educação Continuada, malhador “de carteirinha” e alguém que gosta de cultivar amigos, ir ao cinema e dançar um bom vanerão. Assim é Ederson Luiz Locatelli, um paranaense que, em 2001, ingressou na Companhia de Jesus e encarou, por dois anos, o desafio de lecionar para estudantes do Ensino Médio. Com muito bom humor e certeza de suas escolhas e convicções, ele relembra que o convívio com os alunos trouxe-lhe aprendizado e crescimento. Confira a entrevista que Ederson nos concedeu, pessoalmente, na redação da IHU On-Line.



Origens

Sou paranaense, nascido em Francisco Beltrão, sudoeste do Estado. Quando eu tinha dois meses de idade, minha família veio para Santa Catarina, no município de Forquilha, no Sul do Estado, entre Criciúma e Araranguá. Minha mãe é gaúcha, e meu pai é paranaense. Conheciam-se desde crianças. Casaram-se e tiveram três filhos, eu e mais dois irmãos: Sergio e Robson, que continuam em Forquilha. Sou o caçula, o mais mimado. Vivi com minha família até os 21, quando entrei para a Companhia de Jesus.

Vocação

Com 16 anos, comecei a participar de grupos de jovens junto do meu irmão Robson e um amigo. Com o passar do tempo, a coisa foi ficando séria, por-

que começamos a participar de retiros de jovens, e então nos enturmamos de verdade. Era o ano de 1996, auge da Renovação Carismática, quando “estourou” o fenômeno Padre Marcelo Rossi. Tínhamos colegas do Grupo que faziam parte da Renovação e essas músicas nos divertiam muito e marcaram de forma sadia a nossa juventude. Nos finais de semana, nos encontrávamos na casa de um ou outro, fazíamos pipoca, olhávamos filmes ou fazíamos retiros, seja organizando encontros, seja participando deles. Foi então que pensei que poderia trabalhar mais com isso, e percebi que a vida religiosa poderia ser esse espaço que eu procurava. Então fui fazer uma orientação com a Ir. Leonir, no Colégio das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, em Forquilha, onde estudei no Ensino Fundamental. Uma dessas irmãs trabalhava conosco na PJ. Naquela época eu tinha 20 anos e trabalhava no escritório

representante do frigorífico Avipal, na parte de informática. Então deixei família, amigos e trabalho e segui a vida religiosa.

Escolhendo a Companhia de Jesus

A irmã com quem fiz a orientação vocacional me emprestou um livro chamado *Profetas do reino*, editado pelo Pime (Pontifício Instituto das Missões Exteriores), uma ordem de missionários, no qual era apresentado um pouco sobre cada uma das congregações. Isso deveria ajudar-me no direcionamento da minha escolha. Ingenuamente, estabeleci alguns critérios para escolher a ordem na qual ingressaria: a congregação deveria ter mais de 200 anos de existência, trabalhar com educação e estar espalhada por vários países do mundo. Assim, entrei em contato com oito ordens. Pessoalmente, visitei os franciscanos, rogacio-

nistas, salesianos e jesuítas. Era o mês de dezembro quando vim a uma missa aqui na Unisinos, com o Padre Mário Sündermann. Foi nesse dia que conheci o Carlos Jahn, que costumo chamar de meu ícone vocacional. Para mim, ele mostrou a naturalidade que é ser um religioso jesuíta. A minha concepção de religioso era de uma pessoa muito piedosa, uma imagem bem estereotipada. Pensava no seminarista como um rapaz todo “engomadinho”, e o Carlos não tinha nada disso.

Hoje, para mim, ser religioso é ter uma atitude natural, estar inserido no mundo. Eu não perco a minha juventude por ser religioso: malhar, jogar vôlei, ir ao cinema são coisas que se pode continuar fazendo e faço. É preciso dar conta das tuas obrigações como religioso, mas sendo quem você é. A promoção vocacional que podemos fazer é essa: mostrar essa normalidade que temos de viver.

Os desafios da docência

Deixei de lecionar na Escola Técnica Santo Inácio, onde trabalhava 8 horas semanais por dois anos. Na Unisinos eu trabalhava 12 horas. Foi nessa escola que fiz o estágio da licenciatura em Filosofia, e em seguida fui convidado para trabalhar. Lecionava Filosofia para o primeiro ano, e para o segundo e terceiro conduzia seminários, uma disciplina humanista, nos quais discutíamos ética, relacionamento, mercado de trabalho. Era uma disciplina aberta, muito legal. Entretanto, percebi que na Unisinos, trabalhando e estudando, o tema era o mesmo para mim, o que de certa forma me facilitaria a vida. Nesse sentido, a escola estava exigindo muito, pois eu precisava me deslocar até Porto Alegre para dar as aulas, além de prepará-las com antecedência. Foi uma experiência muito enriquecedora, importante para minha formação e carreira docente.

Estar em sala de aula e trabalhar com adolescentes foi um desafio. Minhas aulas eram rodas de conversa. Essa característica era bem vista pelos alunos. Mas é difícil conduzir discussões, porque o grupo exerce uma pressão muito grande sobre os indivíduos, que muitas vezes acabam dizendo coisas que não pensam, exatamente. Há muito temor pela ridicularização, do que os outros vão pensar a seu respeito. Eu incentivava com que

os jovens falassem, seja verbalmente, ou escrevendo suas ideias. Esse período trouxe-me a realização do instinto paterno. Tornei-me bastante próximo dos alunos porque tínhamos muito em comum.

Vida de padre

Havia muita curiosidade dos meus alunos sobre como era ser padre. Eles pensam que passamos o dia todo rezando. Havia um estranhamento, pois ainda se divulga uma imagem muito caricata do religioso. Nossa inserção da Companhia nos faz andar “no fio da navalha”, a um passo da secularização. Por isso, é preciso muita clareza de vocação. E é esse mesmo o tipo vida religiosa que Santo Inácio colocou: viver inserido no mundo, contemplativo na ação. Evidentemente temos orientação e preparação para vivermos essa vocação, com acompanhamento espiritual constante. Escolhemos um dos padres para ser nosso guia espiritual, com quem uma vez por mês temos uma conversa. Com o provincial e o superior da casa a conversa acontece anualmente, e chamamos isso de conta de consciência. Acaba se criando uma relação bem parecida com a de um pai com um filho. Quando saio, por exemplo, falo com o superior da nossa Residência, como eu falava com as pessoas da minha família, dizendo onde vou, com que vou, o que farei. É uma relação de confiança. Somos um grupo e precisamos nos comunicar.

Existe muito interesse sobre a “vida de padre”. Os alunos me perguntavam muito, e eu respondia, com tranquilidade. Afinal de contas, talvez esses jovens nunca mais tenham outra oportunidade de perguntar para uma pessoa tão próxima às curiosidades que eles têm, seja sobre sexualidade, a vida em comunidade, as obrigações e desafios que existem. Muitos jovens continuam pensando que um homem vira padre porque sofreu uma decepção amorosa ou porque é homossexual, devido ao celibato. E ainda há o problema da pedofilia, que infelizmente é realidade em alguns casos e pauta de discussões mundo a fora. Por aí se vê como ainda existe um preconceito sobre a vida religiosa. Então, é por isso que causa espanto o fato de um padre fazer academi-

nia, passear, ir ao cinema, trabalhar.

Essas curiosidades sobre a vida religiosa serviam, no fundo, para refletir sobre a vida dos próprios jovens leigos. Porque o jovem é um ser cheio de questionamentos, dúvidas, seja na vida pessoal ou profissional. É uma fase em que se é muito novo e já se tem que fazer opções sérias, que afetarão toda a vida.

Filosofia

Em 2001, entrei na comunidade vocacional aqui em São Leopoldo. Em 2002 e 2003, fiquei em Cascavel, no noviciado, e fiz um processo alternativo de formação, que foi não ir para o juniorado em João Pessoa, nem para a Filosofia em Belo Horizonte. A província estava testando um novo modelo que era vir para uma universidade. Assim, em 2001, iniciei a Filosofia aqui no câmpus. Fiz quatro disciplinas, fui para o noviciado e depois voltei. Retomei o curso em 2004 e concluí em 2006.

Trabalho

Em 2004, trabalhei na administração do Centro Espiritual Cristo Rei (CECREI). No ano seguinte, passei a ajudar o Padre Pedro Gomes na assessoria de comunicação da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e depois comecei a trabalhar na Educação a Distância da Unisinos. No início, éramos em três pessoas: Profa. Susane Garrido, Profa. Amarolinda Saccol e eu. O objetivo era fazer um relacionamento com as outras instituições da Companhia e trabalhar essa dimensão. Iniciamos com cursos de Educação a Distância (EAD) em colégios da Companhia. Terminei a graduação e logo preparei-me para o mestrado em Educação, no qual ingressei aqui. Minha pesquisa está vinculada ao meu trabalho na Unisinos Virtual. Começamos com um curso de Pedagogia Inaciana e depois com o Projeto Educativo Comum – PEC e Cultura de Rede, que são os fundamentos da nossa educação. Acredito que essa é uma forma de socializar o conhecimento inaciano com nossos colaboradores. Temos 15 colégios no Brasil, e são mais de 3 mil pessoas com quem podemos trabalhar. No ano passado, aconteceu a terceira edição do curso

de pedagogia inaciana, com 68 alunos e a primeira edição do PEC, com 100 alunos. Coordeno os cursos e sou professor.

Objeto de estudos

Sou responsável pela Interface da Unisinos Virtual com Educação Continuada, ajudando a introduzir a cultura de educação a distância em especializações, MBA e extensão. Minha pesquisa no mestrado em Educação estuda redes sociais, formação de professores e pedagogia inaciana. Meu objeto é o Programa Loyola, que promove cursos e eventos com essa transversalidade inaciana. Com isso, também temos um trabalho com a comissão de educação da província. Agora estamos elaborando um evento para junho e haverá um curso de extensão preparatório em EAD. Outra novidade será o espaço inaciano no Second Life, no qual estudaremos de que forma um espaço de convivência virtual, digital, pode ajudar na formação do professor. Então, vamos aprender sobre essa nova ferramenta para a formação de professores.

Quero um sobrinho!

Tenho uma afilhada de 2 anos e meio, a Martina. Há pouco tempo ela começou no balé. Nessa noite, liguei para ela, e pela primeira vez conversamos ao telefone. Ela nasceu quatro semanas após o falecimento do meu pai. A maior dor do meu irmão era do nosso pai não ver a neta. O pai faleceu dia 3 de agosto de 2006 e a Martina nasceu dia 31. A Martina é especial, afinal é minha primeira sobrinha. Antes do Sérgio contar que estavam esperando por ela, eu já participava de uma comunidade do Orkut chamada “eu quero um sobrinho”.

Em todas as viagens que faço, mando postais para ela escritos em português, inglês ou espanhol. Talvez isso a incentive a ter gosto por idiomas, e querer conhecer outros países. Gostaria que ela tivesse os horizontes abertos, como meu irmão e minha cunhada, que moraram na Itália por algum tempo. Estamos acostumando-a a achar natural viajar para o exterior, viver fora,



SEGUNDO EDERSON LOCATELLI, ATIVIDADES COMO MALHAR, IR AO CINEMA E TRABALHAR CAUSAM ESPANTO QUANDO SÃO FEITAS POR UM PADRE

abrir horizontes. Em nossa família isso é uma novidade, pois cada vez que um dos filhos ia de viagem era um momento muito triste.

Horas livres

Gosto de malhar. Isso não é apenas por lazer, mas por necessidade. Malhar dá disposição para fazer outras coisas. Há três anos que faço musculação. No primeiro ano, não levava muito a sério, mas, depois que passei a ver os resultados, me entusiasmei. Vou de três a quatro vezes por semana na academia, faço todos os exercícios, sem “matar” nenhum. Saio de lá “zerado”, com um cansaço diferente. Também gosto de correr, e nos finais de semana vou para a pista do complexo desportivo. Nessas horas, levo meu MP3 e escuto música, seja eletrônica, que é bem animada para malhar, seja axé, com Daniela Mercury e Ivete Sangalo. Outro passatempo é encontrar amigos, tomar chimarrão, fazer uma janta. Com o pessoal de casa vou ao cinema, saímos para almoçar. Visitar lugares tranquilos também é uma opção, além de assistir a shows em DVD. E tem mais: adoro dançar vanerão. É uma coisa que vem de família. Meus pais davam cursos de dança, e também saíam para dançar e nos deixavam na casa da Nona. Quando visito minha família,

danço muito. No ano passado teve a confraternização de final de ano da escola e nós fomos à Churrascaria Schneider. Chamei minha mãe para vir, e dançamos muito na festa.

IHU

O IHU é um centro de produção de conhecimento para a área humanista que serve como fonte para pesquisas, aulas. Essa análise da realidade, a crítica que se faz, e a desconstrução são importantíssimos e nos fornecem chaves para compreender o mundo em que vivemos.

Política

Sou da geração que não milita mais. Falo isso por mim e pelos exemplos que vi de colegas na graduação. Estamos em busca de uma outra forma de militância. Pessoalmente, não defendo partidos. Voto em pessoas nas quais acredito. As diferenças entre esquerda e direita estão se esfacelando, e não sabemos exatamente quem é o quê.

Sonhos

Ser padre e continuar professor. Sempre quis trabalhar com educação. Gosto da gestão universitária, pois encaro como um espaço de criação. Quero estudar, continuar meu mestrado e depois fazer Teologia e doutorado.

Destaques

Sacralidade da água e do fogo



Amanhã, dia 31 de março, durante a programação de Páscoa do IHU, o Prof. Dr. Evaristo Eduardo de Miranda, mestre e doutor em Ecologia e chefe-geral da Embrapa Monitoramento por Satélite, fará palestras sobre a sacralidade e a importância da água e do fogo na natureza e na vida espiritual. Autor de vários livros sobre espiritualidade, Miranda considera que a água seja um infinito de possibilidades, germen dos germens e combustível que alimenta a sede humana de sua busca pelo divino e humano e suas ambiguidades.

Fruição e reflexão pascal a partir de Bach e Beethoven

A música clássica tem seu espaço garantido na programação de Páscoa do IHU, que oferece uma forma diferente de se aproximar dos mistérios da Paixão de Cristo. Por meio de audição comentada e meditação pascal, a Prof^a. Dra. Yara Caznok, musicista e professora do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP), explora a cantata “Ich hatte viel Bekümmernis”, de Johann Sebastian Bach, na tarde do dia 02 de abril, e a “Missa Solemnis em Ré maior”, de Ludwig van Beethoven, durante todo o dia 03 de abril, na atividade “Oração e meditação pascal através da música” para aprofundar, por meio delas, o sentido da morte e da ressurreição de Jesus Cristo.



Novos Cadernos IHU Ideias

Neste mês de março, dois **Cadernos IHU Ideias** foram recém-lançados pelo Instituto Humanitas Unisinos. A edição n° 113, intitulada *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra*, é de autoria de Yentl Delanhesi. Já *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* é o título da edição n° 114 dos **Cadernos IHU Ideias**, de autoria da pesquisadora Sonia Montaño. A versão impressa da publicação pode ser adquirida na Livraria Cultural e/ou pelo endereço livrariaculturalsle@terra.com.br. E a versão eletrônica estará disponível a partir do dia 24/04/09 no sítio www.unisinos.br/ihu.

